

«VIRAR TRAVESTI»

*Trajetórias de Vida,
Prostituição e Vulnerabilidade Social*

Nélson Alves Ramalho

BIBLIOGRAFIA E ANEXOS

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXX

BIBLIOGRAFIA

- Aboim**, Sofia (2009). *Plural masculinities: The remaking of self in private life*. Farnham & Burlington: Ashgate.
- Abraham**, Felix (1997). Genital reassignment on two male transvestites. *International Journal of Transgenderism*, 2(1).
- Acker**, Gila (2017). Transphobia among students majoring in the helping professions. *Journal of Homosexuality*, 0(0), 1-19.
- Adams**, Robert, **Dominelli**, Lena, & **Payne**, Malcom (Orgs.). (2009). *Critical practice in social work* (2ª ed.). Houndmills: Macmillan Publishers.
- Addams**, Jane (1910). *Twenty years at Hull-House, with autobiographical notes*. Nova Iorque: The MacMillan Company.
- Agência Piaget para o Desenvolvimento** (2012). *Recomendações para a redefinição do enquadramento jurídico do trabalho sexual em Portugal*. Arcozelo: APDES.
- Agius**, Silvan, & **Tobler**, Christa (2012). *Trans and intersex people: Discrimination on the grounds of sex, gender identity and gender expression*. Luxemburgo: European Commission.
- Aguiar**, Asdrúbal António (1926). *Evolução da pederastia e do lesbismo na Europa (contribuição para o estudo da inversão sexual)*. Lisboa: Separata do Arquivo da Universidade de Lisboa, vol. XI.
- Aguiar**, Asdrúbal António (1928). *Homossexualidade masculina através dos tempos*. Lisboa: Edição do autor.
- (1929). *Guia de clínica médico-legal* (vol. 3). Paris & Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand.
- Alegria**, Margarida, **Vera**, Mildred, **Freeman**, Daniel, **Robles**, Rafaela, **Santos**, Maria, & **Rivera**, Carmen (1994). HIV infection, risk behaviors, and depressive symptoms among Puerto Rican sex workers. *American Journal of Public Health*, 84(12), 2000-2002.
- Alencar**, Luis Carlos (Diretor). *Bombadeira* [Filme cinematográfico]. Brasil: Singrea Produções. Disponível [aqui](#).
- Alexander**, Priscilla (1988). Prostitution: A difficult issue for feminists. Em F. Delacoste & P. Alexander (Orgs.), *Sex work: Writings by women in the sex industry* (pp. 184-214). Pittsburg: Clei Press.
- Allan**, June, **Briskman**, Linda, & **Pease**, Bob (2009). *Critical social work: Theories and practices for a socially just world*. Crows Nest, Sydney: Allen & Unwin.
- Allen**, Susan, & **Tracy**, Elizabeth (2008). Developing student knowledge and skills for home-based social work practice. *Journal of Social Work Education*, 44(1), 125-143.
- Allmark**, Peter, **Boote**, Jonathan, **Chambers**, Eleni, **Clarke**, Amanda, **McDonnell**, Ann, **Thompson**, Andrew, & **Tod**, Angela (2005). Ethical issues in the use of in-depth interviews: Literature review and discussion. *Research Ethics*, 5(2), 48-54.
- Almeida**, Ana (2005). Disforias de género: Travestismo e transsexualismo. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, 10(6), 379-386.
- Almeida**, Miguel Vale de (2010). O contexto LGBT em Portugal. Em C. Nogueira & J. M. Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação*

- em função da orientação sexual e da identidade de género (pp. 45-92). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. Almeida, São José (2010). *Os homossexuais no Estado Novo*. Porto: Sextante Editora.
- Alvim**, Filipa (2013). «*Só muda a moeda*»: Representações sobre tráfico de seres humanos e trabalho sexual em Portugal. Lisboa, Tese de doutoramento em antropologia apresentada ao ISCTE-IUL.
- Amâncio**, Lígia (2000). Identidade social e relações intergrupais. Em J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia social* (pp. 387-409). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amâncio**, Lígia (2017). Assimetria simbólica: Breve história de um conceito. Em J. M. Oliveira & L. Amâncio (Eds.), *Gêneros e sexualidades: Interseções e tangentes* (pp. 17-36). Lisboa: CIS-IUL.
- Amaral**, Marília, **Silva**, Talita, **Cruz**, Oliveira, & **Toneli**, Maria (2014). «Do travestismo às travestilidades»: Uma revisão do discurso académico no Brasil entre 2001-2010. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 301-311.
- Amaro**, Maria Inês (2012). *Urgências e emergências do serviço social: Fundamentos da profissão na contemporaneidade*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- American Counseling Association** (2010). Competencies for counseling with transgender clients. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 4(3-4), 135-159.
- American Jewish World Service** (2013). *Sex worker rights: (Almost) everything you wanted to know but were afraid to ask*. Nova Iorque: AJWS.
- American Psychiatric Association** (1980). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders — DSM III*. Washington, DC: APA.
- (1994). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders — DSM IV*. Washington, DC: APA.
- (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders — DSM V*. Washington, DC: APA.
- American Psychological Association** (2015). Guidelines for psychological practice with transgender and gender nonconforming people. *American Psychologist*, 70(9), 832-864.
- Amnesty International** (2016). *Amnesty international policy on state obligations to respect, protect and fulfil the human rights of sex workers*. Disponível [aqui](#).
- Amore**, Kate, **Baker**, Michael, & **Howden-Chapman**, Philippa (2011). The ETHOS definition and classification of homelessness: An analysis. *European Journal of Homelessness*, 5(2), 19-37.
- Andrade**, Gabriela, & **Vaitsman**, Jeni (2002). Apoio social e redes: Conectando solidariedade e saúde. *Ciências & Saúde Coletiva*, 7(4), 925-934.
- Antunes**, Luísa (1998). *O travesti: Iniciação e astúcia*. Lisboa: Fim de Século.
- Antunes**, Marina (2002). 'Estrela d'Africa', um bairro sensível. Um estudo antropológico sobre jovens na cidade da Amadora. Lisboa, Tese de doutoramento em antropologia apresentada ao ISCTE-IUL.
- APDES** (2010). *Support and empowerment of female sex workers and trafficked women working in hidden places — Portuguese final report (2008-2010)*. Porto: Indoors Project. Disponível [aqui](#).
- Arinto**, Carlos (1977). Os travestis de Lisboa: Os subterrâneos de um negócio que floresceu depois do 25 de abril. *Opções*, 24, 34-37.
- Associação dos Profissionais de Serviço Social** (2018). *Código deontológico dos assistentes sociais em Portugal*. Lisboa: APSS.
- AthosGLS** (2006, 22 de dezembro). *Travestis são «exportadas» para a Europa*. Disponível [aqui](#).
- Atkinson**, Paul, **Delamont**, Sara, **Coffey**, Amanda, **Lofland**, Jonh, &

- Lofland**, Lyn (Orgs.) (2001). *Handbook of Ethnography*. Londres: Sage.
- Augustín**, Laura (2008). *Sex at the margins: Migration, labor markets and the rescue industry*. Londres & Nova Iorque: Zed Books.
- Austin**, Ashley, **Craig**, Sshelley, **Alessi**, Edward, **Wagaman**, Alex, **Paceley**, Megan, **Dziengel**, Lake, & **Balestrery**, Jean (2016). *Guidelines for transgender and gender nonconforming (TGNC) affirmative education: Enhancing the climate for TGNC students, staff and faculty in social work education*. Alexandria, VA: Council on Social Work Education.
- Baines**, Donna (2007). *Doing anti-oppressive practice: Building transformative politicized social work*. Black Point, Nova Scotia: Fernwood Publishing.
- Bardin**, Laurence (2013). *Análise de conteúdo*. Coimbra: Edições 70.
- Barnad**, Marina (1993). Violence and vulnerability: Conditions of work for street working prostitutes. *Sociology of Health and Illness*, 15, 683-705.
- Barroco**, Maria Lucia (2003). Ética, direitos humanos e diversidade. *Revista Presença Ética*, 3. Disponível [aqui](#).
- (2005). *Considerações sobre a ética na pesquisa a partir do código de ética profissional do assistente social*. Lisboa: Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social.
- Barroso**, Catarina (2013). *Dentro de portas — Trabalhadores do sexo em contexto de interior: Utilização e acesso a serviços de saúde na área da infeção VIH/Sida*. Lisboa, Dissertação de mestrado em saúde pública apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública.
- Barry**, Kathleen (1995). *The prostitution of sexuality*. Nova Iorque: New York University Press.
- Baxter**, Leslie, **Braithwaite**, Dawn, & **Nicholson**, John (1999). Turning points in the development of blended families. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(3), 291-313.
- Beasley**, Chris (2005). *Gender & sexuality: Critical theories*. Londres: Sage.
- Beaud**, Stéphane, & **Weber**, Florence (2007). *Guia para a pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Editora Vozes (trabalho original publicado em 1997).
- Beauvoir**, Simone de (1989). *The second sex*. Nova Iorque: Vintage Books (trabalho original publicado em 1949, *Le Deuxième Sexe*).
- Becerra**, André (2009). Tacones, siliconas, hormonas y otras críticas al sistema sexo-género. Feminismos y experiencias de transexuales y travestis. *Revista Colombiana de Antropología*, 45(1), 119-146.
- Beder**, Joan (1998). The home visit, revisited: Families in society. *The Journal of Contemporary Human Services*, 79(5), 514-522.
- Belizário**, Fernanda (2017). Travesti es una mujer con cuatro cojones y diez sentidos: Experiencias de trabajadoras sexuales brasileñas trans en barcelona. Em C. Olivieri & A. Ortega Santos (Orgs.), *Decolonizando identidades: Pertenencia y rechazo de/desde el sur global* (pp. 107-117). Granada: Instituto de Migraciones.
- Benedetti**, Marco (2000). *A batalha e o corpo: Breves reflexões sobre travestis e prostituição*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- (2005). *Toda feita: O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Beneito-Montagut**, Roser (2011). Ethnography goes online: Towards a user-centred methodology to research interpersonal communication on the internet. *Qualitative Research*, 11(6), 716-735.
- Benjamin**, Harry (1953). Transvestism and transsexualism. *International Journal of Sexology*, 7(1), 12-14.
- (1954). Transsexualism and transvestism as psy-chosomatic and

- somato-psychic syndromes. *American Journal of Psychotherapy*, 8(2), 219-230.
- (1966). *The transsexual phenomenon*. Nova Iorque: The Julian Press.
- Bento**, Berenice (2006a). *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- (2006b). Quando o gênero se desloca da sexualidade: Homossexualidade entre transexuais. Em M. P. Grossi & E. Schwade (Orgs.), *Política e cotidiano: Estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Florianópolis: Nova Letra.
- (2008). *O que é transexualidade*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- Bento**, Benerice, & **Pelúcio**, Larissa (2012). Despatologização do gênero: A politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, 20(2), 569-581.
- Bergh**, Nan, & **Crisp**, Catherine (2004). Defining culturally competence practice with sexual minorities: Implications for social work education and practice. *Journal of Social Work Education*, 40(2), 221-238.
- Berkman**, Cathy, & **Zinberg**, Gail (1997). Homophobia and heterosexism in social workers. *Social Work*, 42, 319-332.
- Berkowitz**, Dana, & **Belgrave**, Linda (2010). «She works hard for the money»: Drag queens and the management of their contradictory status of celebrity and marginality. *Journal of Contemporary Ethnography*, 39(2), 159-186.
- Bernardo**, J., **Campos**, M., **Machado**, G., **Diniz**, G., **Tavares**, J., **Vandolly**, K., & **Júnio**, G. (1997). The portuguese transgender community: An unknown reality. Comunicação apresentada na *XII World AIDS Conference* — «Bridging the Gap». Genebra. Disponível [aqui](#).
- Bertaux**, Daniel (2005). *Los relatos de vida*. Barcelona: Bellaterra.
- Biernacki**, Patrick, & **Waldorf**, Dan (1981). Snowballing sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, 10(2), 141-163.
- Billings**, Dwight, & **Urban**, Thomas (1982). The socio-medical construction of transsexualism: An interpretation and critique. *Social Problems*, 29(3), 266-282.
- Bindman**, Jo, & **Doezema**, Jo (1997). *Redefining prostitution as sex work on the international agenda* [on-line]. Network of Sex Work Projects.
- Boellstorff**, Tom (2004). Playing back the nation: *Waria*, indonesian transvestites. *Cultural Anthropology*, 19(2), 159-195.
- Bogdan**, Robert, & **Biklen**, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borba**, Rodrigo, & **Ostermann**, Ana Cristina (2008). Gênero ilimitado: A construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Revista Estudos Feministas*, 16(2), 409-432.
- Bordo**, Susan (1993). *Unbearable weight: Feminism, western culture and the body*. Berkeley: University of California Press.
- Bordonaro**, Lorenzo, & **Alvim**, Filipa (2008). «The greatest crime in the world's history». Uma análise arqueológica do discurso sobre tráfico de mulheres. Atas do *VI Congresso Português de Sociologia* — «Mundos Sociais: Saberes e Práticas». Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Bornstein**, Kate (1994). *Gender outlaw: On men, women and the rest of us*. Nova Iorque: Routledge.
- Borruso**, Miano (2002). Hombre, mujer y muxe' en el Istmo de Tehuantepec. México: Plaza y Valdés.
- Bosweel**, Holly (1991). The transgender alternative. *Chrysalis Quarterly*, 1(2), 29-31.

- Bourdieu**, Pierre (1980). *Le sens pratique*. Paris: Éditions de Minuit.
- (1999). *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editora.
- (2002). Um saber comprometido. *Le Monde Diplomatique* (edição portuguesa), ano 3 (35), 3.
- Brill**, Stephanie, & **Pepper**, Rachel (2008). *A handbook for families and professionals*. São Francisco: Cleis.
- Brown**, Helen, & **Cocker**, Christine (2011). Social work values and ethical practice: Moving beyond anti-discriminatory or anti-oppressive practice. Em H. Brown & C. Cocker (Orgs.), *Social work with lesbians & gay men* (pp. 97-115). Londres: Sage.
- Brown**, Mildred, & **Rounsley**, Chloe (1996). *True selves: Understanding transsexualism — for families, friends, coworkers, and helping professional*. São Francisco: Jossey-Bass.
- Browne**, Angela, & **Finkelhor**, David (1986). Impact of child sexual abuse: A review of the research. *Psychological Bulletin*, 99(1), 66-77.
- Browne**, Jan, & **Minichiello**, Victor (1996). The social and work context of commercial sex between men: A research note. *Journal of Sociology*, 32, 86-92.
- Brugha**, T., **Bebbington**, Paul, **MacCarthy**, B., **Sturt**, E., **Wykes**, T., & **Potter**, J. (1990). Gender, social support and recovery from depressive disorders: A prospective clinical study. *Psychological Medicine*, 20, 147-156.
- Brummelhuis**, Han (1999). Transformations of transgender: The case of the Thai Kathoey. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 9(2-3), 121-139.
- Bruto da Costa**, Alfredo (2007). *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Bulmer**, Martin (1980). Comment on «the ethics of covert methods». *British Journal of Sociology*, 31(1), 59-65.
- Bullough**, Vern, & **Bullough**, Bonnie (1993). *Cross dressing, sex, and gender*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Burdge**, Barb (2007). Bending gender, ending gender: Theoretical foundations for social work practice with the transgender community. *Social Work*, 52, 243-250.
- Burgess**, Chistian (2009). Internal and external stress factors associated with the identity development of transgender and gender variant youth. Em G. Mallon (Org.), *Social work practice with transgender and gender variant youth* (2ª ed.) (pp. 53-64). Nova Iorque: Routledge.
- Burgess**, Robert (2001). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora (trabalho original publicado em 1984).
- Burke**, William, & **Burkhead**, E. Jane (1989). Runaway children in America: A review of the literature. *Education and Treatment of Children*, 12(1), 73-81.
- Busch-Geertsema**, Volker (2010). Defining and measuring homelessness. Em B. Edgar & J. Doherty (Orgs.), *Homelessness research in europe* (pp. 19-39). Bruxelas: FEANTSA.
- Butler**, Judith (1993). Imitation and gender insubordination. Em H. Abelove, M. Barale & D. Halperin (Orgs.), *Lesbian and gay studies reader* (pp. 307-320). Nova Iorque & Londres: Routledge.
- (2002). *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del «sexo»*. Buenos Aires, Barcelona & México: Paidós (trabalho original publicado em 1993).
- (2004). *Undoing gender*. Nova Iorque & Londres: Routledge.
- (2015). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (trabalho original publicado em 1990).
- Cabral**, João (1983). Notas críticas sobre a observação participante no contexto da etnografia portuguesa. *Análise Social*, XIX(76), 327-339.

- Cabral**, Vinicius, **Silva**, Joseli, & **Ornat**, Marcio (2013). Espaços de morte e representações sociais de travestis na cidade de Ponta Grossa — Paraná. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 4(1), 139-161.
- Cacioppo**, John, & **Hawkley**, Louise (2003). Social isolation and health, with an emphasis on underlying mechanisms. *Perspectives in Biology and Medicine*, 46(3 supl.), S30-S52.
- Campbell**, Rosie, & **Kinnell**, Hilary (2001). «We shouldn't have to put up with this»: Street sex work and violence. *Criminal Justice Matters*, 42(1), 12.
- Cancian**, Francesca (1993). Conflicts between activist research and academic success: Participatory research and alternative strategies. *The American Sociologist*, 24(1), 92-106.
- Cannon**, Steve, & **Best**, Toby (Orgs.) (2015). *Schools transgender guidance*. Reino Unido: The Intercom Trust & Devon and Cornwall Police.
- Carastathis**, Anna (2014). The concept of intersectionality in feminist theory. *Philosophy Compass*, 9(5), 304-314.
- Cardoso**, Teresa, **Alarcão**, Isabel, & **Antunes**, Jacinto (2010). *Revisão da literatura e sistematização do conhecimento*. Porto: Porto Editora.
- Cardozo**, Fernanda (2007). Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: Notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis. Em M. Grosso, A. Paula & L. Mello (Orgs.), *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis* (pp. 233-251). Rio de Janeiro: Garamond.
- Caria**, Telmo (Org.) (2002). *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.
- Carpenter**, Edward (2016). *Intermediate types among primitive folk*. Nova Iorque: Routledge (trabalho original publicado em 1914).
- Carrara**, Sérgio, & **Vianna**, Adriana (2006). «Tá lá o corpo estendido no chão»: A violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Revista Saúde Coletiva*, 16(2), 233-249.
- Carrijo**, Gilson (2011). Imagens em trânsito: Narrativas de uma travesti brasileira. Em A. Piscitelli, G. Assis & J. Olivar (Orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 185-224). Campinas: Pagu-Núcleo de Estudos de Gênero & UNICAMP.
- (2012). Poses, posses e cenários: As fotografias como narrativas da conquista da Europa. *Estudos Feministas*, 20(2), 525-538.
- Carvalho**, Irene (2008). Transsexualismo: Avaliação de dois transexuais após operação. *Ata Médica Portuguesa*, 21, 103-106.
- (2010). Transexualidade: Vivência do processo de transição no contexto dos serviços de saúde. *Ata Médica Portuguesa*, 23(6), 1001-1010.
- CasaQui** (2014). *Diagnóstico de experiências, competências e respostas na intervenção institucional com jovens LGBT em situação de violência familiar e/ou expulsão de casa*. Lisboa: Casa Qui. Disponível [aqui](#).
- Cashmore**, Judy, & **Shacke**, Rita (2013). The long-term effects of child sexual abuse. *Child Family Community Australia*, 11, 1-29.
- Cassemiro**, Luiza (2010). Tenho o direito de ser «Amapô». As trajetórias de travestis e transexuais face à implementação das políticas públicas de assistência social e saúde. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado em serviço social apresentada à Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Castells**, Manuel (1999). *O poder da identidade* (vol. 2). São Paulo: Paz e Terra.
- Castle**, Tammy, & **Lee**, Jenifer (2008). Ordering sex in cyberspace: A content analysis of escort

- websites. *International Journal of Cultural Studies*, 11(1), 107-122.
- Castro**, Carlos (2000). *Ruth Bryden: Rainha da noite*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Cauldwell**, David (1949). Psychopathia transexualis. *Sexology*, 16, 274-280.
- Cefaï**, Daniel (2013). Qué es la etnografía? Debates contemporáneos. Arraigamientos, operaciones y experiencias del trabajo de campo. *Persona y Sociedad*, 27(1), 101-119.
- Cespedes**, Karina, & **Bundy-Fazioli**, Kimberly (2016). Intersectionality and social work: Omissions of race, class and sexuality in graduate school education. *Journal of Social Work Education*, 52(3), 283-296.
- Charnley**, Helen, & **Langley**, Jackie (2007). Developing cultural competence as a framework for anti-heterosexist social work practice: Reflection from the UK. *Journal of Social Work*, 7(3), 207-321.
- Cheetham**, Juliet (2002). The research perspective. Em M. Davies (Org.), *The blackwell companion to social work* (2ª ed.) (pp. 415-423). Oxford: Blackwell Publishing.
- Choudhury**, Shonali, **Erausquin**, Jennifer, **Park**, Kyuwon, & **Anglade**, Debbie (2015). Social support and sexual risk among establishment-based female sex workers in Tijuana. *Qualitative Health Research*, 25(8), 1056-1068.
- Chua**, Vincent, **Madej**, Julia, & **Wellman**, Barry (2011). Personal communities: The world according to me. Em J. Scott & P. Carrington (Orgs.), *Handbook of social network analysis* (pp. 101-115). Londres: Sage.
- Church**, Stephanie, **Henderson**, Marion, **Barnard**, Marina, & **Hart**, Graham (2001). Violence by clients towards female prostitutes in different working settings: Questionnaire survey. *British Medical Journal*, 322, 524-525.
- Clements-Nolle**, Kristen, **Marx**, Rani, **Guzman**, Robert, & **Katz**, Mitchell (2001). HIV prevalence, risk behaviors, health care use, and mental health status of transgender persons: Implications for public health intervention. *American Journal of Public Health*, 91(6), 915-921.
- Clements-Nolle**, Kristen, **Marx**, Rani, & **Katz**, Mitchell (2006). Attempted suicide among persons: The influence of gender-based discriminations and victimizations. *Journal of Homosexuality*, 51(3), 53-69.
- CMTV** (2013, 24 de abril). *Casamentos gays usados em fraude*. Disponível [aqui](#).
- Cochran**, Bryan, **Stewart**, Angela, **Ginzler**, Joshua, & **Cauce**, Ana (2002). Challenges faced by homeless sexual minorities: Comparison of gay, lesbian, bisexual, and transgender homeless adolescents with their heterosexual counterparts. *American Journal of Public Health*, 92(5), 773-777.
- Código Deontológico do Serviço Policial**. Disponível [aqui](#).
- Código Penal** (2007). Disponível [aqui](#).
- Coelho**, Bernardo (2009). *Corpo adentro: Prostitutas acompanhantes em processo de invenção de si*. Lisboa: Difel.
- Cohen**, Louis, **Manion**, Lawrence, & **Morrison**, Keith (2000). *Research methods in education* (5ª ed.). Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Cohen**, Harriet, **Padilla**, Yolanda, & **Aravena**, Veronica (2006). Psychosocial support for families of gay, lesbian, bisexual, and transgender people. Em D. Morrow & L. Messinger (Orgs.), *Sexual orientation and gender expression in social work practice: Working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people* (pp. 153-173). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Cohen**, Sheldon (2004). Social relationships and health. *The American Psychologist*, 59(8), 676-684.
- Cohen**, Sheldon, & **Wills**, Thomas (1985). Stress, social support,

- and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98(2), 310-357.
- Cohen**, Yechezkel (1991). Gender identity conflicts in adolescents as motivation for suicide. *Adolescence*, 26(101), 19-29.
- Colapinto**, John (2006). *As nature made. The boy was raised as a girl*. Nova Iorque: Harper Perennial.
- Coleman**, Eli, **Colgan**, Philip, & **Gooren**, Louis (1992). Male cross-gender behavior in Myanmar (Burma): A description of the acault. *Archives of Sexual Behavior*, 21(3), 313-21.
- Collier**, Jonh (1957). Photography in anthropology: A report on two experiments. *American Anthropologist*, 59, 843-859.
- Collier**, Jonh, & **Collier**, Malcolm (1986). *Visual anthropology: Photography as a research method*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Colliera**, Kate, **Beusekomb**, Gabriel, **Boscd**, Henny, & **Sandforta**, Theo (2013). Sexual orientation and gender identity/expression related peer victimization in adolescence: A systematic review of associated psychosocial and health outcomes. *Journal of Sex Research*, 50(3-4), 299-317.
- Connell**, Catherine (2010). Doing, undoing, or redoing gender? Learning from the workplace experiences of transpeople. *Gender & Society*, 24(1), 31-55.
- Connell**, Raewyn (1987). *Gender & power*. Cambridge: Polity Press.
- (2005). *Masculinities* (2ª ed.). Cambridge: Polity Press (trabalho original publicado em 1995).
- (2009). *Gender in world perspective*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Conselho da Europa** (2010). *Recomendação CM/Rec(2010)5 do Comité de Ministros aos Estados-Membros sobre medidas para o combate à discriminação em razão da orientação sexual ou da identidade de género*. Disponível [aqui](#).
- (2011). *Discrimination on grounds of sexual orientation and gender identity in Europe*. Estrasburgo: Council of Europe Publishing.
- Constituição da República Portuguesa** (2005). [Aqui](#).
- Cooper**, Ken (1999). Practice with transgendered youth and their families. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 10(3/4), 111-129.
- Cordeiro**, Graça, **Baptista**, Luís, & **Firmino da Costa**, António (Orgs.) (2003). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta Editora.
- Cornwall**, Andrea (1994). Gendered identities and gender ambiguity among *travestis* in Salvador, Brazil. Em A. Cornwall & N. Lindisfarne (Org.), *Dislocating masculinity: Comparative ethnographies* (pp. 111 – 132). Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Correio da Manhã** (2004, 22 de maio). *Travestis assaltam barcos*. Disponível [aqui](#).
- (2006, 9 de outubro). *Travesti roubou outros dois idosos*. Disponível [aqui](#).
- (2007, 16 de abril). *Legalização paga com sexo*. Disponível [aqui](#).
- (2008, 06 de fevereiro). *Baleou travesti e pôs-se em fuga*. Disponível [aqui](#).
- (2008, 19 de fevereiro). *Travesti morto em contentor*. Disponível [aqui](#).
- (2008, 01 de março). *Loures: Travesti assassinado*. Disponível [aqui](#).
- (2008, 15 de março). *Travesti detido por carjacking*. Disponível [aqui](#).
- (2008, 26 de junho). *Travesti queima seis com ácido*. Disponível [aqui](#).
- (2009, 24 de abril). *Homem morto por travesti*. Disponível [aqui](#).
- (2009, 25 de abril). *Travesti mata chinês com fogo*. Disponível [aqui](#).
- (2010, 8 de maio). *Travesti sequestra deficiente e é solto*. Disponível [aqui](#).
- (2010, 27 de outubro). *Travesti espanca assaltante que o alvejou*. Disponível [aqui](#).
- (2011, 16 de janeiro). *Travesti ciumento mutila namorado*. Disponível [aqui](#).
- (2011, 23 de fevereiro). *Travesti confessa morte de amante*. Disponível [aqui](#).

- (2011, 23 de março). *Travesti confessa morte de amante*. Disponível [aqui](#).
- (2011, 25 de maio). *Travesti leva 16 anos por mutilar companheiro até à morte*. Disponível [aqui](#).
- (2018, 13 de maio). *Sexo com travesti acaba com agressões e roubo*. Disponível [aqui](#).
- Costa**, José Barra, & **Alves**, Lurdes Barata (2001). *Prostituição 2001: O masculino e o feminino na rua*. Lisboa: Edições Colibri.
- Costa**, Rogério (2005). Por um novo conceito de comunidade: Redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 9(17), 235-248.
- Crago**, Anna-Louise (2009). *Arrest the violence: Human rights abuses against sex workers in Central and Eastern Europe and Central Asia*. Sex Workers' Rights Advocacy Network.
- Crago**, Anna-Louise, **Rakhmetova**, Aliya, & **Shields**, Acacia (2010). «The policie beat you up, demand money and will detain you until you pay»: Police violence against sex workers in eleven countries in Europe and Central Asia. *Research for Sex Work*, 12, 3-5.
- Crane**, Diana (2000). *Fashion and its social agendas: Class, gender, and identity in clothing*. Chicago & Londres: Chicago Press.
- Crisp**, Catherine, & **McCave**, Emily (2007). Gay affirmative practice: A model for social work practice with gay, lesbian, and bisexual youth. *Child Adolescent Social Work Journal*, 24, 403-421.
- Cronista Sem Abrigo** (3 de julho de 2016). *Salvou-os. E dará a vida por eles*. Disponível [aqui](#).
- Currah**, Paisley, & **Minter**, Shannon (2000). *Transgender equality: A handbook for activists and policymakers*. Nova Iorque: National Center for Lesbian Rights & The Policy Institute of NGLTF.
- Cusick**, Linda (2002). Youth prostitution: A literature review. *Child Abuse Review*, 11, 230-251.
- Dalla**, Rochelle, **Xia**, Yan, **Kennedy**, Heather (2003). «You just give them what they want and pray they don't kill you»: Street-level sex workers' reports of victimization, personal resources, and coping strategies. *Violence Against Women*, 9(11), 1367-1394.
- Daly**, Mary (1978). *Gyn/Ecology: The metaethics of radical feminism*. Boston: Beacon Press.
- Damásio**, Anne Christine (2011). Botando corpo e (re)fazendo gêneros. *Bagoas*, 6, 211-241.
- D'Anglure**, Bernard (2005). The 'third gender' of the Inuit. *Diogenes*, 52(4), 134-144.
- D'Augelli**, Anthony, **Grossman**, Arnold, & **Starks**, Michael (2006). Childhood gender atypicality, victimation, and PTSD among lesbian, gay, and bisexual youth. *Journal of Interpersonal Violence*, 21, 1462-1482.
- D'Augelli**, Anthony, & **Hershberger**, Scott (1993). Lesbian, gay, and bisexual youth in community settings: Personal challenges and mental health problems. *American Journal of Community Psychology*, 21, 421-448.
- David** (2005). Prostitutas, «traficadas» e pãnicos morais: Uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o «tráfico de seres humanos». *Cadernos Págu*, 25, 153-184.
- Davidson**, Julia (1999). *Prostitution, power and freedom*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Davis**, Charlotte (2008). *Reflexive ethnography: A guide to researching selves and others* (2ª ed.). Nova Iorque: Routledge.
- Delacoste**, Frédérique, & **Alexander**, Priscilla (1987). *Sex work: Writings by women in the sex industry*. Pittsburg: Clei Press.
- Dezanove** (2013, 10 de dezembro). *Happier teens cria a casa trampolim*

- para jovens LGBT expulsos de casa. Disponível [aqui](#).
- Diário de Notícias** (2008, 1 de março). *Transsexual assassinada um ano depois de Gisberta*. Disponível [aqui](#).
- (2009, 25 de abril). *Travesti suspeito de regar namorado com gasolina*. Disponível [aqui](#).
- (2010, 19 de fevereiro). *Morte de Gisberta chocou o país*. Disponível [aqui](#).
- (2010, 8 de maio). *Travesti assalta homem com quem queria ter relações*. Disponível [aqui](#).
- (2010, 12 de junho). *Assassinado com facadas em casa onde vivia com travesti*. Disponível [aqui](#).
- Dias, Sónia, Gama, Ana, Fuertes, Ricardo, Mendão, Luís, & Barros, Henrique** (2014). Risk-taking behaviours and HIV infections among sex workers in Portugal: Results from a cross-sectional survey. *Sexually Transmitted Infections*, 91(5), 346-352.
- Dias, Sónia, Mendão, Luís, Cohen, Gabriela, Rego, Inês, Gama, Ana, Fernandes, ... Esteves, Júlio** (2011). *Relatório comunitário: Estudo com trabalhadores do sexo*. Lisboa: GAT, Coordenação Nacional para Infecção VIH/Sida, Alto Comissariado da Saúde & Instituto de Higiene e Medicina Tropical.
- Dias, Sónia, Mendão, Luís, Fernandes, Ricardo, Gama, Ana, Cohen, Gabriela, Rego, Inês, ... Trindade, Sara** (2010). *Estudo PREVIH em homens que têm sexo com homens (HSH) e trabalhadores do sexo (TS)*.
- Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa** (1992). Lisboa: Publicações Alfa.
- Diehl, Juliano** (2009). De ponto a ponto: Um estudo da prostituição travesti. Atas do *I Seminário Nacional de Sociologia & Política UFPR «Sociedade e Política em Tempos de Incerteza»*. Curitiba, Brasil: Universidade Federal do Panamá.
- Doan, Petra** (2007). Queers in the American city: Transgendered perceptions of urban space. *Gender, Place and Culture*, 14(1), 57-74.
- Dominelli, Lena** (1998). Anti-oppressive practice in context. Em R. Adams, L. Dominelli & M. Payne (Orgs.), *Social work: Themes, issues and critical debates* (pp. 3-22). Londres: Macmillan Press.
- Dominelli, Lena** (2002). *Anti-oppressive social work theory and practice*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Dreger, Alice** (1998). *Hermaphrodites and the medical invention of sex*. Cambridge: Harvard University Press.
- Duarte, António, & Clemente, Hermínio** (1982). *Prostituição masculina em Lisboa* (3ª ed.). Lisboa: Contra-Relógio.
- Dubar, Claude** (1997). *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Duchamp, Michel** (1989). Spécificités de la recherche en travail social. Em M. Duchamp, B. Bouquet & H. Drouard (Orgs.), *La recherche en travail social* (pp. 117-166). Paris: Centurion.
- Dunlap, Eloise, & Johnson, Bruce** (1999). Gaining access to hidden populations: Strategies for gaining cooperation of drug sellers/dealers and their families in ethnographic research. *Drugs & Society*, 14(1-2), 127-149.
- Duque, Tiago** (2009). *Montagens e desmontagens: Vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência*. São Carlos, Brasil, Dissertação de mestrado em sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos.
- Durkheim, Emile** (1951). *Suicide: A study in sociology* (J. Spaulding & G. Simpson, Trad.). Nova Iorque: Free Press (trabalho original publicado em 1897).
- Dyna, Chan, Sichan, Keo, & Cockroft, Melissa** (2010). «It's normal for husband to beat his wife»: Sex workers and domestic violence in Cambodia. *Research for Sex Work*, 12, 27-28.
- Edelman, Elijah** (2011). «This area has been declared a prostitution

- free zone»: Discursive formations of space, the state, and trans «sex worker» bodies. *Journal of Homosexuality*, 58(6-7), 848-864.
- Edwards, Anne** (1983). Sex roles: A problem for sociology and for women. *Australian and New Zealand Journal of Sociology*, 19(3), 385-412.
- Eisenberg, Marla, & Aalsma, Matthew** (2005). Bullying and peer victimization: Position paper of society for adolescent medicine. *Journal of Adolescent Health*, 36, 88-91.
- Ekins, Richard** (1993). On male femaling: A grounded theory approach to cross-dressing and sex-changing. *The Sociological Review*, 41(1), 1-29.
- (1997). *Male femaling: A grounded theory approach to cross-dressing and sex-changing*. Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Ekins, Richard, & King, Dave** (1996). *Blending genders: A social aspects of cross-dressing and sex-changing*. Londres: Routledge.
- (1997). Blending genders: Contributions to the emerging field of transgender studies. *International Journal of Transgenderism*, 1(1).
- (1999). Towards a sociology of transgendered bodies. *Sociological Review*, 47, 580-602.
- (2001). Pioneers of transgendering: The popular sexology of David O. Cauldwell. *The International Journal of Transgenderism*, 5(2).
- (2005). Virgínia Prince: Transgender pioneer. *International Journal of Transgenderism*, 8(4), 5-15.
- (2006). *The transgender phenomenon*. Londres: Sage.
- El-Bassel, Nabila, Schilling, Robert, Irwin, Kathleen, Faruque, Sairus, Gilbert, Louisa, Von Bargen, ... Edlin, Brian** (1997). Sex trading and psychological distress among women recruited from the streets of Harlem. *American Journal of Public Health*, 87, 66-70.
- Elder, Glen** (1994). Human agency, and social change: Perspectives on the life course. *Social Psychology Quarterly*, 57(1), 4-15.
- Ellis, Havelock** (1913). Sexo-aesthetic inversion. *Alienist and Neurologist*, 34, 156-167.
- Ellis, Havelock** (1936). Eonism. Em H. Ellis (Org.), *Studies in the psychology of sex* (vol. 2) (pp. 1-111) (trabalho original publicado em 1928).
- Equality and Human Rights Commission** (2010). *Provision of goods, facilities and services to trans people. Guidance for public authorities: Meeting your equality duties and human rights obligations*. Manchester, Glasgow & Cardiff: Equality and Human Rights Commission.
- Erich, Stephen, Boute'-Queen, Needha, Donnelly, Sandra, & Tittsworth, Josephine** (2007). Social work education: Implications for working with the transgender community. *Journal of Baccalaureate Social Work*, 12(2), 42-52.
- Erosheva, Elena, Kim, Hyun-jun, Emler, Charles, & Fredriksen-Goldsen, Karen** (2016). Social networks of lesbian, gay, bisexual, and transgender older adults. *Research on Aging*, 38(1), 98-123.
- Escobar, Laura** (2007). *Progressive care: An examination of male-to-female transgender sex workers' experiences within the health and social service system in San Francisco*. Northampton, EUA, Dissertação de mestrado em serviço social apresentado à Smith College — School for Social Work.
- Esquerda.net** (2008, 15 de março). *Vigília de homenagem à transsexual Luna, assassinada em Lisboa*. Disponível [aqui](#).
- Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação** (2018-2030). Disponível [aqui](#).
- EUAFR – European Union Agency Fundamental Rights** (2009). *Homophobia and discrimination on grounds of sexual orientation and*

- gender identity in the EU member states: Part II — The social situation.*
- Fagner**, Joseylson (2012). *Femininos de montar: Etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens*. Natal, Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado em antropologia social apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Fantus**, Sophia (2013). The dichotomy of sexuality: A narrative-epistemological framework for social work practice and research. *Critical Social Work*, 14(2), 99-113.
- Farley**, Melissa, & **Barkan**, Howard (1998). Prostitution, violence against women, and post-traumatic stress disorder. *Women and Health*, 27(3), 37-49.
- Fausto-Sterling**, Anne (1993). The five sexes: Why male and female are not enough. *The Sciences*, março/abril, 20-24.
- (1994). *Myths of gender: Biological theories about women and men*. Nova Iorque: Basic Books.
- (2000). *Sexing the body: Gender politics and the construction of sexuality*. Nova Iorque: Basic Books.
- FEANTSA** (sd). *ETHOS: European typology on homelessness and housing exclusion*. Disponível [aqui](#).
- Feinberg**, Leslie (1992). *Transgender liberation: A movement whose time has come*. Nova Iorque: World View Forum.
- (1996). *Transgender warriors. Making history from Joan of Arc to Dennis Rodman*. Boston: Beacon Press.
- Fernandes**, Luís (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: As facetas da escrita etnográfica. Em T. Caria (Org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais* (pp. 23-40). Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.
- Fernandes**, Luís, & **Carvalho**, Maria (2000). Por onde anda o que se oculta: O acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de droga através do método do snowball. *Revista Toxicodependências*, 6(3), 17-28.
- Fernández**, Josefina (2004). *Cuerpos desobedientes: Travestismo y identidad de género*. Buenos Aires: Edhasa.
- Ferreira**, Ana (2015). O papel dos/as professores/as face às questões relacionadas com o transgenerismo: Um projeto em desenvolvimento. *LES Online*, 7(1), 67-78.
- Ferreira**, Guilherme (2014). Violência, interseccionalidades e seletividade penal na experiência de travestis presas. *Temporalis*, 27, 99-117.
- (2015). *Travestis e prisões: Experiência social e mecanismos particulares de encarceramento no Brasil*. Curitiba: Multimedia Editora.
- Ferreira**, José (2005). Notas a propósito do enquadramento jurídico da transsexualidade. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, 10(6), 341-378.
- Ferreira**, Rubens (2009). A informação social no corpo da travesti (Belém, Pará): Uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. *Ciência da Informação*, 38(2), 35-45.
- Figueiredo**, Adrianna (2011). «Se pudesse ressurgir, viria como o vento». Narrativas da dor: Corporalidade e emoções na experiência da travestilidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 8, 90-112.
- Figueiredo**, Bárbara (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente (II): Considerações a respeito do impacto desenvolvimental. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 197-216.
- Firmino da Costa**, António (2014). A pesquisa de terreno (16ª ed.). Em A. Silva & J. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 129 — 148). Porto: Edições Afrontamento.
- Fisk**, Norman (1973). Gender dysphoria syndrome (the how, what and why of a disease). Em D. Laub & P. Gandy (Orgs.), *Proceedings of the second interdisciplinary symposium on gender*

- dysphoria syndrome* (pp. 7-14). Palo Alto: Stanford University Press.
- (1974). Gender dysphoria syndrome: The conceptualization that liberalizes indications for total gender reorientation and implies a broadly based multi-dimensional rehabilitative regimen. *Western Journal of Medicine*, 120(5), 386-391.
- Flick**, Uwe (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Floersch**, Jerry, **Longhofer**, Jeffrey, & **Suskewicz**, Jacob (2014). The use of ethnography in social work research. *Qualitative Social Work*, 13(1), 3-7.
- Folkman**, Susan (1984). Personal control and stress and coping processes: A theoretical analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 839-852.
- Fook**, Jan (2002). *Social work: Critical theory and practice*. Londres: Sage.
- Fordham**, Brigham (2007). Dangerous bodies: Freak shows, expression, and exploitation. *UCLA Entertainment Law Review*, 14(2), 208-245.
- Fortier**, Anne-Marie (2001). «Coming home»: Queer migrations and multiple evocations of home. *European Journal of Cultural Studies*, 4(4), 405-424.
- Foucault**, Michel (1983). *Herculine Barbin: O diário de uma hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves (trabalho original publicado em 1978).
- (1994). *História da sexualidade I — A vontade de saber*. Lisboa: Relógio D'Água Editores (trabalho original publicado em 1976).
- (1999). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes (trabalho original publicado em 1975-1976).
- (2007). *Los anormales: Curso en el collège de France (1974-1975)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina SA (trabalho original publicado em 1974-1975).
- Freitas**, Marco (2015). «Podem chamar-me loucura, mas achamos que é cultura»: A performance do transformismo em Lisboa. *Revista Portuguesa de Musicologia*, 2(2), 271-294.
- Furniss**, Tilman (1991). The multiprofessional handbook of child sexual abuse: Integrated management, therapy, and legal intervention. Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Ganhão**, Mafalda (2009, 7 de fevereiro). Morar ao lado da prostituição. *Expresso*. Disponível [aqui](#).
- Garaizabal**, Cristina (1998). La transgression del género. Transexualidades, un reptio apasionante. Em J. A. Nieto (Org.), *Transexualidad, transgenerismo y cultura: Antropología, identidad y género* (pp. 39-62). Madrid: Talasa.
- Garcia**, Marcos (2007). *Dragões: Género, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda*. São Paulo, Tese de doutoramento em psicologia social e do trabalho apresentada à Universidade de São Paulo.
- (2008). Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11(2), 241-256.
- Garcia**, Neil (2009). *Philippine gay culture: Binabae to bakla, silabis to MSM*. Hong Kong: Hong Kong University Press.
- Garfinkel**, Harold (1999). *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press (trabalho original publicado em 1967).
- (2006). Passing and the managed achievement of sex status in an «intersexed» person. Em S. Whittle (Org.), *The transgender studies reader* (pp. 48-93). Nova Iorque: Routledge (trabalho original publicado em 1967).
- Geertz**, Clifford (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora (trabalho original publicado em 1973).
- GenderPAC** (1997). *The first national survey of transgender violence*. Disponível [aqui](#).

- Giddens, Anthony** (2001). *Transformações da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta Editora.
- Gilbert, Miqqi** (2014). Cross-dresser. *Transgender Studies Quarterly*, 1(1-2), 65-67.
- Global Alliance Against Trafficking in Women** (sd). *GAATW-IS comment: Amnesty International calls for the decriminalisation of sex work*.
- Goffman, Erving** (1956). *The presentation of self in everyday life*. Edimburgo: Social Science Research Centre.
- (1977). The arrangement between the sexes. *Theory and Society*, 4(3), 301-331.
- (1990). *Stigma. Notes on the management of spoiled identity*. Londres: Penguin Books (trabalho original publicado em 1963).
- Goldberg, Joshua** (2002). *Trans people in the criminal justice system: A guide for criminal justice personnel*. New Westminster & Vancouver: Women/Trans Dialogue Planning Committee, Justice Institute of BC & Trans Alliance Society.
- Golub, Sarit, Walker, Ja'Nina, Longmire-Avital, Buffie, Bimbi, David, & Parsons, Jeffrey** (2010). The role of religiosity, social support, and stress-related growth in protecting against HIV risk among transgender women. *Journal of Health Psychology*, 15, 1135-1144.
- Gomes, Mariana** (2011). Mulheres brasileiras em Portugal e imaginários sociais: Uma revisão crítica da literatura. *CIES e-Working Paper 106/2011*.
- Gonçalves, Catarina** (2012). *Transformação na configuração e apropriação da casa: Estudo de um edifício da transição para o século XX do bairro Camões, em Lisboa*. Lisboa, Dissertação de mestrado em arquitetura apresentada ao Instituto Superior Técnico.
- Goodman, Harriet** (2001). In-depth interviews. Em B. Thyer (Org.), *The handbook of social work research methods* (pp. 309-319). Londres: Sage.
- Graham, Louis, Crissman, Halley, Tocco, Jack, Hughes, Laura, & Snow, Rachel** (2014). Interpersonal relationships and social support in transitioning narratives of black transgender women in Detroit. *International Journal of Transgenderism*, 15, 100-113.
- Grant, Jaime, Mottet, Lisa, Tanis, Justin** (2011). *Injustice at every turn: A report of the national transgender discrimination survey*. Nova Iorque: National Gay and Lesbian Task Force & National Center for Transgender Equality.
- Gredig, Daniel, & Marsh, Jeanne** (2010). Improving intervention and practice. Em I. Shaw, K. Briar-Lawson, J. Orme & R. Ruckdeschel (Orgs.), *The SAGE handbook of social work research* (pp. 64-82). Londres: Sage.
- Green, Adam** (2007). Queer theory and sociology: Locating the subject and the self in sexuality studies. *Sociological Theory*, 25(1), 26-45.
- Green, Richard** (1999). Transsexualism: Mythological, historical and cross-cultural aspects. Em H. Benjamin (Org.), *The transsexual phenomenon* (pp. 97-103). Düsseldorf: Symposium Publishing (trabalho original publicado em 1966).
- Greer, Germaine** (1999). *The whole woman*. Londres: Doubleday.
- Grossman, Arnold, & D'Augelli, Anthony** (2006). Transgender youth: Invisible and vulnerable.
- (2007). Transgender youth and life-threatening behaviors. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 37(5), 527-537.
- Grossman, Arnold, D'Augelli, Anthony, Howell, Tamika, & Hubbard, Steven** (2005). Parents' reactions to transgender youths' gender nonconforming expression and identity. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 18(1), 3-16.

- Grossman, Arnold, D'Augelli, Anthony, & Slater, Nickolas** (2006). Male-to-female transgender youth: Gender expression milestones, gender atypically, victimization, and parents' responses. *Journal of GLBT Family Studies*, 2(1), 71-92.
- Guadalupe, Sónia** (2003). Programa rede social: Questões de investigação em rede secundária. *Interações*, 5, 67-90.
- Guerra, Isabel** (2010). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipeia.
- (2011). Prefácio. Em P. Silva, O. Sacramento & J. Portela (Orgs.), *Etnografia e intervenção social: Por uma praxis reflexiva* (pp. 7-10). Lisboa: Edições Colibri.
- Guimarães, Katia, & Merchán-Hamann, Edgar** (2005). Comercializando fantasias: A representação social da prostituição, dilemas da profissão e construção da cidadania. *Estudos Feministas*, 13(3), 525-544.
- Haas, Ann, Eliason, Mickey, Mays, Vickie, Mathy, Robrin, Cochran, Susan, D'Augelli, Anthony, ... Clayton, Paula** (2010). Suicide and suicide risk in lesbian, gay, bisexual, and transgender populations: Review and recommendations. *Journal of Homosexuality*, 58(1), 10-51.
- Halberstam, Judith** (1998). *Female masculinity*. Durham: Duke University Press.
- (2005). *In a queer time and place: Transgender bodies, subcultural lives*. Nova Iorque & Londres: New York University Press.
- Hale, Jacob** (2009). *Suggested rules for non-transsexuals writing about transsexuals, transsexuality, transsexualism, or trans_*. Disponível [aqui](#).
- Hamburger, Christian** (1953). The desire for change for sex as show by personal letters from 465 men and women. *Acta Endocrinologica*, 14, 361-375.
- Hamburger, Christian, Sturup, Georg, & Dahl-Iversen, E.** (1953). Transvestism: Hormonal, psychiatric and surgical treatment. *Journal of the American Medical Association*, 152, 391-396.
- Hammarberg, Thomas** (2009). *Human rights and gender identity — Issue paper*. Disponível [aqui](#).
- Handman, Marie-Elisabeth, & Moussuz-Lavau, Janine** (Orgs.) (2005). *La prostitution à Paris*. Paris: Éditions de la Martinière.
- Hanisch, Carol** (1969). *The personal is political*. Disponível [aqui](#).
- Haraway, Donna** (1991). A cyborg manifesto: Science, technology, and socialista-feminist in late twentieth century. Em D. Haraway (Org.), *Simians, cyborgs, and women: The reinvention of nature* (pp. 149 — 181). Nova Iorque: Routledge.
- Harper, Douglas** (2002). Talking about pictures: A case for photo elicitation. *Visual Studies*, 17(1), 13-26.
- Harrison, Barbara** (Org.) (2008). *Life story research* (vol. 1). Londres: Sage.
- Hausman, Bernice** (1992). Demanding subjectivity: Transsexualism, medicine and the Technologies of gender. *Journal of the History of Sexuality*, 3(2), 270-302.
- (1995). *Changing sex: Transsexualism, technology and the idea of gender*. Durham: Duke University Press.
- HBIGDA** (2001) *The Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association's Standards Of Care For Gender Identity Disorders* (6ª versão). Illinois: Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association. Disponível [aqui](#).
- HCH Clinicians' Network** (2002). Crossing to safety: Transgender health & homelessness. *Healing Hands*, 6, 1-6.
- Healy, Lynne** (2008). Exploring the history of social work as a human rights profession. *International Social Work*, 51(6), 735-748.

- Henning-Stout, Mary, James, Steve,** & **Macintosh, Samantha** (2000). Reducing harassment of lesbian, gay, bisexual, transgender, and questioning youth in schools. *School Psychology Review*, 29, 180-191.
- Herd, Gilbert** (Org.) (2003). *Third sex, third gender: Beyond sexual dimorphism in culture and history* (3ª ed.). Nova Iorque: Zone Books (trabalho original publicado em 1993).
- Héritier, Françoise** (1998). *Masculino/feminino: O pensamento da diferença*. Lisboa: Piaget.
- Hertz, John, Tillinger, Karl-**Gunna, & **Westman, Axel** (1961). Transvestism: Report on five hormonally and surgically treated cases. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 37(4), 283-294.
- Hicks, Stephen** (2008). Thinking through sexuality. *Journal of Social Work*, 8(1), 65-82.
- Hill, Darryl, & Willoughby, Brian** (2005). The development and validation of the genderism and transphobia scale. *Sex Roles*, 53(7-8), 531-544.
- Hiller, Sarah, Syvertsen, Jennifer, Lozada, Remedios, & Ojeda, Victoria** (2013). Social support and recovery among Mexican female sex workers who inject drugs. *Journal of Substance Abuse Treatment*, 45, 44-54.
- Hillock, Susan, & Mulé, Nick** (Orgs.) (2016). *Queering social work education*. Vancouver: University of British Columbia Press.
- Hines, Sally** (2007a). (Trans)Forming gender: Social change and transgender citizenship. *Sociological Research Online*, 12(1).
- (2007b). *TransForming gender: Transgender practices of identity, intimacy and care*. Bristol: The Policy Press.
- (2010). «Queerly situated?» Exploring negotiating of trans queer subjectivities at work and within community spaces in UK. *Gender, Place & Culture*, 17(5), 597-613.
- Hines, Sally, & Sanger, Tam** (Orgs.) (2007). *Transgender identities: Towards a social analysis of gender*. Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Hirsch, Barton** (1981). Social networks and the coping process: Creating personal communities. Em B. Gottlieb (Org.), *Social networks and social support* (pp. 149-170). Beverly Hills: Sage.
- Hirschfeld, Magnus** (1910). *Die Transvestiten. Eine Untersuchung über den erotischen Verkleidungstrieb*. Berlim: Alfred Puvrmacher & Co.
- (1923). Die intersexuelle konstitution. *Jahrbuch für Sexuell Zwischenstufen*, 23, 3-27.
- (1966). *Sexual anomalies and perversions: Physical and psychological development and treatment*. Nova Iorque: Encyclopaedic Press (trabalho original publicado em 1935).
- (1991). *Transvestites: The erotic drive to cross dress* (M. Lombardi, Trad.). Nova Iorque: Prometheus Books (trabalho original publicado em 1910).
- Hochschild, Arlie** (1979). Emotional work, feeling rules, and social structure. *American Journal of Sociology*, 85(3), 551-575.
- Hoenisch, Júlio, & Pacheco, Pedro** (2012). Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti. *Estudos de Psicanálise*, 38, 79-88.
- Holman, Catherine, & Goldberg, Joshua** (2006). *Social and medical advocacy with transgender people and loved ones: Recommendations for BC clinicians*. Vancouver: Vancouver Coastal Health Transgender Health, Transcend & Canadian Rainbow Health Coalition.
- Holmes, Mary** (2007). *What is gender? Sociological approaches*. Londres: Sage.
- Hong, Yan, Li, Xiaoming, Fang, Xiaoyi, & Zhao, Ran** (2007). Correlates of suicidal ideation and attempt among female sex workers in China. *Health Care for Women International*, 28(5), 490-505.

- Hopkins, Steven** (2004). Let the drag race begin: The rewards of becoming a queen. *Journal of Homosexuality*, 46(3/4), 135-49.
- Howe, Cymene, Zaraysky, Susanna, & Lorentzen, Lois** (2008). Transgender sex workers and transmigration between Guadalajara and San Francisco. *Latin American Perspectives*, 35, 31-50.
- Howe, David** (2009). Anti-oppressive practices and empowerment. Em D. Howe (Org.), *A brief introduction to social work theory* (pp. 145-151). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Hoyer, Niels** (2004). *Man into woman. The first sex change: A portrait of Lili Elbe* (J. Stenning, Trad.). Londres: Blue Boat Books (trabalho original publicado em 1933).
- Human Rights Campaign Foundation** (2004). *Transgender issues in the workplace: A tool for managers*. Washington, DC.
- (2008). *Transgender inclusion in the workplace: A guide for employers* (2ª ed.). Washington, DC.
- (2016). *Transgender inclusion in the workplace: A toolkit for employer*. Washington, DC.
- Humphreys, Laud** (1970). *Tearoom trade: Impersonal sex in public places*. Chicago: Aldine.
- Hunter, Ski, & Hickerson, Jane** (2003). *Affirmative practice. Understanding and working with lesbian, gay, bisexual, and transgender persons*. Washington, DC: National Association of Social Workers.
- Hutta, Jan, Balzer, Carsten, & Transrespect versus Transphobia Worldwilde (TvT)** (2013). Identidades e cidadania em construção: Historização do «T» nas políticas de antiviolença LGBT no Brasil. Em J. Silva, M. Ornat & A. Junior (Orgs.), *Geografias malditas: Corpos, sexualidades e espaços* (pp. 311-338). Ponta Grossa: Todapalavra.
- Ife, Jim** (2001). *Human rights and social work: Towards rights-based practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ILGA Portugal** (2011). *Sabemos o que somos: Pessoas*. Lisboa: ILGA Portugal. Disponível [aqui](#).
- International Community of Women Living with HIV** (2015). *ICW sex workers, sex work and HIV position statement 2015*. Disponível [aqui](#).
- International Federation of Social Workers** (2014). *Sexual orientation and gender expression*. Disponível [aqui](#).
- Jackson, Sue, & Vares, Tiina** (2015). 'Too many bad role models for us girls': Girls, female pop celebrities and 'sexualizations'. *Sexualities*, 8(4), 480-498.
- Jagose, Annamarie** (1997). *Queer theory: An introduction*. Nova Iorque: New York University Press.
- James, Kerry** (1994). Effeminate males and changes in the construction of gender in Tonga. *Pacific Studies*, 17(2), 39-69.
- Jayme, Juliana** (2001). *Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: Personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. Campinas, Tese de doutoramento em antropologia apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- Jeffrey, Sheila** (1997a). Transgender activism: A lesbian feminist perspective. *Journal of Lesbian Studies*, 1(3/4), 55-74.
- (1997b). *The idea of prostitution*. Melbourne: Spinifex Press.
- Jeyasingham, Dharman** (2008). Knowledge/ignorance and the construction of sexuality in social work education. *Social Work Education*, 27(2), 138-151.
- Jimenez, Luciene, & Adorno, Rubens** (2009). O sexo sem lei, o poder sem rei: Sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. *Cadernos Pagu*, 33, 343-367.

- Jody**, Herman, **Ann**, Haas, & **Philip**, Rodgers (2014). *Suicide attempts among transgender and gender non-conforming adults*. Califórnia: The Williams Institute, University of California & American Foundation for Suicide Prevention.
- Johnson**, Matt (2010). Transgender subject access: History and current practice. *Cataloging & Classification Quarterly*, 48(8), 661-683.
- Jorgensen**, Christine (1967). *Christine Jorgensen: A personal autobiography*. Nova Iorque: Paul S. Eriksson.
- Jornal de Notícias** (2013, 24 de abril). *Casamento branco gay travado pela judiciária*. Disponível [aqui](#).
- Kahn**, Timothy (1990). The adolescent transsexual in a juvenile corrections institution: A case study. *Child and Youth Care Quarterly*, 19(1), 21-29.
- Kando**, Thomas (1973) *Sex change: The achievement of gender identity among feminized transsexuals*. Springfield: Charles C. Thomas.
- Kate**, Davis, **Heilbroner**, David, & **Samels**, Mark (Produtores), & **Kate**, Davis, & **Heilbroner**, David (Diretores). (2010). *Stonewall uprising*. [Filme cinematográfico]. EUA: First Run Features. Disponível [aqui](#).
- Kattari**, Shanna, & **Begun**, Stephanie (2016). On the margins of marginalized: Transgender homelessness and survival sex. *Affilia*, 7, 1-12.
- Katz**, Jonathan (2007). *The invention of heterosexuality*. Chicago & Londres: The University of Chicago Press.
- Kempadoo**, Kamala (1998). Globalizing sex worker's rights. Em K. Kempadoo & J. Doezema (Orgs.), *Global sex workers: Rights, resistance and redefinition* (pp. 1-28). Nova Iorque: Routledge.
- (Org.) (2005). *Trafficking and prostitution reconsidered: New perspectives on migration, sex work, and human rights*. St. Paul: Paradigm Publishers.
- Kempadoo**, Kamala, & **Doezema**, Jo (1998). *Global sex workers: Rights, resistance and redefinition*. Nova Iorque: Routledge.
- Kenagy**, Gretchen (2005). Transgender health: Finding from two needs assessment studies in Philadelphia. *Health & Social Work*, 30(1), 19-26.
- Kennedy**, Hubert (2005). *Karl Heinrich Ulrichs: Pioneer of modern gay movement* (2ª edição). Califórnia: Peremptory Publications.
- Kennedy**, Natacha (2008). Transgender children in schools: A critical review of homophobic bullying: Safe learn, embedding anti-bullying work in schools. *Fórum*, 50(3), 383-396.
- Kennedy**, Natacha, & **Hellen**, Mark (2010). Transgender children: More than a theoretical challenge. *Graduate Journal of Social Science*, 7(2), 25-43.
- Keogh**, Peter, **Reid**, David, & **Weatherburn**, Peter (2006). *Lambeth LGBT matters: The needs and experiences of lesbians, gay men, bisexual and trans men and women in Lambeth*. Lambeth: Sigma Research.
- Kessler**, Suzanne (1990). The medical construction of gender: Case management of intersexed infants. *Signs, Journal of Women in Culture and Society*, 16(1), 3-26.
- Kessler**, Suzanne, & **MacKenna**, Wendy (1978). *Gender: An ethnomethodological approach*. Chicago & Londres: The University of Chicago Press.
- (2000). Who put the 'trans' in transgender? Gender theory and everyday life. *International Journal of Transgenderism*, 4(3).
- Kidd**, Sean, & **Kral**, Michael. (2002). Suicide and prostitution among street youth: A qualitative analysis. *Adolescence*, 37(146): 411-430.
- King**, Dave (1996). Gender blending: Medical perspectives and technology. Em R. Ekins & D. King (Orgs.), *Blending gender: Social aspects of cross-dressing and sex-changing* (pp. 79-98). Londres: Routledge.

- (1998). Confusiones de género: Concepciones psicológicas y psiquiátricas sobre el travestismo y la transexualidad. Em J. A. Nieto (Org.), *Transexualidad, transgenerismo y cultura: Antropología, identidad y género* (pp. 123-158). Madrid: Talasa.
- King**, Mark, **Winter**, Sam, & **Webster**, Beverley (2009). Contact reduces transprejudice: A study on attitudes towards transgenderism and transgender civil rights in Hong Kong. *International Journal of Sexual Health*, 22(1), 17-34.
- Kinnell**, Hilary (2006). Murder made easy: The final solution to prostitution? Em R. Campbell & M. O'Neill (Orgs.), *Sex work now* (pp. 141-168). Cullompton: Willan.
- Kinsey**, Alfred, **Pomoroy**, Wardell, & **Martin**, Clyde (1948). *Sexual behavior in the human male*. Filadélfia & Londres: W. B. Saunders Company.
- Koken**, Juline (2012). Independent female escort's strategies for coping with sex work related stigma. *Sexuality and Culture*, 16(3), 209-229.
- Koller**, Sivia, & **Hutz**, Claudio (1996). Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. *Coletâneas da ANPEPP*, 1(12), 11-21.
- Komarovsky**, Mirra (1967). *Blue-collar marriage*. Califórnia: Vintage Book (trabalho original publicado em 1964).
- Kotiswaran**, Prabha (2008). Born unto brothels: Toward a legal ethnography of sex work in an indian red-light area. *Law & Social Inquiry*, 3(3), 579-629.
- Krafft-Ebing**, Richard (1933). *Psychopathia sexualis: With especial reference to the antipathic sexual instinct: A medicp-forensic study* (12ª ed.) (F. J. Rebman, Trad.). Nova Iorque: Rebman Company (trabalho original publicado em 1886).
- Kulick**, Don (1997). The gender of Brazilian transgendered prostitutes. *American Anthropologist*, 99(3), 547-585.
- (2008). *Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. (C. Gordon, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz (trabalho original publicado em 1998).
- Kulick**, Don, & **Klein**, Charles (2010). Escândalo: A políticas da vergonha em meio às travestis brasileiras. *Anales — Instituto Ibero Americano*, 13, 9-45.
- Lagraula-Fabre**, Myriam (2005). *La violence institutionnelle: Une violence commise sur des personnes vulnérables par des personnes ayant autorité*. Paris: L'Harmattan.
- Laplantine**, Françoise (2004). *A descrição etnográfica* (J. Coelho & S. Coelho, Trad.). São Paulo: Terceira Margem (trabalho original publicado em 1996).
- Laqueur**, Thomas (1990). *Making sex: Body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press.
- Lauretis**, Teresa de (1987). *Technologies of gender: Essays on theory, film and fiction*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press.
- (1991). Queer theory: Lesbian and gay sexualities: An introduction. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, 3(2), iii-xviii.
- Lazarus**, Richard, & **Folkman**, Susan (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Nova Iorque: Springer Publishing Company.
- Leech**, Beth (2002). Asking questions: Techniques for semistructured interviews. *Political Science and Politics*, 35(4), 665-668.
- Leichtentritt**, Ronit, & **Arad**, Bilha (2004). Adolescent and young adult male-to-female transsexuals: Pathways to prostitution. *British Journal of Social Work*, 34(3), 349-374.
- Leite Júnior**, Jorge (2008). «Nossos corpos também mudam»: Sexo, gênero e a invenção das categorias «travesti» e «transexual» no discurso científico. São Paulo, Tese de doutoramento em ciências sociais apresentada à Pontífice Universidade Católica de São Paulo.

- Lev**, Arlene (2005). Disordering gender identity: Gender identity disorder in the DSM-IV-TR. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 17(3-4), 35-69.
- (2006). Transgender emergence within families. Em D. Morrow & L. Messinger (Orgs.), *Sexual orientation and gender expression in social work practice: Working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people* (pp. 263-283). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Lever**, Janet, & **Kanouse**, David (1998). Using qualitative methods to study the hidden world of off street prostitution. Em J. Elias, V. Bullough; V. Elias; G. Brewer (Orgs.), *Prostitution: On whores, hustlers and johns*. Nova Iorque: Prometheus Books.
- Lim**, Lin (1998). *The sex sector: The economic and social bases of prostitution in Southeast Asia*. Genebra: International Labour Office.
- Lim**, Jason, & **Browne**, Kath (2009). Senses of gender. *Sociological Research Online*, 4(1).
- Lindgren**, Thomas, & **Pauly**, Ira (1975). A body image scale for evaluating transsexuals. *Archives of Sexual Behavior*, 4(6), 639-656.
- Loehr**, Kristen (2007). *Travestites in Buenos Aires: Prostitution, poverty and policy*. Washington, DC, Dissertação de mestrado em artes apresentada à Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences of Georgetown University & Universidad de San Martin.
- Lomando**, Eduardo, & **Nardi**, Henrique (2013). Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: Uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. *Saúde em Debate*, 37(98), 493-503.
- Lombardi**, Emilia (1999). Integration within a transgender social network and its effect upon members' social and political activity. *Journal of Homosexuality*, 37(1), 109-126.
- Lombardi**, Emilia, **Wilchins**, Riki, **Priesing**, Dana, & **Malouf**, Diana (2002). Gender violence: Transgender experiences with violence and discrimination. *Journal of Homosexuality*, 42(1), 89-101.
- Longshore**, Douglas, & **Hsieh**, Shih-chao (1998). Drug abuse treatment and risky sex: Evidence for a cumulative treatment effect? *American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 24, 439-451.
- Lopes**, Ana (2006). *Trabalhadores do sexo uni-vos! Organização laboral na indústria do sexo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lorber**, Judith (1996). Beyond the binaries: Depolarizing the categories of sex, sexuality, and gender. *Sociological Inquiry*, 66(2), 143-159.
- (2000). Using gender to undo gender: A feminist degendering movement. *Feminist Theory*, 1(1), 79-95.
- Lowman**, John (2000). Violence and the outlaw status of (street) prostitution in Canada. *Violence Against Women*, 6, 987-1011.
- Lucal**, Betsy (1999). What it means to be gendered me: Life on the boundaries of a dichotomous gender system. *Gender & Society*, 13, 781-797.
- Luibhéid**, Eithne, & **Cantú**, Leonel (Orgs.) (2005). *Queer migration: Sexuality, U.S. citizenship and border crossings*. Minneapolis: Minnesota University Press.
- Luís**, Francisco (2015). *Travestis brasileiras em Portugal: Percursos, identidades e ambiguidades*. Lisboa, Tese de doutoramento em antropologia social e cultural apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- (2018). *Travestis brasileiras em Portugal: Percursos, identidades e ambiguidades*. Lisboa: Chiado Books.
- Lum**, Doman (2011). *Culturally competent practice: A framework for understanding diverse groups and justice issues* (4ª ed.). Califórnia: Cengage Learning.
- Lunze**, Karsten, **Raj**, Anita, **Cheng**, Debbie, **Quinn**, Emily, **Lunze**, Fatima, **Liebschutz**, Jane ... **Samet**, Jeffrey (2016). Sexual violence from police and HIV risk behaviours among HIV-positive women who inject drugs in St. Petersburg, Russia: A mixed methods study. *Journal of the International AIDS Society*, 19(3), 20-27.
- Lusa** (2010a, 1 de maio). 1.º de maio: «Trabalho sexual é trabalho!». *Expresso*. Disponível [aqui](#).
- (2011, 18 de maio). Salão erótico de 9 a 12 de junho, em Portimão. *Ativa*. Disponível [aqui](#).
- Lusenhop**, Emily (2013). *The impact of homophobia and transphobia on the professional development of LGBT social workers during graduate school*. Northampton, Dissertação de mestrado em serviço social apresentada à Smith College School for Social Work.
- Lyons**, Tara, **Krüsi**, Andrea, **Pierre**, Leslie, **Kerr**, Thomas, **Small**, Will, & **Shannon**, Kate (2015). Negotiating violence in the context of transphobia and criminalization: The experiences of trans sex workers in Vancouver, Canada. *Qualitative Health Research*, 28, 1-9.
- Maciel**, Diana (2010). Género na sociologia portuguesa. *CIES e-Working Paper* 92.
- Mackelprang**, Romel, **Ray**, JoAnn, & **Hernandez-Peck**, Maria (1996). Social work education and sexual orientation: Faculty, student, and curriculum issues. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 5(4), 17-31.
- MacKinnon**, Catharine (1989). *Toward a feminist theory of the state*. Cambridge: Harvard University Press.
- Mallon**, Gerald (1999a). Gay and lesbian adolescents and their families. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 10(2), 69-88.
- (1999b). Knowledge for practice with transgendered persons. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 10(3/4), 1-18.
- (1999c). A call for organizational transformation. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 10(2), 131-142.
- (2008). Knowledge for practice with lesbian, gay, bisexual and transgender (LGBT) people. Em G. Mallon (Org.), *Social work practice with lesbian, gay, bisexual, and transgender people* (2ª ed.) (pp. 1-24). Nova Iorque: Routledge.
- Mallon**, Gerald, & **DeCrescenzo**, Teresa (2009). Social work practice with transgender and gender variant children and youth. Em G. Mallon (Org.), *Social work practice with transgender and gender variant youth* (2ª ed.) (pp. 65-86). Nova Iorque: Routledge.
- Manita**, Celina, & **Oliveira**, Alexandra (2002). *Estudo de caracterização da prostituição de rua no Porto e Matosinhos*. Porto: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres & Presidência do Conselho de Ministros.
- Marcelino**, Valentina (2009, 8 de março). Travestis pagam cem euros pela rua. *Diário de Notícias*. Disponível [aqui](#).
- Markman**, Erin (2011). Gender identity disorder, the gender binary, and transgender oppression: Implications for ethical social work. *Smith College Studies in Social Work*, 81(4), 314-327.
- Marques**, Rui Oliveira (2017). *Histórias da noite gay de Lisboa*. Lisboa: Ideia-Fixa.
- Martin**, James, **Messinger**, Lori, **Kull**, Ryan, **Holmes**, Jessica, **Bermudez**, Flor, & **Sommer**, Susan (sd). *Sexual orientation and gender expression in social work education: Results from a national survey*. Alexandria: Lambda Legal.
- Martin**, James, & **Yonkin**, D. R. (2006). Transgender identity. Em D. Morrow & L. Messinger (Orgs.), *Sexual orientation and gender expression in social work practice: Working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people* (pp. 105-128). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Martins**, Anabela (2005). Corpo e alma em conflito: Um estudo sobre o

- transsexualismo. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, 10(6), 361-378.
- Mathy**, Robin (2002). Transgender identity and suicidality in a nonclinical sample: Sexual orientation, psychiatric history, and compulsive behaviors. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 14(4), 47-65.
- Matthews**, Roger (2014). Female prostitution and victimization: A realist analysis. *International Review of Victimology*, 21, 85-100.
- Matzner**, Andrew (2001). *O Au No Keia: Voices from Hawai'i's Mabu and transgender communities*. Bloomington: Xlibris.
- Maxwell**, Joseph (2005). *Qualitative research design: An interactive approach*. Califórnia: Sage.
- May**, Tiggey, & **Hunter**, Gillian (2006). Sex work and problem drug use in the UK: The links, problems and possible solutions Em R. Campbell & M. O'Neill (Orgs.), *Sex work now* (pp. 169-189). Cullompton: Willan.
- McKeganey**, Neil, & **Barnard**, Marina (1996). *Sex work on the streets: Prostitutes and their clients*. Buckingham: Open University Press.
- McNeil**, Jay, **Bailey**, Louis, **Ellis**, Sonja, **Morton**, James, & **Regan**, Maeve (2012). *Trans mental health study 2012*. Scotland: Equality Network.
- McPhail**, Beverly (2004). Questioning gender and sexuality binaries: What queer theorists, transgendered individuals, and sex researchers can teach social work. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 17, 3-21.
- (2008). Re-gendering the social work curriculum: New realities and complexities. *Journal of Social Work Education*, 44, 33-52
- Mead**, George (1967). *Mind, self and society from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press (trabalho original publicado em 1934).
- Mead**, Margaret (2001). *Sex and temperament in three primitive societies*. Nova Iorque: Harper Perennial (trabalho original publicado em 1935).
- Melrose**, Margaret (2002). Labour pains: Some considerations on the difficulties of researching juvenile prostitution. *International Journal of Social Research Methodology*, 5(4), 333-351.
- Messinger**, Lori (2004). Out in the field: Gay and lesbian social work students' experiences in field placement. *Journal of Social Work Education*, 40, 187-204.
- (2006). Towards affirmative practice. Em D. Morrow & L. Messinger (Orgs.), *Sexual orientation and gender expression in social work practice: Working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people* (pp. 460-470). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Meyer**, Ilan, & **Dean**, Laura (1998). Internalized homophobia, intimacy, and sexual behavior among gay and bisexual men. Em G. Herek (Org.), *Stigma and sexual orientation: Understanding prejudice against lesbians, gay men and bisexuals* (pp. 160-186). Thousand Oaks: Sage.
- Miller**, Jody (1993). Your life is in the line every night you're on the streets. *Humanity and Society*, 17(4), 422-446.
- Miller**, Jody, & **Schwartz**, Martin (1995). Rape myths and violence against street prostitutes. *Deviant Behavior*, 16, 1-23.
- Miller**, Therese, **Colleen**, Eggertson-Tacon, & **Quigg**, Brian (1990). Patterns of runaway behavior within a larger systems context: The road to empowerment. *Adolescence*, 25, 271-289.
- Minter**, Shannon, & **Daley**, Christopher (2003). *Trans realities: A legal needs assessment of San Francisco's transgender communities*. São Francisco: National Center for Lesbian Rights & Transgender Law Center.
- Mitchell**, Martin, & **Howorth**, Charlie (2009). *Trans research review*. Manchester: Equality and Human Rights Commission.

- Mizock**, Lauren, & **Lewis**, Thomas (2008). Trauma in transgender populations: Risk, resilience, and clinical care. *Journal of Emotional Abuse*, 8, 335-354.
- Moita**, Maria Gabriela (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico: A homossexualidade de dois lados do espelho*. Porto, Tese de doutoramento em ciências biomédicas apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto.
- Moleiro**, Carla, & **Pinto**, Nuno (2012). As experiências dos cuidados de saúde de pessoas transexuais em Portugal: Perspetivas de profissionais de saúde e utentes. *Psicologia*, XXVI(1), 129-151.
- (2015). Sexual orientation and gender identity: Review of concepts, controversies and their relation to psychopathology classification systems. *Frontiers in Psychology*, 6, 1-6.
- Moleiro**, Carla, **Pinto**, Nuno, **Oliveira**, João, & **Santos**, Maria (2016). *Violência doméstica: Boas práticas no apoio a vítimas LGBT: Guia de boas práticas para profissionais de estruturas de apoio a vítimas*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Moleiro**, Carla, **Pinto**, Nuno, **Ratinho**, Inês, **Dinis**, Joana, & **Ramos**, Marta (2016). *Lei de identidade de género: Impacto e desafios da inovação legal na área do (trans) género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Money**, John (1952). *Hermaphroditism: An inquiry into the nature of human paradox*. Harvard, Tese de doutoramento apresentada à Harvard University.
- (1955). Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: Psychologic findings. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital*, 96(6), 253-264.
- Money**, John, **Hampson**, Joan, & **Hampson**, John (1955a). Hermaphroditism: Recommendations concerning assignment of sex, change of sex, and psychological management. *Bulletin Johns Hopkins Hospital*, 97(4), 284-300.
- (1955b). An examination of some basic sexual concepts: The evidence of human hermaphroditism. *Bulletin Johns Hopkins Hospital*, 97(4), 301-319.
- (1956). Sexual incongruities and psychopathology: The evidence of human hermaphroditism. *Bulletin Johns Hopkins Hospital*, 98(1), 43-57.
- (1957). Imprinting and the establishment of gender role. *Archives of Neurology & Psychiatry*, 77(3), 333-336.
- Monro**, Surya (2005). *Gender politics: Citizenship, activism and sexual diversity*. Londres: Pluto Press.
- Monro**, Surya (2007). Transmuting gender binaries: The theoretical challenge. *Sociological Research Online*, 12(1).
- Monteiro**, Teresa Líbano (2005). *Famílias e novos movimentos religiosos: Trajetória familiar, individualização e identidade espiritual*. Lisboa, Tese de doutoramento em sociologia apresentada ao ISCTE-IUL.
- Monteiro**, Teresa Líbano, **Policarpo**, Verónica, **Silva**, Francisco Vieira (2009). *The social situation concerning homophobia and discrimination on grounds of sexual orientation in Portugal*. Country Report, European Union Agency for Fundamental Rights.
- Monto**, Martin (2004). Female prostitution, costumers, and violence. *Violence Against Women*, 10, 160-188.
- (2010). Prostitutes' customers: Motives and misconceptions. Em R. Weitzer (Org.), *Sex for sale: Prostitution, pornography, and the sex industry* (pp. 233-354). Nova Iorque: Routledge.
- Moran**, Leslie, & **Sharpe**, Andrew (2002). Policing the transgender/violence relation. *Current Issues in Criminal Justice*, 13(3), 269-285.
- (2004). Violence, identity and policing: The case of violence against transgender people. *Criminal Justice*, 4(4), 395-417.

- Morrow**, Deana (2004). Social work practice with gay, lesbian, bisexual, and transgender adolescents, *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 85(1), 91-99.
- Morton**, Julie, **Jeyasingham**, Dharman, & **Hicks**, Stephen (2013). The social work of sexuality: Rethinking approaches to social work education. *The Higher Education Academy*, 2(2), 1-4.
- Mottet**, Lisa, & **Ohle**, John (2003). *Transitioning our shelters: A guide to making homeless shelters safe for transgender people*. Nova Iorque: National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute & National Coalition for the Homeless.
- Mottier**, Véronique (2010). *Sexualidade: Uma breve introdução*. Alfragide: Texto Editores.
- Moura**, Paulo (2009, 2 de maio). Vital Moreira foi insultado e as palavras de ordem acabaram esquecidas. *Público*, 2. Disponível [aqui](#).
- Mullen**, Paul, & **Fleming**, Jillian (1998). The long-term effects of child sexual abuse. *Australian Institute of Family Studies*, 9. Disponível [aqui](#).
- Murthy**, Dhiraj (2008). Digital ethnography: An examination of the use of new technologies for social research. *Sociology*, 42(5), 837-855.
- Nações Unidas** (1994). *Human rights and social work: A manual for schools of social work and the social work profession*. Nova Iorque & Genebra: Nações Unidas
- Nagle**, Jill (1997). *Whores and Other Feminists*. Nova Iorque: Routledge.
- Nagoshi**, Julie, & **Bruzy**, Stephanie (2010). Transgender theory: Embodying research and practice. *Affilia*, 25(4), 431-443.
- Namaste**, Viviane (2000). *Invisible lives: The erasure of transsexual and transgendered people*. Chicago: University of Chicago Press.
- (2005). *Sex change, social change: Reflections on identity, institutions, and imperialism*. Toronto: Women's Press.
- (2006). Genderbashing: Sexuality, gender, and the regulation of public space. Em S. Stryker, & S. Whittle (Orgs.), *The transgender studies reader* (pp. 584-600). Nova Iorque: Routledge.
- Nanda**, Serena (1999). *Neither man nor woman: The bijras of India* (2ª ed.). Nova Iorque: Wadsworth Publishing Company.
- (2000). *Gender diversity: Crosscultural variations*. Illinois: Waveland Press.
- Nardi**, Peter (1992). That's what friends are for: Friends as family in lesbian and gay community. Em K. Plummer (Org.), *Modern homosexualities, fragments of lesbian and gay experience* (pp. 108-120). Londres: Routledge.
- Nash**, Jennifer (2008). Re-thinking intersectionality. *Feminist Review*, 89, 1-15.
- Nataf**, Zachary (1996). *Lesbian talk transgender*. Londres: Scarlet Press.
- National Association of Social Workers** (2001). *NASW standards for cultural competence in social work practice*. Washington, DC: NASW.
- (2008). *Transgender and gender identity issues*. Washington: NASW. Disponível [aqui](#).
- (2015). *Sexual orientation change efforts (SOCE) and conversion therapy with lesbians, gay men, bisexuals, and transgender persons*. Washington, DC: NASW.
- National LGBT Health Education Center** (2016). *Affirmative care for transgender and gender non-conforming people: Best practices for front-line health care staff*. Boston: National LGBT Health Education Center.
- Nemoto**, Tooru, **Bodeker**, Birte, & **Iwamoto**, Mariko (2011). Social support, exposure to violence and transphobia, and correlates of depression among male-to-female trans-gender women with a history of sex work. *American Journal of Public Health*, 101, 1980-1988.

- Neto**, António, **Cid**, Marília, **Pomar**, Clarinda, **Peças**, Américo, **Chaleta**, Elisa, & **Folque**, Assunção (2000). *Estereótipos de género*. Coleção cadernos coeducação. 2ª edição, Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Neves**, Tiago (2004). A etnografia no estudo do desvio. Atas do V Congresso Português de Sociologia «Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação» (pp. 96-101). Braga: Universidade do Minho.
- Newman**, Peter, **Bogo**, Marion, & **Daley**, Andrea (2009). Breaking the silence: Sexual orientation in social work field education. *Journal of Social Work Education*, 45, 7-27.
- Nichols**, Andrea (2010). Dance ponnaya, dance! Police abuses against transgender sex workers in Sri Lanka. *Feminist Criminology*, 5(2), 195-222.
- Nogueira**, Conceição, & **Oliveira**, João Manuel (Org.) (2010a). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Nogueira**, Conceição, & **Oliveira**, João (2010b). Desafiar o futuro. Em C. Nogueira & J. M. Oliveira (Orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 267-275). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Nogueira**, Francisco Jander (2013). «Mariconas»: Itinerários de velhice travesti, (des)montagens e (in)visibilidades. João Pessoa, Tese de doutoramento em sociologia apresentada à Universidade Federal da Paraíba.
- Nogueira**, Francisco Jander & **León**, Adriano (2012). «Trabalhadas no feminino»: Um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, 8, 55-67.
- Norton**, Jody (1997). «Brain says you're a girl, but I think you're a sissy boy»: Cultural origins of transphobia. *International Journal of Sexuality and Gender Studies*, 2(2), 139-164.
- Nowak**, Jurgen (2001). O trabalho social de rede: A aplicação das redes sociais no trabalho social. Em H. Mouró & D. Simões (Orgs.), *100 anos de serviço social* (pp. 149-2011). Coimbra: Quarteto.
- NSWP – Global Network of Sex Work Projects** (2016). *Policy brief: The decriminalisation of third parties*. Edimburgo: NSWP.
- Nuttbrock**, Larry, **Hwang**, Sel, **Bockting**, Walter, **Rosenblum**, Andrew, **Mason**, Mona, **Macri**, Mónica, & **Becker**, Jeffrey (2010). Psychiatric impact of gender-related abuse across the life course of male-to-female transgender persons. *Journal of Sex Research*, 47(1), 12-23.
- Oakley**, Ann (1985). *Sex, gender and society: Towards a new society*. Aldershot: Gower/Maurice Temple Smith (trabalho original publicado em 1972).
- O'Connell**, Sanjida (Produtora). (2004). *Dr. Money and the boy with no penis* [documentário televisivo]. Reino Unido: BBC Horizon. Disponível [aqui](#).
- Okin**, Susan (2008). Género, o público e o privado. *Revista Estudos Feministas*, 16(2), 305-332.
- Okitikpi**, Toyin, & **Aymer**, Cathy (2010). *Key concepts in anti-discriminatory social work*. Londres: Sage.
- Oliveira**, Alexandra (2004). *As vendedoras de ilusões: Estudo sobre prostituição, alterne e 'striptease'*. Lisboa: Editorial Notícias.
- (2011a). *Andar na vida: Prostituição de rua e reação social*. Coimbra: Almedina.
- (2011b). Uma pesquisa etnográfica sobre prostituição de rua: do saber ao fazer. Em P. G. Silva, O. Sacramento & J. Portela (Orgs.), *Etnografia e intervenção social. Por uma praxis reflexiva* (pp. 245-269). Lisboa: Edições Colibri.
- (2013). *Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: Características e*

- significados* (relatório de investigação). Porto. Disponível [aqui](#).
- (2018). Same work, different oppression: Stigma and its consequences for male and transgender sex workers in Portugal. *International Journal of Iberian Studies*, 31(1), 11–26.
- Oliveira, João Manuel** (2017). Trânsitos de género: Leitras queer/trans* da potência do rizoma género. Em J. M. Oliveira & L. Amâncio (Orgs.), *Gêneros e sexualidades: Interseções e tangentes* (pp. 115–138). Lisboa: CIS-IUL.
- Oliveira, João Manuel, & Amâncio, Lúcia** (Orgs.) (2017). *Gêneros e sexualidades: Interseções e tangentes*. Lisboa: CIS-IUL.
- Oliveira, Marcelo** (1997). *O lugar do travesti em Desterro*. Florianópolis, Dissertação de mestrado em antropologia social apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina.
- Oliveira, Neuza** (1994). *Dama de paus: O jogo aberto das travestis no espelho da mulher*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.
- O'Neill, Maggie** (2001). *Prostitution and feminism: Towards a politics of feeling*. Cambridge: Polity Press.
- Open Society Foundations** (2015). *Ten reasons to decriminalize sex work*. Nova Iorque: Public Health Program.
- Organização Mundial de Saúde** (2012). *Prevention and treatment of HIV and other sexually transmitted infections for sex workers in low and middle income countries: Recommendations for a public health approach*. Genebra: WHO Press.
- (2016). *International statistical classification of diseases and related health problems*. Disponível [aqui](#).
- Orgullomadrid** (2011, 5 de outubro). *Víctimas de la homofobia*. Disponível [aqui](#).
- Orme, Joan, & Briar-Lawson, Katharine** (2010). Theory and knowledge about social problems to enhance policy development. Em I. Shaw, K. Briar-Lawson, J. Orme & R. Ruckdeschel (Orgs.). *The SAGE handbook of social work research* (pp. 49–63). Londres: Sage.
- Ornat, Márcio** (2008). *Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa*. Ponta Grossa, Dissertação de mestrado em gestão do território apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- O'Shaughnessy, Molly, Russel, Stephen, Heck, Katherine, Calhoun, Christopher & Laub, Carolyn** (2004). *Safe place to learn: Consequences of harassment based on actual or perceived sexual orientation and gender non-conformity and steps for making schools safer*. São Francisco: California Safe Schools Coalition.
- Owens, Sherry, Smothers, Bobbie, & Love, Fannye** (2003). Are girls victims of gender bias in our nation's schools? *Journal of Instructional Psychology*, 30, 131–136.
- Padgett, Deborah** (1998a). *Qualitative methods in social work research: Challenges and rewards*. Londres: Sage.
- (1998b). Does the glove really fit? Qualitative research and clinical social work practice. *Social Work*, 43(4), 373–381.
- Pahl, Ray, & Spencer, Liz** (2003). Personal communities: Not simply families of «fate» or «choice». *Working Paper 2003-4*. Colchester: University of Essex.
- Parsons, Talcott, & Bales, Robert** (2007). *Family socialization and interaction process*. Oxford: Routledge (trabalho original publicado em 1956).
- Patrício, Maria** (2008). *No truque: Transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. Recife, Tese de doutoramento em antropologia apresentada à Universidade Federal de Pernambuco.
- Pattison, E. Mansell, Llamas, Robert, & Hurd, Gary** (1979). Social network mediation of anxiety. *Psychiatric Annals*, 9(9), 61 – 67.
- Patton, Michael** (2002). *Qualitative evaluation & research methods* (3ª ed.). Londres: Sage.
- Payne, Malcolm** (2002). Perspectivas anti-discriminatórias e anti-opressivas. Em M. Payne (Org.), *Teoria do trabalho social moderno* (pp. 327–362). Coimbra: Quarteto.
- Pease, Bob, Goldingay, Sophie, Hosken, Norah, & Nipperess, Sharlene** (2016). *Doing critical social work: Transformative practices for social justice*. Crows Nest, Australia: Allen & Unwin.
- Pechorro, Pedro, & Vieira, Rui** (2004). Avaliação psicológica de um grupo de transexuais com indicação para cirurgia de reatribuição de sexo. Estudo preliminar. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, 9 (2), 145–152.
- Peled, Einat, & Leichtentritt, Ronit** (2002). The ethics of qualitative social work. *Qualitative Social Work*, 1(2), 145–169.
- Pelúcio, Larissa** (2004). Travestis, a (re)construção do feminino: Género, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, 15(1), 123–154.
- Pelúcio, Larissa** (2005a). Sexualidade, género e masculinidade no mundo dos T-lovers: A construção da identidade de um grupo de homens que se relaciona com travestis. Atas do XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Belo Horizonte.
- (2005b). Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a substituição travesti. *Cadernos Pagu*, 25, 217–248.
- (2006). Três casamentos e algumas reflexões: Notas sobre conjugalidade envolvendo travesti que se prostituem. *Estudos Feministas*, 14(2), 522–534.
- (2007a). *Nos nervos, na carne, na pele: Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*. São Paulo, Tese de doutoramento em ciências sociais apresentada à Universidade Federal de São Carlos.
- (2007b). «Mulheres com algo mais»: Corpo, géneros e prazeres no mercado sexual travesti. *Revista Versões*, 3, 77–93.
- (2009). «Sin papeles» pero con glamur: Migración de travestis brasileñas a España (Reflexiones iniciales). *Vibrant*, 6(1), 170–197.
- (2011a). Corpos indóceis: A gramática erótica do sexo transnacional e as travestis que desafiam fronteiras. Em L. Souza, T. Sabatine & B. Magalhães (Orgs.), *Michel Foucault: Sexualidade, corpo e direito* (pp. 105 – 131). São Paulo: Oficina Universitária, CAPES & Cultura Acadêmica Editora.
- (2011b). «Amores Perros»: Sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. Em A. Piscitelli, G. Assis & J. Olivar (Orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 185–224). Campinas: Pagu-Núcleo de Estudos de Género & UNICAMP.
- Pereira, Ana Cristina** (2009, 1 de agosto). Ya, um dia fomos bater na Gisberta. *Público*. Disponível [aqui](#).
- Pereira, Maria do Mar** (2012). *Fazendo género no recreio: A negociação do género em espaço escolar*. Lisboa: ICS.
- Peres, William** (2005). *Subjetividade das travestis brasileiras: Da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. Rio de Janeiro, Tese de doutoramento em saúde coletiva apresentada à Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- Peretz, Henri** (2000). *Métodos em sociologia*. Lisboa: Temas e Debates (trabalho original publicado em 1998).
- Pernice-Duca, Francesca** (2010). Family network support and mental health recovery. *Journal of Marital and Family Therapy*, 36(1), 13–27.
- Perry, Brea, & Pescosolido, Bernice** (2015). Social network activation: The role of health discussion partners in recovery from mental illness. *Social Science & Medicine*, 125(1), 116–128.

- Person, Ethel, & Ovesey,** Lionel (1974a). The transsexual syndrome in males: I. Primary transsexualism. *American Journal of Psychotherapy*, 28, 4-20.
- (1974b). The transsexual syndrome in males: II. Secondary transsexualism. *American Journal of Psychotherapy*, 28, 174-193.
- Piacenti, David, Rivas, Luís, & Garrett,** Josef (2014). Facebook ethnography: The poststructural ontology of transnational (im)migration research. *International Journal of Qualitative Methods*, 13, 224-236.
- Pinto, Nuno** (2014). *Experiencing and representing transsexuality: Developmental trajectories of, and social representations on, transsexual people*. Lisboa, Tese de doutoramento em psicologia apresentada ao ISCTE-IUL.
- Pinto, Nuno, & Moleiro, Carla** (2015). Gender trajectories: Transsexual people coming to terms with their gender identities. *Professional Psychology: Research and Practice*, 46(1), 12-20.
- Pinto, Rogério, Melendez, Rita, & Spector, Anya** (2008). Male-to-Female transgender individuals building social support and capital from within a gender-focused network. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 20(3), 203-220.
- Pires, Álvaro** (1997). *Échantillonnage et recherche qualitative: Essai théorique et méthodologique*. Saguénay.
- Piscitelli, Adriana** (2007). Corporalidade em confronto: Brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(64), 17-32.
- Platero, Raquel** (2011). The narratives of transgender rights mobilization in Spain. *Sexualities*, 14(5), 597-614.
- Plummer, Ken** (1995) *Telling sexual stories: Power, change and social worlds*. Londres: Routledge.
- Poasa, Kris** (1992). The Samoan Fa'afafine: One case study and discussion of transsexualim. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 5(3), 39-51.
- Poirier, Jean, Clapier-Valladon, Simone, & Raybaut, Paul** (1995). *Histórias de vida: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora (trabalho original publicado em 1983).
- Policarpo, Verónica** (2011a). *Indivíduo e sexualidade: A construção social da experiência social*. Lisboa, Tese de doutoramento em ciências sociais apresentada à Universidade de Lisboa.
- Policarpo, Verónica** (2011b). Sexualidades em construção, entre o privado e o público. Em J. Mattoso (Org.), *História da vida privada em Portugal: Os nossos dias* (pp. 48-79). Lisboa: Círculo de Leitores & Temas e Debates.
- Pontes, Luciana** (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, 23, 229-256.
- Poole, Lindsey, Whittle, Stephen, & Stephens, Paula** (2002). Working with transgendered and transsexual people as offenders in the probation service. *Probation Journal*, 49(3), p. 227-232.
- Popoola, Bayode** (2013). Occupational hazards and coping strategies of sex workers in southwestern Nigeria. *Health Care for Womens International*, 34(2), 139-49.
- Potterat, John, Brewer, Devon, Muth, Stephen, Rothenberg, Richard, Woodhouse, Donald, Muth, John, ... Brody, Stuart** (2004). Mortality in a long-term open cohort of prostitute women. *American Journal of Epidemiology*, 159(8), 778-785.
- Poulin-Duboi, Diane, Serbin, Lisa, Eichstedt, Julie, Sen, Maya, & Beissel, Clara** (2002). Men don't put on make-up: Toddlers' knowledge of the gender stereotyping of household activities. *Social Development*, 11, 166-181.
- Pourette, Dolores** (2005a). La prostitution masculine et la

- prostitution transgenre. Em M. Handman & J. Moussuz-Lavau (Orgs.), *La prostitution à Paris* (pp. 263-291). Paris: Éditions de la Martinière.
- (2005b). Les violences. Em M. Handman & J. Moussuz-Lavau (Orgs.), *La prostitution à Paris* (pp. 323-343). Paris: Éditions de La Martinière.
- Powell, Fred** (2001). Multiculturalism, feminism and anti-oppressive practice. Em Fred Powell (Ed.), *The politics of social work* (pp. 142-156). Londres: Sage.
- Pravda.ru** (2008, 31 de março). *Assassinato de transsexual em Lisboa: Atenção internacional versus esquecimento nacional*. Disponível [aqui](#).
- Preciado, Beatriz** (2008). *Testo yonqui*. Madrid: ESPASA.
- (2011). Multidões queer: Notas para uma política dos «anormais». *Estudos Feministas*, 19(1), 11-20.
- (2011). *Manifesto contrasexual*. Barcelona: Editorial Anagrama (trabalho original publicado em 2000).
- Priour, Annick** (1998). *Mema's house, Mexico city: On transvestites, queens, and machos*. Chicago: University of Chicago Press.
- Prosser, Jay** (1998). *Second skins: The body narratives of transsexuality*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Público** (2006, 16 de junho). *Parlamento Europeu pede punição para caso Gisberta*. Disponível [aqui](#).
- Pyne, Jake** (2016). Queer and trans collisions in the classroom: A call to throw open theoretical doors in social work education. Em S. Hillock & N. Mule (Orgs.), *Queering social work education* (pp. 54-72). Vancouver: University of British Columbia Press.
- Quivy, Raymond, & Campenhoudt,** LucVan (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Radecki, Kara** (2011). *Sexuality and social work: Prevalence of human sexuality in MSW curriculum*. Sacramento, Dissertação de mestrado em serviço social apresentado à California State University.
- Raj, Rupert** (2002). Toward a transpositive therapeutic model: Developing clinical sensitivity and cultural competence in the effective support of transsexual and transgendered clients. *International Journal of Transgenderism*, 6(2).
- Ramalho, Nélson** (2006a). Prostituição: Um fenómeno da história da civilização ocidental. Em Obra Social das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor (Org.), *Quem levou o meu ser? Mulheres de rua* (pp. 13 — 64). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- (2006b). Globalização, desenvolvimento e exploração sexual. Em Obra Social das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor (Org.), *Quem levou o meu ser? Mulheres de rua* (pp. 255 — 288). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- (2012). O trabalho sexual: Discursos e práticas dos assistentes sociais em debate. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 12, 64-91.
- (2015). Competências e práticas afirmativas dos assistentes sociais com famílias e pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgénero. Em M. I. Carvalho (Org.), *Serviço Social com Famílias* (pp. 125-140). Lisboa: Pactor.
- Ramalho, Nélson, & Vaz, Alexandre** (2016). Quem são os clientes das travestis trabalhadoras do sexo em Portugal? Breve caracterização dos T-Lovers. Atas do IX Congresso Português de Sociologia «Portugal, Território de Territórios». Faro: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Ramalho, Nélson, Barroso, Catarina, & Santos, Bruno** (2013). Género e vulnerabilidade: Intervenção com travestis em contexto de prostituição de rua. Em H. Pereira & P. Costa (Orgs.), *Coming-out for LGBT psychology in the current international scenario* (pp. 143-149). Covilhã: Universidade da Beira Interior.

- (2015). A intervenção social com populações ‘desassistidas’ em contexto de rua: O caso do projeto ‘Trans-Porta’. *Intervenção Social*, 42/45, 207-227.
- Ramalho**, Néelson & **Santos**, Joana (2006). O debate sócio-político sobre a prostituição: O caso português. Em *Obra Social das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor (Org.)*, *Quem levou o meu ser? Mulheres de rua* (pp. 229 – 254). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Ramet**, Sabrina (Ed.) (1996). *Gender reversals and gender cultures: Anthropological and historical perspectives*. Nova Iorque: Routledge.
- Ramos**, Alexandra, **Teixeira**, Nuno, **Cruz**, Sérgio, & **Fernandes**, Luís (2014). Uma incursão etnográfica ao mundo dos trabalhadores sexuais transgéneros. *Saúde Reprodutiva, Sexualidade e Sociedade*, 4, 45-55.
- Rands**, Kathleen (2009). Considering transgender people in education: A gender-complex approach. *Journal of Teacher Education*, 60, 419-431.
- Raphael**, Jody, & **Shapiro**, Deborah (2004). Violence in indoor and outdoor prostitution venues. *Violence Against Women*, 10(2), 126-139.
- Ray**, Nicholas (2006). *Lesbian, gay bisexual and transgender youth: An epidemic of homelessness*. Nova Iorque: National Gay and Lesbian Task Force & National Coalition for the Homeless.
- Raymond**, Janice (1994). *The transsexual empire: The making of she-male*. Nova Iorque & Londres: Athene Series (trabalho original publicado em 1979).
- (1998). Prostitution as violence against women. *Women's Studies International Fórum*, 21(1), 1-9.
- Reichert**, Elisabeth (2011). *Social work and human rights* (2ª ed.). Nova Iorque: Columbia University Press.
- Reisner**, Sari, **Mimiaga**, Matthew, **Bland**, Sean, **Mayer**, Kenneth, **Perkovich**, Brandon, & **Safren**, Steven (2009). HIV risk and social networks among male-to-female transgender sex workers in Boston, Massachusetts. *Journal of the Association of Nurses in AIDS Care*, 20(5), 373-386.
- Rhodes**, Tim, **Simić**, Milena, **Baroš**, Sladjana, **Platt**, Lucy, & **Žikić**, Bojan (2008). Police violence and sexual risk among female and transvestite sex workers in Serbia: Qualitative study. *British Medical Journal*, 337, a811.
- Ribeiro**, Fernando Bessa (2011). Ciências sociais, autor e participação no espaço público: Retomando a proposta de Bourdieu por um saber comprometido. Em P. Silva, O. Sacramento & J. Portela (Orgs.), *Etnografia e intervenção social: Por uma praxis reflexiva* (pp. 229-243). Lisboa: Edições Colibri.
- Ribeiro**, Manuela, **Silva**, Manuel, **Ribeiro**, Fernando, & **Sacramento**, Octávio. (2005). *Prostituição abrigada em clubes (zonas fronteiriças do Minho e Trás-os-Montes): Práticas, riscos e saúde*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres/ Presidência do Conselho de Ministros.
- Ribeiro**, Manuela, **Silva**, Manuel, **Schouten**, Johanna, **Ribeiro**, Fernando, & **Sacramento**, Octávio (2008). *Vidas na raia. Prostituição feminina em regiões de fronteira*. Porto: Edições Afrontamento.
- Richmond**, Kate, **Burnes**, Theodore, & **Carroll**, Kate (2012). Lost in trans-lation: Interpreting systems of trauma for transgender clients. *Traumatology*, 18(1), 45-57.
- Rocha**, Ana (2009). *Sexualidade e diversidade sexual na formação em serviço social nos cursos de 1º ciclo no Instituto Superior Miguel Torga e na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra*. Coimbra, Dissertação de mestrado em serviço social apresentada ao Instituto Superior Miguel Torga.
- Rocha**, Rita, **Pereira**, Débora, & **Dias**, Thaísa (2013). O contexto do uso de

- drogas entre travestis profissionais do sexo. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 554-565.
- Rodrigues**, Catarina Marques (2016, 21 de fevereiro). Gisberta, 10 anos depois: A diva transexual que acabou no fundo do poço. *Observador*. Disponível [aqui](#).
- Rodrigues**, João Pedro (Diretor) (2009). *Morrer como um homem* [Filme cinematográfico]. Portugal: Produtora Maria João Sigalho.
- Rodrigues**, Liliana (2016). *Viagens trans(Género) em Portugal e no Brasil: Uma aproximação psicológica feminista crítica*. Porto, Tese de doutoramento em psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Rodrigues**, Liliana, **Carneiro**, Nuno, & **Nogueira**, Conceição (2013). Contributos da psicologia social crítica e dos direitos humanos para a abordagem das transexualidades. Em S. Magalhães & T. Alvarez (Orgs.), *Romper as fronteiras: A interseccionalidade nas questões de género e feministas* (pp. 49-60). Vila Franca de Xira: Associação Portuguesa de Estudos sobre Mulheres.
- Rodríguez**, Dolores, & **Ferreira**, Jorge (2018). The contribution of the intervention in social networks and community social work at the local level to social and human development. *European Journal of Social Work*, 21(6), 863-875.
- Roen**, Katrina (2001). Transgender theory and embodiment: The risk of racial marginalization. *Journal of Gender Studies*, 10(3), 253-263.
- Rossi**, Nicole (2010). «Coming Out» stories of gay and lesbian youth adults. *Journal of Homosexuality*, 57(9), 1174-1191.
- Rotondi**, Nooshin, **Bauer**, Greta, **Scanlon**, Kyle, **Kaay**, Matthias, **Travers**, Robb, & **Travers**, Anna (2013). Nonprescribed hormone use and self-performed surgeries: «Do-it-yourself» transition in transgender communities in Ontario, Canada. *American Journal of Public Health*, 13(10), 1830-1836.
- Roy**, Ranjan (2011). *Social support, health, and illness: A complicated relationship*. Toronto, Buffalo & Londres: University of Toronto Press.
- Rubin**, Gayle (1975). The traffic in women: Notes on the ‘political economy’ of sex. Em R. Reiter (Ed.), *Towards an anthropology of women*. Nova Iorque: Monthly Review Press.
- (1989). Reflexionando sobre el sexo: Notas para una teoría radical de la sexualidad’. Em C. Vance (Org.), *Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina* (pp. 113-190). Madrid: Revolución.
- Rubin**, Lillian (1985). *Just friends: The role of friendship in our lives*. Nova Iorque: Harper Perennial.
- Ruckdeschel**, Roy, & **Chambon**, Adrienne (2010). The uses of social work research. Em I. Shaw, K. Briar-Lawson, J. Orme & R. Ruckdeschel (Orgs.), *The SAGE handbook of social work research* (pp. 195-210). Londres: Sage.
- Russel**, Stephen, **Ryan**, Caitlin, **Toomey**, Russell, **Diaz**, Rafael, & **Sanchez**, Jorge (2011). Lesbian, gay, bisexual, and transgender adolescent school victimization: Implications for young adult health and adjustment. *Journal of School Health*, 81(5), 223-230.
- Sadker**, Myra, & **Sadker**, David (1994). *Failing at fairness: How America's schools cheat girls*. Nova Iorque: Simon & Schuster.
- Saleiro**, Sandra (2009). Transexualidade e transgénero em Portugal: Dois «vazios» em debate. Atas do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. *Sociedades Desiguais e Paradigmas em Confronto* (pp. 84-90). Braga: Universidade do Minho.
- (2012). A transexualidade e o género: Identidades e (in)visibilidades de homens e mulheres transexuais. Atas do VII Congresso Português

- de Sociologia: «Sociedade, Crise e Reconfigurações» (pp. 1-14). Porto: Universidade do Porto.
- (2013). *Trans géneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de género*. Lisboa, Tese de doutoramento em sociologia apresentada ao ISCTE-IUL.
- (2016). «Travesti»: Insulto ou identidade? Atas do IX Congresso Português de Sociologia: «Portugal, Território de Territórios» (pp. 1-112). Faro: Associação Portuguesa de Sociologia.
- (2017). Diversidade de género na infância e educação: Contributos para uma escola sensível do (trans) género. *Ex aequo*, 36, 149-165.
- Salisbury**, Megan, & **Dentato**, Michael (2016). As exploratory study examining needs, access, and competent social services for the transgender community in Phoenix, Arizona. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 26(2), 119-136.
- Sanders**, Teela (2005). *Sex work: A risky business*. Devon: Willan Publishing.
- (2006). Sexing up the subject: Methodological nuances in researching the female sex industry. *Sexualities*, 9(4), 449-468.
- Sanders**, Teela, & **Campbell**, Rosie (2007). Designing out violence, building in respect: Violence, safety and sex work policy. *British Journal of Sociology*, 58(1), 1-19.
- Sanders**, Teela, **O'Neil**, Maggie, & **Pitcher**, Jane (2009). *Prostitution: Sex work, policy and politics*. Londres: Sage.
- Santos**, Ana Cristina (2006). Entre a academia e o ativismo: Sociologia, estudos queer e movimento LGBT em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 91-108.
- Santos**, Clara (2005). A construção social do conceito de identidade profissional. *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, 8, 123-144.
- Santos**, Joana (2004). *Prostituição feminina em contexto de rua*. Lisboa, Monografia de licenciatura em sociologia apresentada ao ISCTE-IUL.
- Santos**, Rafael (2012). *As aparências enganam? O fazer-se travesti em Campos dos Goytazes-RJ (2010-2011)*. Campos dos Goytazes, Dissertação de mestrado em sociologia política apresentada à Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.
- Sausa**, Lydia (2005). Translating research into practice: Trans youth recommendations for improving school systems. *Journal of Gay and Lesbian Issues in Education*, 3(1), 15-28.
- Sausa**, Lydia, **Keatley**, JoAnne, & **Operario**, Don (2007). Perceived risks and benefits of sex work among transgender women of color in San Francisco. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 768-777.
- Savin-Williams**, Ritch (1998). «... and then I became gay»: *Young men's stories*. Nova Iorque & Londres: Routledge.
- Schilt**, Kristen, & **Westbrook**, Laurel (2009). Doing gender, doing heteronormativity: «Gender normals», transgender people, and the social maintenance of heterosexuality. *Gender & Society*, 23, 440-464.
- Schleifer**, David (2006). Make me feel mighty real: Gay female-to-male transgenderists negotiating sex, gender, and sexuality. *Sexualities*, 9(1), 57-75.
- Schreiner**, Lucas, **Paim**, Leonardo, **Ramos**, Fabiano, **Filho**, Edson, **Martins**, Diogo, **Junior**, Claudio, ... **Picon**, Patrícia (2004). Prevalência de sintomas depressivos em uma amostra de prostitutas de Porto Alegre. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(1), 13-20.
- Schnapper**, Dominique (2005). *La compréhension sociologique: Démarche de l'analyse typologique*. Paris: PUF & Quadrigue.
- Schwandt**, Thomas (2000). Three epistemological stances for qualitative research inquiry:

- interpretivism, hermeneutics, and social constructionism. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Orgs.), *Handbook of Qualitative Research* (2ª ed.) (pp. 198-214). Thousand Oaks: Sage.
- Schwartz**, Dona (1989). Visual ethnography: Using photography in qualitative research. *Qualitative Sociology*, 12(2), 119-154.
- Scott**, Joan (1988). Deconstructing equality-versus-difference: Or, the uses of poststructuralist theory for feminism. *Feminist Studies*, 14(1), 33-50.
- Sebastião**, João (1996). *Crianças da rua: Modos de vida marginais na cidade de Lisboa*. Oeiras: Celta Editora.
- Sedgwick**, Eve (1990). *Epistemology of the closet*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press.
- Seffner**, Fernando, & **Müller**, Magnor (2012). Quem ama sofre, quem sofre luta, quem luta vence: Da conjugalidade entre travestis e seus maridos. *Sociedade e Cultura*, 15(2), 285-295.
- Segal**, Erin (2013). Beyond the pale of psychoanalysis: Relational theory and generalist social work practice. *Clinical Social Work Journal*, 41(4), 376-386.
- Seidman**, Steven (1996). *Queer theory/sociology*. Cambridge & Oxford: Blackwell Publisher.
- (1997). *Difference troubles: Queering social theory and sexual politics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Serovich**, Julianne, **Skeen**, Patsy, & **Henley**, Lynda (1993). In-law relationships when a child is homosexual. *Journal of Homosexuality*, 26(1), 57-76.
- Shankar**, Aparna, **McMunn**, Anne, **Banks**, James, & **Steptoe**, Andrew (2011). Loneliness, social isolation, and behavioral and biological health indicators in older adults. *Health Psychology*, 30(4), 377-385.
- Shaver**, Frances (2005). Sex work research: Methodological and ethical challenges. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(3), 296-319.
- Shiperd**, Jillian, **Green**, Kelly, & **Abramovitz**, Sarah (2010). Transgender clients: Identifying and minimizing barriers to mental health treatment. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 14, 94-108.
- Showalter**, Elaine (1990). *Sexual anarchy: Gender and culture at the fin de siècle*. Nova Iorque: Viking.
- SIC** (2012, 15 de dezembro). Travestis. «Nas Ruas» — 13º Programa. Disponível [aqui](#).
- Silbert**, Mimi (1981). Occupational hazards of street prostitutes. *Criminal Justice and Behaviour*, 8, 395-399.
- Silbert**, Mimi, & **Pines**, Ayala (1983). Victimization of street prostitutes. *Victimology*, 7(1), 122-133.
- Silbert**, Mimi, **Pines**, Ayala, & **Lynch**, Teri (1982). Substance abuse and prostitution. *Journal of Psychoactive Drugs*, 14(3):193-197.
- Silva**, Bruno, & **Cerqueira-Santos**, Elder (2014). Apoio e suporte social na identidade de travestis, transexuais e transgéneros. *Revista da SPAGESP*, 15(2), 27-44.
- Silva**, Hélio (1993). *Travesti, a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Silva**, Joseli, **Ornat**, Marcio, & **Junior**, Alides (2013). Para além da apresentação das geografias malditas: Uma análise da resistência às descontinuidades científicas no campo científico da geografia no Brasil. Em J. Silva, M. Ornat & A. Junior (Orgs.), *Geografias malditas: Corpos, sexualidades e espaços* (pp.11-23). Ponta Grossa: Todapalavra.
- Silva**, Pedro, **Sacramento**, Octávio, & **Portela**, José (Coord.) (2011). *Etnografia e intervenção social: Por uma praxis reflexiva*. Lisboa: Edições Colibri.
- Simmel**, George (1949). The sociology of sociability. *American Journal of Sociology*, 55(3), 254-261.
- Siqueira**, Monica (2009). *Arrasando horrores! Uma etnografia das*

- memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis 'das antigas'.* Florianópolis, Tese de doutoramento em antropologia apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina.
- Sisnero, Jose, Stakeman, Catherine, Joyner, Mildred, & Schmitz, Cathryne** (2016). *Critical multicultural social work.* Nova Iorque: Oxford University Press.
- Slamah, Khartini, Winter, Sam, & Ordek, Kemal** (2010). Violence against trans sex workers: Stigma, exclusion, poverty and death. *Research for Sex Work, 12*, 30-31.
- Sloan, Lacey, & Wahab, Stephanie** (2000). Feminist voices on sex work: Implications for social work. *Affilia, 15*, 457-478.
- Sluzki, Carlos** (1997). *A rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas.* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- (2010). Personal social networks and health: Conceptual and clinical implications of their reciprocal impact. *Families, Systems, & Health, 28*(1), 1-18.
- Soares, Milene, Feijó, Marianne, Valério, Nelson, Siqueiri, Carmen, & Pinto, Maria** (2011). O apoio da rede social a transexuais femininas. *Paidéia, 21*(48), 83-92.
- Spargo, Tamsin** (1999). *Foucault and queer theory.* Cambridge & Nova Iorque: Icon Books & Totem Books.
- Spicer, Shane** (2010). Healthcare needs of the transgender homeless population. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health, 14*(4), 320-339.
- Spradley, James** (1979). *The ethnographic interview.* Belmont: Wadsworth.
- Staub-Bernasconi, Silvia** (2016). Social work and human rights: Linking two traditions of human rights in social work. *Journal Human Rights and Social Work, 1*(1), 40-49.
- Stoller, Robert** (1964). A contribution to the study of gender identity. *The International Journal of Psycho-Analysis, 45*, 220-226.
- (1973). The male transsexualism: Uneasiness. *International Journal of Psycho-Analysis, 130*, 536-539.
- (1974). *Sex and gender* (vol. 2). *The transsexual experiment.* Nova Iorque: Jason Aronson.
- (1984). *Sex and gender: On the development of masculinity and femininity.* Londres: Karnac Books (trabalho original publicado em 1968).
- Stone, Sandy** (1991). The 'Empire' Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto. Em J. Epstein & K. Straub (Orgs.), *Body guards: The cultural politics of sexual ambiguity* (pp. 281-304). Nova Iorque: Routledge.
- Stotzer, Rebecca** (2009). Violence against transgender people: A review of United States data. *Agression and Violent Behavior, 14*, 170-179.
- Stotzer, Rebecca, Silverschanz, Perry, & Wilson, Andre** (2013). Gender identity and social services: Barriers to care. *Journal of Social Service Research, 39*(1), 63-77.
- Strauss, Anselm, & Corbin, Juliet** (2008). *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.* Porto Alegre: Artmed.
- Streubert, Helen, & Carpenter, Dona** (2002). *Investigação qualitativa em enfermagem: Avançando o imperativo humanista.* Loures: Lusociência.
- Stryker, Susan** (2004). Transgender studies: Queer theory's evil twin. *GLS: Journal of Lesbian and Gay Studies, 10*(2), 212-215.
- (2008). *Transgender history.* Berkeley: Seal Press.
- Stryker, Susan, & Whittle, Stephen** (Orgs.) (2006). *The transgender studies reader.* Nova Iorque & Londres: Routledge.
- Surrat, Hilary, Inciardi, James, Kurtz, Steven, & Kileym, Marion**

- (2004). Sex work and drug use in a subculture of violence. *Crime and Delinquency, 50*(1), 43-59.
- Sutherland, Kate** (2004). Work, sex, and sex-work: Competing feminist discourses on the international sex trade. *Osgoode Hall Journal, 42*, 139-167.
- TAMPEP** (2009). *Sex work in Europe: A mapping of prostitution scene in 25 European countries.* Amsterdam: TAMPEP International Foundation.
- Teh, Yik Koon** (2008). HIV-related needs for safety among male-to-female transsexuals (mak nyah) in Malaysia, SAHARA-J. *Journal of Social Aspects of HIV/AIDS, 5*(4), 178-185
- Teixeira, Alexandre, & Oliveira, Alexandra** (2016). Exploratory study on the prevalence of suicidal behavior, mental health, and social support in female street sex workers in Porto, Portugal. *Health Care for Women International, 38*(2), 159-166.
- Teixeira, Flávia** (2008). *ÉItalia dei Divieti: Entre o sonho de ser eupônea e o babado da prostituição.* *Cadernos Pagu, 31*, 275-308.
- (2011). Juízo e sorte: Enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália. Em A. Piscitelli, G. Assis & J. Olivar (Orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 225-262). Campinas: Pagu-Núcleo de Estudos de Gênero & UNICAMP.
- Teixeira, José** (2010). *Ideação suicida em prostitutas de rua.* Porto, Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto.
- TGEU – Transgender Europe** (2020). *Terminology.* Disponível [aqui](#).
- The Yogyakarta Principles** (2007). *Principles on the application of international human rights law in relation to sexual orientation and gender identity.*
- Thompson, Neil** (2002). Anti-discriminatory practice. Em M. Davies (Org.), *Companion to social work* (2ª ed.) (pp. 88-95). Oxford: Blackwell Publishing.
- (2016). *Anti-discriminatory practice: Equality, diversity and social justice* (6ª ed.). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Tompkins, Avery** (2014). Asterisk. *TSSQ: Transgender Studies Quarterly, 1*(1-2), 26-27.
- Toomey, Russell, Ryan, Caitlin, Diaz, Rafael, Card, Noel, & Russell, Stephen** (2010). Gender-nonconforming lesbian, gay, bisexual, and transgender youth: School victimization and young adult psychosocial adjustment. *Developmental Psychology, 46*(6), 1580-1589.
- Tracy, Elizabeth, & Johnson, Pam** (2007). Personal social networks of women with co-occurring substance use and mental disorders. *Social Work Practice in the Addictions, 7*(1/2), 69-90.
- Trans Media Watch** (2010). *How transgender people experience the media.* Reino Unido: Trans Media Watch.
- Trans Murder Monitoring** (2018). Disponível [aqui](#).
- Tucker, Joseph, Peng, Hua, Wang, Kaidi, Chang, Helena, Zhang, Sen-Miao, Yang, Li-Gang, & Yang, Bin.** (2011). Female sex worker social networks and STI/HIV prevention in South China. *PLOS ONE 6*(9), 1-6.
- Turner, Lewis, Whittle, Stephen, & Combs, Ryan** (2009). *Transphobic hate crime in the European Union.* ILGA-Europe/Press for Change.
- TV Goiânia** (2014). *Um homem foi encontrado morto dentro do apartamento onde morava.* Disponível [aqui](#).
- Uchino, Bert** (2004). *Social support and physical health: Understanding the health consequences of relationships.* New Haven/Londres: Yale University Press.
- Ulibarri, Monica, Semple, Shirley, Rao, Sao, Strathdee, Steffanie, Fraga-Vallejo, Miguel, Bucardo, Jesus, ... Patterson, Thomas.** (2009). History of abuse and psychological distress symptoms among female sex workers

- in two Mexico — U.S. Border Cities. *Violence and Victims*, 24(3), 399-413.
- UNAIDS – United Nations Programme on HIV/AIDS** (2012). *Guidance note on HIV and sex work*. Geneva: WHO Press.
- Vala**, Jorge (2014). A análise de conteúdo (16ª ed.). Em A. Silva & J. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101 – 128). Porto: Edições Afrontamento.
- Vale**, Alexandre (2005). *O voo da beleza: Travestilidade e devir minoritário*. Fortaleza, Tese de doutoramento em sociologia apresentada à Universidade Federal do Ceará.
- Valentine**, David (2007). *Imagining transgender: An ethnography of a category*. Durham & Londres: Duke University.
- Valera**, Roberto, **Sawyer**, Robin, & **Schiraldi**, Glenn (2000). Violence and post traumatic stress disorder in a sample of inner city street prostitutes. *American Journal of Health Studies*, 16(3), 149-155.
- Vanderwoerd**, James (2002). When religion and sexual orientation collide: Ethical dilemmas in curriculum standards for social work education. *Social Work and Christianity*, 21(1), 53-64.
- Vanwesenbeeck**, Ine (2005). Burnout among female indoor sex workers. *Archives of Sexual Behavior*, 34(6), 627-639.
- Vartabedian**, Julieta (2012). *Geografía travesti: Cuerpos, sexualidad y migraciones de travestis brasileñas (Rio de Janeiro-Barcelona)*. Barcelona, Tese de doutoramento em antropologia social e cultural apresentada à Universidade de Barcelona.
- (2013). «Tengo mucho placer para enseñarte»: Sobre travestis brasileñas trabajadoras del sexo y la gestión pública de la prostitución en Barcelona. *QUADERNS-E*, 18(1), 80-97.
- (2014). Migraciones trans: Travestis brasileñas migrantes trabajadoras del sexo en Europa. *Cadernos Pagu*, 42, 275-312.
- (2018). *Brazilian ‘travesti’ migrations: Gender, sexualities and embodiment experiences*. Cambridge: University of Cambridge.
- Vasconcelos**, Pedro (2004). Categorização, identidade e sexualidade: Notas sobre a dominação. Em A. P. Marques et al. (Orgs.), *Formas identitárias e modernidade tardia* (pp. 51-70). Braga: ICS & UM.
- (2011). *Capital social, solidariedade familiar e desigualdade social no Portugal contemporâneo*. Lisboa, Tese de doutoramento em sociologia apresentada ao ISCTE-IUL.
- Velho**, Gilberto (1987). Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- (2003). *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- (2009). Antropologia urbana: Encontro de tradições e novas perspectivas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 59, 11-18.
- Vernier**, Johanne (2005). La loi pour la sécurité intérieure: Punir les victimes du proxénétisme pour mieux les protéger? Em M. Handman & J. Moussuz-Lavau (Orgs.), *La prostitution à Paris* (pp. 121-152). Paris: Éditions de la Martinière.
- Vilar**, Duarte (2010). Contração e aborto na paisagem conjugal e sexual contemporânea. Em P. Ferreira & M. Cabral (Orgs.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e riscos* (pp. 289-321). Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Vinhas Martins**, Margarida (2005). Manuel ou Maria: Transsexualismo ou a ambiguidade sexual. *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, 10(6), 345-360.

- Vitorino**, Sérgio (2009, 2 de maio). Trabalho sexual: não finja que não vê. *Blog 5dias.net*. Disponível [aqui](#).
- Vitorino**, Sérgio (2016, 21 de fevereiro). Geração Gisberta. *Esquerda.net*. Disponível [aqui](#).
- Vogel**, Katrin (2009). The mother, the daughter, and the cow: Venezuelan transformistas' migration to europe. *Mobilities*, 4(3), 367-387.
- Warner**, Michael (1991). Introduction: Fear of a queer planet. *Social Text*, 29, 3-17.
- Weeks**, Jeffrey (1977). *Coming out: Homosexual politics in Britain from the nineteenth century to the present*. Oxford: Blackwell.
- Weeks**, Jeffrey, **Heaphy**, Brian, & **Donovan**, Catherine (2001). *Same sex intimacies: Families of choice and another life experiments*. Londres: Routledge.
- Weinberg**, George (1972). *Society and the healthy homosexual*. Nova Iorque: St Martin's Press.
- Weinberg**, Martin, **Shaver**, Frances, & **Williams**, Colin. (1999). Gendered sex work in the San Francisco tenderloin. *Archives of Sexual Behavior*, 28(6), 503-21.
- Weitzer**, Ronald (2005). New directions in research on prostitution. *Crime, Law, and Social Change*, 4-5, 211-235.
- (2009). Sociology of sex work. *Annual Review of Sociology*, 35, 213-234.
- (2010a). The ethnography of prostitution: New international perspectives. *Contemporary Sociology: A Journal of Reviews*, 39, 262-269.
- Weitzer**, Ronald, & **Ditmore**, Melissa (2010). Sex trafficking: Facts and fictions. Em R. Weitzer (Org.), *Sex for sale: Prostitution, pornography and the sex industry* (pp. 325-351). Nova Iorque: Routledge.
- Wellman**, Barry (1981). Applying network analysis to the study of support. Em B. Gottlieb (Org.), *Social networks and social support* (pp. 171-200). Beverly Hills: Sage.
- Wells**, Kristopher, **Roberts**, Gayle, & **Allan**, Carol (2012). *Supporting transgender and transsexual students in K-12 schools: A guide for educators*. Ottawa: Canadian Teachers' Federation.
- Welzer-Lang**, Daniel (1994). *Prostitution: Les uns, les unes et les autres*. Paris: Editions Métailié.
- West**, Candace, & **Zimmerman**, Don (1987). Doing gender. *Gender & Society*, 1(2), 125-151.
- Weston**, Kath (1991). *Families we choose: Lesbians, gay men and kinship*. Nova Iorque: Columbia UP.
- Whittle**, Stephen (2000). *The transgender debate: The crisis surrounding gender identities*. Reading, UK: South Street Press.
- Whittle**, Stephen, **Turner**, Lewis, & **Al-almi**, Maryam (2007). *Engendered penalties: Transgender and transsexual people's experiences of inequality and discrimination*. Londres: Manchester Metropolitan University.
- Whyte**, William (2005). *Sociedade de esquina. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (trabalho original publicado em 1943).
- Wikan**, Unni (1977). Man becomes woman: Transsexualism in Oman as a key to gender roles. *Man*, 12(2), 304-319.
- Wilchins**, Ricky A. (1997). *Read my lips: Sexual subversion and the end of gender*. Nova Iorque: Magnus Books.
- Williams**, Cristan (2014). Transgender. *TSSQ: Transgender Studies Quarterly*, 1(1-2), 232-237.
- Williams**, Walter (1992). *The spirit and the flesh: Sexual diversity in American Indian culture*. Boston: Beacon Press (trabalho original publicado em 1986).
- Wilson**, Erin, **Garofalo**, Robert, **Harris**, Robert, **Herrick**, Amy, **Martinez**, Miguel, **Martinez**, Jaime, & **Belzer**, Marvin (2009). Transgender female youth and sex work: HIV risk and a comparison of life factors

- related to engagement in sex work. *AIDS and Behavior*, 13, 902-913.
- Winter**, Sam (2009). Lost in transition: Transpeople, transprejudice and pathology in Asia. *The International Journal of Human Rights*, 13(2-3), 365-390.
- (2012). *Lost in transition: Transpeople people, rights and HIV vulnerability in the Asia-Pacific region*. Bangkok: United Nations Development Programme.
- WPATH** (2012). *Standards of care for health of transsexual, transgender, and gender-nonconforming people* (7ª versão). Disponível [aqui](#).
- Wyss**, Shannon (2004). 'This was my hell': The violence experience by gender non-conforming youth in US high schools. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 17(5), 709-730.
- Yanca**, Stephen, & **Johnson**, Louise (2008). Diversity competent practice with families. Em S. Yanca & L. Johnson (Orgs.), *Generalist Social Work Practice with Families* (pp. 53 – 68). Boston: Allyn & Bacon.
- Young**, Carl, **Giles**, Dwinht, & **Plantz**, Margaret (1982). Natural networks: Help-giving and help-seeking in two rural communities. *American Journal Community Psychology*, 10(4), 457-469.
- Young**, Michael, & **Willmott**, Peter (2007). *Family and kinship in east London*. Londres: Penguin Books (trabalho original publicado em 1957).
- Yu**, Van (2010). Shelter and transitional housing for transgender youth. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 14(4), 340-345.
- Yunger**, Jennifer, **Carver**, Priscilla, & **Perry**, David (2004). Does gender identity influence children's psychological well-being? *Developmental Psychology*, 40(4), 572-582.
- Zambrano**, Margatita (2006). *Las políticas del cuerpo y las negociaciones identitarias de las travestis en el ex-penal García Moreno*. Quito, dissertação de mestrado em estudos latino-americanos apresentada à Universidad Andina Simón Bolívar.

LEGISLAÇÃO

- Lei n.º 23/2007 de 4 de julho, publicada no Diário da República (DR), 1.ª série, n.º 127.
- Lei n.º 27/2008 de 30 de junho, publicada no DR, 1.ª série, n.º 124.
- Lei n.º 9/2010, 31 de maio, publicada no DR, 1.ª série, n.º 105.
- Lei n.º 7/2011 de 15 de março, publicada no DR, 1.ª série, n.º 52.
- Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro, publicada no DR, 1.ª série, n.º 172.
- Lei n.º 19/2013 de 14 de abril, publicada no DR, 1.ª série, n.º 37.
- Lei n.º 28/2015 de 14 de abril, publicada no DR, 1.ª série, n.º 72.
- Lei n.º 38/2018 de 7 de agosto, publicada no DR, 1.ª série, n.º 151.

ENDEREÇOS ELETRÓNICOS

- Ação Pela Identidade**. Disponível [aqui](#).
- AMPLOS – Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género**. Disponível [aqui](#).
- Associação para o Planeamento da Família**. Disponível [aqui](#).
- Associação Plano i**. Disponível [aqui](#).
- Casa Qui – Associação de Solidariedade Social**. Disponível [aqui](#).

- Espaço Intendente**. Disponível [aqui](#).
- Grupo de Reflexão e Intervenção sobre Transexualidade**. Disponível [aqui](#).
- Happier Teens**. Disponível [aqui](#).
- Observatório da Discriminação em Função da Orientação Sexual e Identidade de Género**. Disponível [aqui](#).

- PortoG**. Disponível [aqui](#).
- RedLight In & Out**. Disponível [aqui](#).
- Stop Trans Pathologization**. Disponível [aqui](#).
- Transgender Europe (TGEU)**. Disponível [aqui](#).
- WPATH**. Disponível [aqui](#).

ANEXOS

Anexo A Publicações sobre Travestis Trabalhadoras do Sexo

TABELA 1. PUBLICAÇÕES SOBRE TRAVESTIS TRABALHADORAS DO SEXO (ATÉ 2011)

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPOLOGIA
1982	Duarte e Hermínio	<i>Prostituição masculina em Lisboa</i>	Livro
1997	Bernardo et al.	<i>The portuguese transgender community: An unknown reality</i>	Estudo exploratório
2001	Jayme	<i>Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: Personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa</i>	Tese
2009	Monteiro, Policarpo e Silva	<i>The social situation concerning homophobia and discrimination on grounds of sexual orientation in Portugal.</i>	Relatório
2010	APDES	<i>Support and empowerment of female sex workers and trafficked women working in hidden places – Portuguese final report</i>	Relatório
2011	Dias et al.	<i>Relatório comunitário: Estudo com trabalhadores do sexo</i>	Relatório

TABELA 2. PUBLICAÇÕES SOBRE TRAVESTIS TRABALHADORAS DO SEXO (A PARTIR DE 2011)

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPOLOGIA
2011	Oliveira	<i>Andar na Vida</i>	Livro
2013	Ramalho, Barroso e Santos	<i>Género e vulnerabilidade: Intervenção com travestis em contexto de prostituição de rua</i>	Capítulo de livro
2013	Oliveira	<i>Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: Características e significados</i>	Relatório
2013	Alvim	<i>«Só muda a moeda»: Representações sobre tráfico de seres humanos e trabalho sexual em Portugal</i>	Tese
2013	Barroso	<i>Dentro de portas – Trabalhadores do sexo em contexto de interior: Utilização e acesso a serviços de saúde na área da infeção VIH/Sida</i>	Dissertação
2013	Saleiro	<i>Trans géneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de género</i>	Tese
2014	Ramos et al.	<i>Uma incursão etnográfica ao mundo dos trabalhadores sexuais transgéneros</i>	Artigo
2016	Saleiro	<i>«Travesti»: Insulto ou identidade?</i>	Ata de congresso
2017	Belizário	<i>Travesti es una mujer con cuatro cojones y diez sentidos: Experiencias de trabajadoras sexuales brasileñas trans en Barcelona</i>	Capítulo de livro
2018	Oliveira	<i>Same work, different oppression: Stigma and its consequences for male and transgender sex workers in Portugal</i>	Artigo
2018	Luis	<i>Travestis brasileiras em Portugal: Percursos, identidades e ambiguidades</i>	Livro

Anexo B

CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS [DADOS DE 2013]

Nome	Idade	Escolaridade	Idade da 1.ª relação sexual	Idade do/a parceiro/a da 1.ª relação sexual	Abuso sexual	Idade de início da prostituição	Anos de prática de prostituição	Naturalidade	Nacionalidade	Identidade	Tipo de Habitação
Marlene	32	12.º ano	13 anos	30 anos	Sim	17 anos	15 anos	s/d	Cabo-verdiana	VT	Barraca
Diva	46	4.º ano	16 anos	20 anos	Não	16 anos	20 anos	Lisboa	Portuguesa	VT	Casa arrendada (habitação social)
Cristiana	50	9.º ano	s/d	s/d	s/d	25 anos	25 anos	Lisboa	Portuguesa	GM	Casa arrendada (isolada)
Dalila	32	10.º ano	15 anos	s/d	Não	18 anos	8 anos	Lisboa	Portuguesa	GM	Casa própria
Fabiana	25	11.º ano	14 anos	24 anos	Sim	19 anos	6 anos	Lisboa	Portuguesa	VT	Casa arrendada (partilhada com outra travesti)
Estefani	28	9.º ano	6-9 anos	15 anos	Sim	20 anos	8 anos	Lisboa	Cabo-verdiana	VT	Quarto
Ivone	43	Freq. universitária	7 anos	35 anos	Sim	18 anos	25 anos	Equador	Equatoriana	VT	Casa arrendada (isolada)
Leila	23	12.º ano	18 anos	20 anos	Não	20 anos	3 anos	Minas Gerais	Brasileira	VT	Casa arrendada (partilhada com outra travesti)
Carina	32	9.º ano	18 anos	s/d	Não	18 anos	3 anos e 6 meses	Porto Santo	Portuguesa	GM	Pensão
Liliana	23	12.º ano	10-11 anos	15 anos	Sim	21 anos	2 anos	Beja	Portuguesa	GM	Casa arrendada (partilhada com outra travesti)
Zara	56	6.º ano	10 anos	16 anos	Sim	21 anos	35 anos	Porto	Portuguesa	VT	Casa própria
Nádia	40	4.º ano	14 anos	s/d	Não	32 anos	8 anos	Guimarães	Portuguesa	VT	Casa arrendada (partilhada com familiares)
Olga	29	9.º ano	20 anos	38 anos	Não	26 anos	2 anos e 8 meses	Portimão	Portuguesa	GM	Casa arrendada (partilhada com outra travesti)
Alessandra	34	4.º ano	12 anos	40 anos	Sim	21 anos	13 anos	Minas Gerais	Brasileira	VT	Casa arrendada (partilhada com outra travesti)
Priscila	23	6.º ano	16 anos	16 anos	Não	20 anos	3 anos	Lisboa	Portuguesa	VT	Casa arrendada (partilhada com outra travesti)
Rebeca	34	9.º ano	< 10 anos	s/d	s/d	24 anos	10 anos	Lisboa	Portuguesa	VT	Casa arrendada (partilhada com outra travesti)
Bianca	32	11.º ano	13 anos	s/d	Não	21 anos	11 anos	Espírito Santo	Brasileira	GM	Casa arrendada (partilha com namorado)
Sabrina	36	5.º ano	12 anos	30 anos	Sim	19 anos	17 anos	Évora	Portuguesa	GM	Casa arrendada (partilha com namorado)
Carole	33	12.º ano	13 anos	30 anos	Sim	22 anos	11 anos	São Paulo	Brasileira	VT	Casa arrendada (isolada)
Cynthia	32	7.º ano	14 anos	20 anos	Sim	17 anos	15 anos	Goiânia	Brasileira	VT	Casa arrendada (isolada)
Rafaela	34	12.º ano	12 anos	s/d	s/d	33 anos	1 ano	São Paulo	Brasileira	GM	Casa arrendada (partilhada com outra travesti)

Anexo C

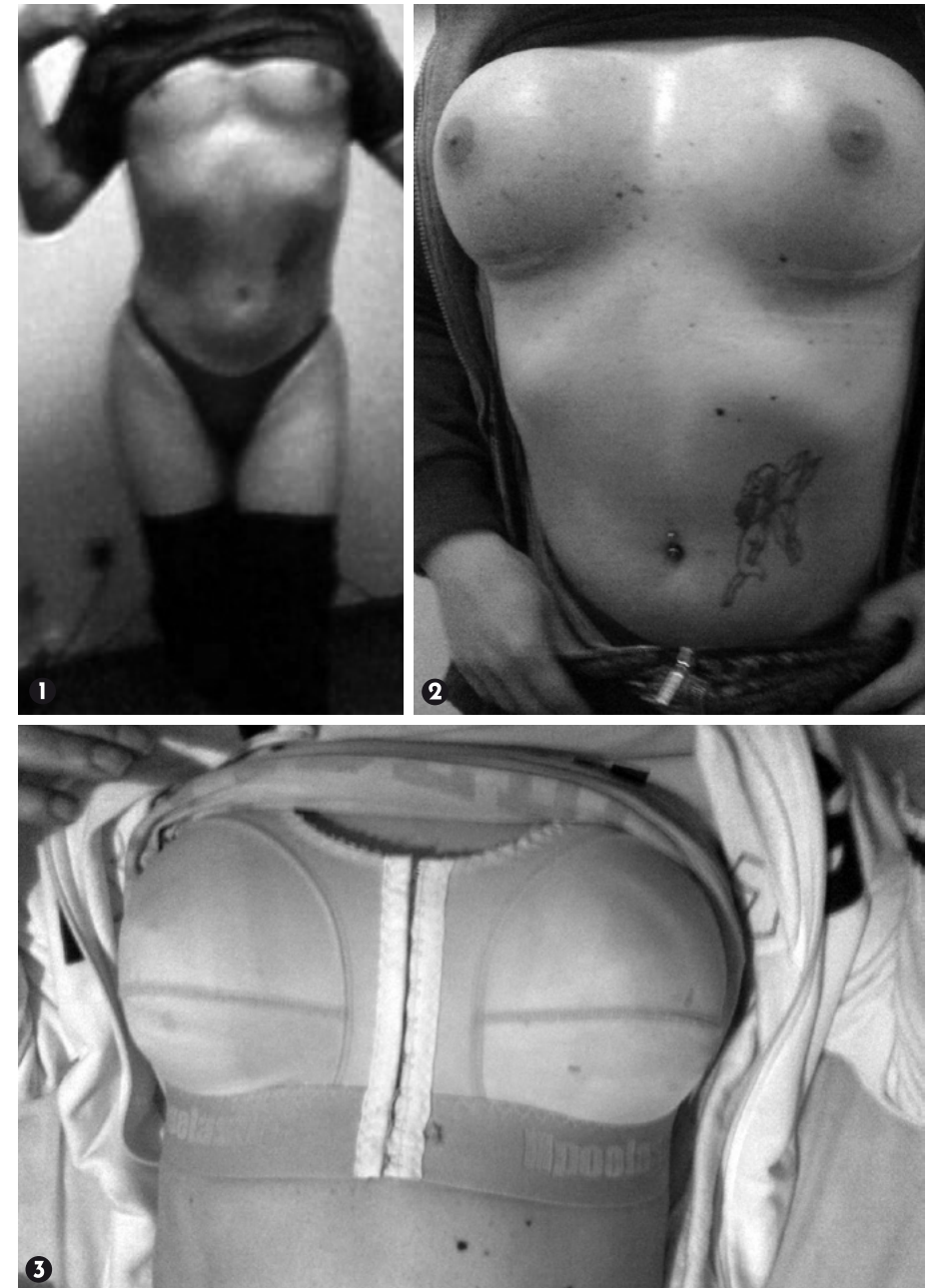
FOTOGRAFIAS DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DE SILICONE



1. Marcas das agulhas de aplicação do silicone nas pernas.
2, 3. Resultado final da aplicação do silicone nas nádegas e quadris

Anexo D

FOTOGRAFIAS DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DAS PRÓTESES MAMÁRIAS



1. «Peitinhos de hormônio» antes da aplicação das próteses mamárias.
2, 3. Resultado final após a aplicação das próteses mamárias.

«VIRAR TRAVESTI»

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso na Eigal,
Indústria Gráfica, em papel CoralBook
de 80 gramas, em Agosto de 2020.



2019 | prémio APAV
para a investigação



«VIRAR TRAVESTI»

«VIRAR TRAVESTI»

*Trajetórias de Vida,
Prostituição e Vulnerabilidade Social*

Nélson Alves Ramalho

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXX

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
CONHECER O MUNDO DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI	15
CAPÍTULO 1	
TRAVESTIS: DISCUSSÕES, NOÇÕES E (IN)DEFINIÇÕES	39
.....	
1.1. Abordagem essencialista do género	39
1.1.1. «Sexo», «género» e «sexualidade»: elementos da ordem binária	39
1.1.2. O «modelo médico» e a invenção «travesti» e «transexual»	43
1.1.3. A patologização dos «desvios» de género	57
1.2. Abordagem construtivista do género	63
1.2.1. Estudos antropológicos: a diversidade de expressões de género	64
1.2.2. Estudos etnometodológicos: «fazer género» na vida diária	65
1.2.3. Estudos feministas: a rigidificação das categorias de género	66
1.2.4. Estudos <i>queer</i> : o género como «performance»	72
1.2.5. Estudos transgénero	79
1.3. (In)definições e limitações do significado de «travesti»	88
1.3.1. No contexto brasileiro	88
1.3.2. No contexto português	92
CAPÍTULO 2	
NARRATIVAS DE REJEIÇÃO: A HISTÓRIA DE UMA EXPULSÃO	109
.....	
2.1. Os contextos sociais de origem das travestis	109
2.2. As dinâmicas e as relações familiares	112
2.2.1. As figuras paternas: entre a indiferença e o medo	114
2.2.2. As figuras maternas: entre a proteção e a rejeição	115
2.2.3. Amizades: figuras confidentes	117
2.3. O reconhecimento da «diferença»: reações à «transgressão» de género	118
2.3.1. «Faz-te homem!»: Uma masculinidade indesejada na família	119



© 2020, Néelson Alves Ramalho e
Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Têls: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: «Virar Travesti»: *Trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade social*
Autor: Néelson Alves Ramalho
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Setembro de 2020

ISBN 978-972-567-0

Depósito Legal n.º 473022/20

2.3.2. «Tu não pertences aqui!»: A rejeição comunitária	122
2.3.3. A escola como um espaço inseguro	123
2.3.4. A luta pessoal pela conformação social e as suas implicações	128
2.4. Das primeiras experiências sexuais ao « <i>coming out</i> »	131
2.4.1. Descobrir-se «homossexual»	131
2.4.2. As primeiras experiências sexuais	133
2.4.3. « <i>Coming out</i> »: o processo de revelação identitária	139
2.5. A autonomia familiar	146
2.5.1. De casa para as ruas: percursos de indignância	146
2.5.2. A descoberta e o encantamento pelo «mundo travesti»	151

CAPÍTULO 3

O «CONDE»: UM TERRITÓRIO ABERTO AO MERCADO DO SEXO

3.1. A entrada no trabalho sexual: motivações iniciais	155
3.2. «Descer na rua» e ingressar no território prostitucional	159
3.3. O «Conde»: aspetos caracterizadores do território prostitucional	165
3.3.1. A presença de múltiplos estabelecimentos comerciais ligados à indústria do sexo	165
3.3.2. O quotidiano prostitucional: hábitos, práticas e rotinas	168
3.3.3. A precariedade das «pensões» e dos locais de prática da prostituição	176
3.4. Os «pontos»: locais de poder, competição e disputa	179
3.5. Migrar para integrar o mercado internacional do sexo	186
3.5.1. Perseguir o sonho de «ser europeia»	186
3.5.2. «Ser cafetinada»: práticas migratórias assistidas	190
3.5.3. Práticas migratórias independentes	193

CAPÍTULO 4

O CORPO NA CONSTRUÇÃO

E AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES TRAVESTIS

4.1. As práticas de transformação corporal e fabricação do feminino	201
4.1.1. O início da «montagem» do feminino	202
4.1.2. As substâncias hormonais e o crescimento de «peitinhos»	204
4.1.3. O silicone industrial: uma técnica para «fazer o corpo»	209
4.1.4. Alcançar a «perfeição»: a importância das cirurgias estéticas	218

4.1.5. Aprendizagem e incorporação da feminilidade	220
4.2. O universo travesti: identidades, classificações e hierarquias	222
4.2.1. Ser « <i>gay montada</i> »	224
4.2.2. Ser «verdadeira travesti»	236
<i>O desejo de preservar a genitália masculina</i>	241
<i>Quando o feminino também convive com o masculino</i>	247
<i>Ambiguidade corporal</i>	251
4.2.3. Um <i>continuum</i> de identidades travestis	261

CAPÍTULO 5

VIDAS PRECÁRIAS: VULNERABILIDADES, VIOLÊNCIAS E DISCRIMINAÇÕES

5.1. Vitimação e transfobia	263
5.1.1. A violência indireta	265
5.1.2. A violência direta	267
<i>O caso «Gisberta»</i>	275
<i>O caso «Luna»</i>	277
5.2. (In)segurança e (des)proteção policial	279
5.2.1. Estratégias de proteção pessoal	287
<i>A agressividade</i>	288
<i>A passividade</i>	289
<i>O evitamento</i>	290
<i>O desenvolvimento de alianças</i>	291
<i>O aprimoramento da intuição</i>	292
5.3. Trauma(s): os efeitos da vitimação	293
5.3.1. Consumos e adicções	293
5.3.2. Saúde mental	302

CAPÍTULO 6

REDES DE SUPORTE SOCIAL E SOLIDARIEDADE

6.1. Vulnerabilidade(s) e suporte social	305
6.2. Redes de suporte informal	307
6.2.1. Os familiares	307
<i>Rutura relacional</i>	307
<i>Distanciamento relacional</i>	309

<i>Dependência relacional</i>	310
<i>Proximidade relacional</i>	313
6.2.2. As amizades: as «famílias de escolha»	315
6.2.3. Os «maridos»	320
6.2.4. Os clientes-amigos	329
6.3. Redes de suporte formal	331
6.3.1. Os serviços sociais	331
<i>A (in)adequação dos serviços</i>	332
<i>Interação, linguagem e tratamento</i>	332
<i>O desajustamento da intervenção social</i>	334
<i>Obstáculos na aquisição de apoios sociais</i>	336
6.3.2. As associações LGBT	341
<i>Da ausência de ligações à vida associativa à presença na vida noturna LGBT</i>	343
6.3.3. O Projeto «Trans-Porta»	346
EPÍLOGO	
DO CONHECIMENTO À INTERVENÇÃO SOCIAL	351
.....	
Reconfiguração do sistema de género	352
Reivindicação de políticas públicas	354
Promoção de práticas e serviços profissionais afirmativos	361
LISTA DE ABREVIATURAS	369
GLOSSÁRIO TRAVESTI	371
AGRADECIMENTOS	377

NOTA DE EDIÇÃO

«*Virar Travesti*» nasceu de uma investigação de doutoramento homónima, sobre a qual foi feita a adaptação editorial destinada ao grande público.

A tese original, com todo o aparato crítico e metodológico, pode naturalmente ser consultada no Iscte-Instituto Universitário de Lisboa.

A Bibliografia e os Anexos para os quais este livro remete encontram-se disponíveis *online* na página do livro, em www.tintadachina.pt («ver interior»), ou através do QR code abaixo.



*À Lola, à Fininha, à Bionda e à Natacha,
outras «Gisbertas» — não noticiadas — que vi morrer.*

INTRODUÇÃO
CONHECER O MUNDO
DA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI

Este livro centra-se num dos grupos mais incompreendidos da sociedade portuguesa: as travestis trabalhadoras do sexo*. O meu interesse em investigá-las partiu de um conjunto de razões de ordem profissional, social e científica. No que respeita às *razões profissionais*, entre 2003 e 2005 integrei, como assistente social, diferentes projetos de intervenção com trabalhadoras do sexo pertencentes às Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Numa estratégia de aproximação ao fenómeno da prostituição de rua, efectuei trabalho de campo, em Lisboa, junto dos locais de maior intensidade prostitucional, para distribuir materiais profiláticos e estabelecer relações de confiança com os seus atores. As conversas e observações estabelecidas *in loco*, assim como os atendimentos sociais posteriores, em gabinete, permitiram-me adquirir um conhecimento particular sobre as trajetórias de vida, as dinâmicas familiares, laborais, afetivas, os desejos e as perspetivas futuras desta população. Esse conhecimento foi, a convite da Câmara Municipal de Lisboa, sistematizado no livro *Quem Levou o Meu Ser? As Mulheres de Rua*, onde colaborei com alguns capítulos (Ramalho, 2006a, b; Ramalho & Santos, 2006).

* «Travesti» é uma categoria identitária para definir uma diversidade de sujeitos masculinos que se exprimem e/ou constroem corporalmente, em diferentes graus, no feminino a partir de contextos sociais específicos, particularmente, prostitucionais. Embora se trate de um substantivo masculino («o travesti»), observei que os sujeitos investigados subvertiam esta e outras normas gramaticais, fazendo uso frequente da palavra «travesti», assim como de pronomes, adjetivos e outros substantivos, no feminino para se referirem a si mesmos. Isto ocorria não só porque dentro dos contextos prostitucionais era exigido que se apresentassem com uma estética feminina, como também porque alguns sujeitos viviam «como mulheres» e assim desejavam ser tratados. É por isso que utilizo sempre a palavra no feminino.

Antes desta experiência profissional, em 2002, estive envolvido num projeto internacional que me pôs em contacto com a realidade brasileira da prostituição de rua. O Projeto Ecuménico de Prevenção à AIDS e Promoção da Vida Humana — DIGNIVIDA, sediado no município de Barreiras (Baía), tinha como objetivo reduzir os riscos associados às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), atuando preventivamente junto de mulheres e travestis que se prostituíam nos postos de gasolina, local de pernoita dos clientes camionistas. Pude acompanhar a equipa técnica nas suas saídas noturnas, dialogar diretamente com prostitutas e clientes e aproximar-me, pela primeira vez, da realidade travesti, com a qual não estava ainda familiarizado. Conviver de perto com sujeitos «incomuns», de corpos excêntricos e indecifráveis, despertou em mim a curiosidade para entender sujeitos que eram tidos como ininteligíveis.

A partir de 2010, no desempenho da minha atividade como assistente social, fui conhecendo de perto as dificuldades de algumas pessoas em serem aceites pela comunidade local devido à sua expressão e/ou identidade de género. O medo e a marginalização ditavam as regras de convivência entre elas. Além do mais, algumas colegas que partilhavam a mesma profissão que eu pareciam relacionar-se de maneira inadequada com estas pessoas, tratando-as desrespeitosamente no masculino e sem capacidade para gerar empatia. Atraídas pelo «exotismo», manifestavam maior interesse em compilar, no processo social, as várias reportagens sensacionalistas que saíam sobre elas do que em escutá-las ou compreendê-las na sua «diferença». Este conjunto de acontecimentos não só marcou profundamente a minha história profissional e a maneira de olhar para as questões da identidade de género e do trabalho sexual*, como me fez questionar o modo como o serviço social se posicionava perante elas.

Entre as razões de *ordem social* que me levaram a estudar as travestis trabalhadoras do sexo, está o facto de estas serem negativamente percecionadas pela sociedade. No imaginário social, as travestis eram representadas como «aberrações da natureza», «doentes», «sexualmente desviantes», «promíscuas», «delinquentes» ou «perigosas». Num simples exercício de consulta aos jornais diários disponibilizados na internet, observei que grande

* O «trabalho sexual» não se refere exclusivamente à prática da prostituição. É um conceito abrangente que engloba o conjunto de serviços, performances ou produtos sexuais comerciais oferecidos em troca de compensação material, o que inclui as mensagens eróticas, a pornografia, o *striptease*, as linhas telefónicas eróticas, entre outros. Refere-se apenas a pessoas adultas que consentem a transação de serviços. Não existindo consentimento, ou sendo exercido por menores, não é considerado trabalho sexual.

parte das notícias sobre travestis tendia a apresentá-las como violentas, ladras, criminosas, assassinas ou com uma personalidade instável. Títulos como os que se seguem são exemplos disso:

«Sexo com travesti acaba com agressões e roubo» (*Correio da Manhã*, 13 de maio de 2018)

«Travesti leva 16 anos por mutilar companheiro até à morte» (*Correio da Manhã*, 25 de maio de 2011)

«Travesti assalta homem com quem queria ter relações» (*Diário de Notícias*, 8 de maio de 2010)

«Travesti mata chinês com fogo» (*Correio da Manhã*, 25 de abril de 2009)*

A generalidade das reportagens invocava o crime, promovendo a ideia de que as travestis eram pessoas mentalmente transtornadas, envolvidas em roubos, drogas, que atraíam homens inocentes e os colocavam em situações de perigo. Considerando que a comunicação social é um importante veículo de construção de representações sociais, a difusão destes discursos, produzidos na sua maioria a partir de um contacto superficial, gerava imagens estereotipadas baseadas na «desordem», no «caos» e na «perturbação da ordem pública». Não é, pois, de estranhar que, durante o processo de investigação, vários amigos, familiares, colegas assistentes sociais e, inclusive, professores me tenham dito para «ter cuidado» e para me «precar» na aproximação às travestis, de forma a não «colocar em risco» a minha integridade física. Embora bem-intencionadas, estas advertências sugeriam que as travestis e o trabalho sexual eram realidades «ameaçadoras», o que, de certo modo, espelhava o sentimento de «medo» e «repulsa» que despertavam na maioria da população. As imagens estereotipadas, reiteradamente alimentadas por discursos sociais, religiosos, políticos ou de outros formadores de opinião, tinham um efeito profundamente estigmatizador, promovendo comportamentos transfóbicos, incitando ao ódio e constituindo um clima de violência socialmente aceite, o que empurrava a vivência destas pessoas para territórios periféricos, marginais e ligados ao submundo. A exclusão das travestis não resultava unicamente de a sua expressão e/ou identidade de género ser dissidente da norma binária, mas sobretudo da percepção negativa que a sociedade tinha delas, desvalorizando e desacreditando toda a sua

* Reportagens semelhantes poderão ser encontradas no *Diário de Notícias* (12 de junho de 2010; 25 de abril de 2009) e no *Correio da Manhã* (23 de março de 2011; 23 de fevereiro de 2011; 16 de janeiro de 2011; 27 de outubro de 2010; 8 de maio de 2010; 24 de abril de 2009; 26 de junho de 2008; 15 de março de 2008; 9 de outubro de 2006 e 22 de maio de 2004).

experiência. Como expressou Guilherme Ferreira (2014), assistente social especialista nesta matéria,

[...] se sofrem violência, elas a merecem porque são travestis; se adoecem, elas buscaram a doença; se passam fome, é porque não são suficientemente trabalhadoras; se sofrem assédio sexual, é a conclusão fatal da prostituição; se são discriminadas no bar, não se comportaram bem; se não conseguem emprego, são vagabundas; e toda uma ordem de enunciações que podem ser explicativas das experiências das travestis com o social [...]. [Ferreira, 2014, p. 110]

A maior parte dos discursos produzidos sobre as travestis não tinha em consideração as suas vozes e, como tal, não correspondia a um real entendimento das suas experiências de vida. Assim, a ligação das travestis aos contextos de prostituição e as dificuldades com que se defrontavam no seu quotidiano acabavam por ser explicadas com base em julgamentos morais. Tentando contrariar esta tendência, quis, pois, captar as percepções destes indivíduos, de forma a compreender o seu *modus vivendi*, as suas trajetórias de vida, a sua identidade e os processos de exclusão social a que estavam sujeitos.

Quanto às razões de *ordem científica* que me levaram a dar corpo ao presente estudo, elas prenderam-se sobretudo com a constatação de um limitado conhecimento sobre a população travesti trabalhadora do sexo. Na generalidade, o tema da prostituição tem permitido o surgimento de um complexo debate sobre a sexualidade, o corpo, o género e a violência, primordialmente dentro do pensamento feminista. Porém, este debate não só tem sido dominado por um paradigma moral, no qual as vozes dos trabalhadores do sexo estão sub-representadas, como as travestis não têm sido problematizadas da mesma forma, nem com a mesma intensidade, que as relações de poder e género na análise das mulheres — o centro das teorias feministas e, conseqüentemente, das próprias políticas públicas. Em resultado, o conhecimento científico nacional e internacional sobre trabalho sexual tem vindo a incidir, maioritariamente, sobre os atores do sexo feminino (sobretudo dos contextos de rua), prestando-se menor atenção aos restantes sujeitos da indústria do sexo, nomeadamente homens e travestis, o que resulta numa distorção do conhecimento sobre a indústria mundial do sexo.

Além disso, em Portugal, as identidades transgénero (ou, na sua versão abreviada, «trans») sofrem de uma invisibilidade não apenas dentro do pró-

prio movimento Lésbico, Gay, Bissexual e Transgénero (LGBT) como também dentro da academia, em especial nas ciências sociais, cuja produção científica relativa a este tema é marcadamente incipiente. Embora na atualidade se observe o desenvolvimento de alguns estudos e reflexões teóricas sobre o fenómeno transgénero e transexual (incluídos na Bibliografia), o fenómeno travesti continua a ser alvo de pouco interesse científico.

Em 2011, quando dei início a esta pesquisa, poucas eram as investigações que se tinham debruçado sobre as travestis trabalhadoras do sexo (cf. Anexo A, *online*). Ainda que esta população marcasse presença nas ruas das cidades, nas páginas de internet e nos classificados dos jornais diários, ela não era abordada, comentada e analisada, razão pela qual se mantinha praticamente desconhecida. António Duarte e Hermínio Clemente foram, talvez, os primeiros a estudá-la. Na obra *Prostituição Masculina em Lisboa* (1982), os jornalistas deram a conhecer, em imagens e textos — redigidos numa linguagem hoje vista como profundamente moralista — quem eram estas personagens que povoavam o imaginário social, apresentando, em formato de reportagem, as suas histórias de vida, as ligações ao mundo do crime, os seus processos migratórios e o tipo de relações que estabeleciam com os clientes, os políciais, as colegas, os familiares e os namorados. Abordaram também as questões da identidade de género e os processos de transformação corporal levados a cabo por algumas travestis por via das hormonas e do silicone.

Dezasseis anos depois, aquando da primeira tentativa de analisar a prevalência epidemiológica de VIH entre a população transgénero, o estudo de Jo Bernardo e colegas (1997) veio dar a conhecer que, numa pequena amostra de 50 pessoas trans, 56% trabalhavam na indústria do sexo: 92,9% na prostituição de rua e as restantes em bares, discotecas, apartamentos e casas de massagens. Da totalidade das trabalhadoras do sexo, 46,4% eram seropositivas.

Em 2001, a antropóloga brasileira Juliana Jayme veio abraçar a discussão teórica sobre a fluidez de género a partir de uma pesquisa etnográfica entre travestis, transformistas, *drag-queens* e transexuais. Na sua tese de doutoramento, que tomou Lisboa como campo empírico de comparação ao de Belo Horizonte, mostrou que estes sujeitos, ao se reconstruírem em termos performativos, ajudavam a repensar o género como não possuindo uma estrutura binária, mas uma multiplicidade de formas. Jayme partilhava da ideia de que as identidades de género eram socialmente construídas, ligadas a contextos e relações sociais específicas, tendo como base a partilha de significados.

O relatório sobre a situação da discriminação em função da orientação sexual e identidade de género em Portugal elaborado, em 2009, por Teresa Líbano Monteiro, Verónica Policarpo e Francisco Vieira da Silva* indicava que os crimes contra pessoas trans tendiam a ocorrer, sobretudo, em sujeitos do sexo masculino que expressavam feminilidade, oriundos de países estrangeiros, e que realizavam trabalho sexual em contexto de rua. Os autores sugeriram que a combinação da dificuldade de acesso ao mercado formal de emprego (devido à discriminação associada à aparência de género) e a condição de imigrante (que lhes dificultava a integração em empregos legais e estáveis, bem como a constituição de redes sociais significativas que pudessem conceder algum apoio) eram as razões para se tornarem vítimas preferenciais de crimes.

Em 2010, os dados do relatório final do projeto *Indoors*** levado a cabo pela Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES) mostraram que, da totalidade dos profissionais do sexo contactados (n=279), dez eram travestis. A «consulta médica», os «problemas de saúde» e o «teste VIH/IST» foram as principais necessidades expressas pelo conjunto dos profissionais do sexo. Porém, além destas, as travestis expressaram também a necessidade de lidar com «pressões e abusos», apresentando maior percentagem de experiências de violência no trabalho sexual, por comparação com as mulheres e os homens trabalhadores do sexo. No que respeita aos «problemas de saúde», as travestis reportaram necessidades relacionadas com a «adequação do género», «problemas psicológicos», «problemas de peso», «hepatite C» e «VIH». Embora, na generalidade, os profissionais do sexo de contextos *indoor* trabalhassem em pares ou em pequenos grupos, todos eles, incluindo as travestis, experimentavam forte isolamento social. Como a maioria passava a maior parte do dia nos locais de prostituição, trabalhando, acabavam por ter pouco contacto com o exterior; em parte, este défice de interação com a comunidade explicava o desconhecimento dos serviços locais e das políticas nacionais.

* Os dados nele contido foram posteriormente integrados no relatório da Agência da União Europeia para os Direitos Fundamentais intitulado *Homophobia and Discrimination on Grounds of Sexual Orientation and Gender Identity in the EU Member States: Part II – The Social Situation* (EUAFR, 2009).

** Projeto desenvolvido na cidade do Porto que visava apoiar profissionais do sexo que exerciam a atividade em contextos de interior, como hotéis, apartamentos, bordéis, clubes, bares, casas de massagem, saunas, *sex shops* e outros locais fechados, de forma a protegê-los de qualquer tipo de violência (incluindo violência física, psicológica e social) e dar-lhes os meios necessários para se fortalecerem e responderem à violência.

Com a implementação do projeto PREVIH*, em 2010, elaborou-se o primeiro grande estudo que permitiu caracterizar os comportamentos de risco e avaliar a prevalência de VIH junto da população trabalhadora do sexo. Da amostra fizeram parte 1040 profissionais do sexo: 853 mulheres, 106 homens e 81 travestis, sendo que, destas últimas, 30 realizavam trabalho sexual em contexto de rua, 38 em contextos de interior e 12 em ambos os contextos. Verificou-se que 17,6% da população travesti tinha o seu estatuto serológico reportado como positivo. Este valor contrastava com os valores mais baixos da população masculina (5,0%) e feminina (7,4%) (Dias *et al.*, 2010, 2011, 2014). Ainda que a amostra pudesse ser sub-representativa, os dados eram tidos como muito graves, comparativamente com os dos países da Europa ocidental, pois revelaram uma «epidemia concentrada» (mais de 5% de pessoas a viverem com VIH) na população trabalhadora do sexo.

Como vimos, até 2011, o «estado da arte» sobre travestis era bastante empobrecido, constituído apenas por uma investigação jornalística dos anos 80, um pequeno estudo exploratório dos anos 90, uma tese doutoral brasileira e três relatórios científicos nacionais. Os dados disponíveis, embora dispersos e distantes de uma compreensão mais alargada sobre esta população, foram importantes para o início do processo de transformação das perceções sociais. As travestis, que outrora eram vistas como «perigosas», começaram paulatinamente a ser olhadas de uma outra perspetiva: a de sujeitos «vulneráveis», que possuíam uma saúde precária, sobretudo por razões do VIH/Sida, e alvo de crimes e experiências de vitimação, que, combinados, resultavam no seu isolamento e exclusão social.

A carência de estudos e a necessidade urgente de colocar na agenda política das ciências sociais (e especialmente na do serviço social) a produção de conhecimento sobre um grupo de pessoas marcadamente invisível, de forma a possibilitar a tomada de medidas que lhes garantissem a proteção de alguns direitos, foram razões para dar início a esta pesquisa. Porém, enquanto ela decorria, registou-se um crescente interesse por parte de outros investigadores, e os novos estudos — fundamentalmente ligados à temática do trabalho sexual, do Tráfico de Seres Humanos (TSH) e das identidades transgénero (cf. Anexo A, *online*) — permitiram, de certo modo, colmatar a escassez de informação e a invisibilidade do fenómeno travesti.

* Projeto da responsabilidade do Grupo Português de Ativistas para os Tratamentos VIH/Sida (GAT), em parceria com diversas organizações, que visou desenvolver o estudo «Infeção VIH/Sida nos grupos de homens que têm sexo com homens e trabalhadores sexuais: prevalência, determinantes, intervenções de prevenção e acesso aos serviços de saúde».

Alexandra Oliveira, por exemplo, depois de se dedicar à compreensão do fenómeno da prostituição de rua (Manita & Oliveira, 2002) e da prostituição de interior (Oliveira, 2004), regressou ao estudo da prostituição de rua, por constatar que esta realidade se havia alterado, em resultado do aumento e da diversificação da oferta. Não só mulheres, mas também homens e travestis, de diferentes idades e nacionalidades, se prostituíam em diferentes locais do território nacional. Ao pretender compreender estas transformações, dispôs-se a conhecer a multiplicidade de sujeitos, práticas, motivações, experiências de vida, contextos e condições laborais presentes na prostituição de rua. Estabelecendo, na cidade do Porto, o seu terreno empírico, conseguiu realizar 32 entrevistas a trabalhadores do sexo: 28 a mulheres e quatro a travestis, deixando de lado os atores masculinos. A obra *Andar na Vida* (2011a) é hoje, no panorama nacional, um dos grandes contributos para a compreensão do fenómeno da prostituição, e tem ajudado a «contrariar as aceções mais redutoras» (p. 7). Todavia, a diminuta aproximação à população travesti acabou por limitar o conhecimento sobre ela. Neste livro, a autora dedicou-lhes apenas um pequeno subcapítulo (pp. 193-196), caracterizando-a como portadora de comportamentos e vestuários «exuberantes», aliados a gestos e posturas «identificados com os das mulheres» (p. 193). Relatou que algumas travestis se automedicavam com hormonas e se sujeitavam a injeções de silicone sem supervisão médica, no sentido de procederem a alterações físicas e abraçarem a feminilidade. Eram, segundo a autora, um grupo socialmente marginalizado, inclusive pela própria família, da qual se afastavam como forma de «fuga à discriminação», tendo o trabalho sexual surgido como «a única saída» (p. 195). Em 2013, no estudo sobre sexo comercial em apartamentos, Oliveira acaba por incluir na sua amostra um maior número de «homens que têm sexo com homens»* e travestis trabalhadoras do sexo. Dos 121 participantes que responderam ao questionário, 44,6% eram mulheres, 35,5% homens e 19,8% travestis; e dos dez sujeitos entrevistados, oito eram homens e duas eram travestis. Porém, o facto de as diferentes variáveis em estudo terem sido analisadas de forma agrupada, sem diferenciações de género, impossibilitou a compreensão das especificidades de cada grupo. Em 2018, aquando da publicação do artigo «Same Work, Different Oppression: Stigma and its Consequences for Male and Transgender Sex Workers in Portugal», Oliveira dirige uma atenção especial ao grupo de homens e

* Expressão habitualmente utilizada para designar o conjunto de pessoas do sexo masculino que mantêm relações sexuais com outros homens mas que não se consideram homossexuais ou bissexuais.

travestis trabalhadores do sexo. Mas atendendo a que foram baseados nos estudos anteriores, de 2011a e 2013, os dados apresentados não permitiram acrescentar conhecimento. No entanto, é importante destacar que a experiência etnográfica da autora sobre o fenómeno do trabalho sexual lhe permite afirmar que a discriminação e a violência sobre a população travesti tende a ser mais frequente, e de maior gravidade, do que a sofrida pela população feminina, dada a acumulação de estigmas relacionados com a venda de sexo, a orientação sexual e a expressão/identidade de género. Se a estes estigmas se juntar o facto de serem migrantes ou de comunidades étnicas e raciais minoritárias, essa opressão pode tornar-se ainda mais severa. Em Portugal, a existência de projetos sociais de base comunitária voltados para o apoio desta população continua a ser francamente diminuta, o que lhe pode trazer, segundo a autora, «graves consequências físicas, psicológicas e emocionais» (p. 18).

A antropóloga Filipa Alvim (2013), que na sua tese de doutoramento procurou ir ao encontro de vítimas de TSH junto de profissionais do sexo que atuavam em espaços *outdoor* e *indoor*, etnografou diferentes projetos de intervenção na área do trabalho sexual, nomeadamente dois que acompanhavam travestis na cidade de Lisboa. Observou, curiosamente, que o único caso *dito* e confirmado de TSH se encontrava ligado à prostituição travesti. Diz ela que, não sendo esta uma realidade mediatizada pelos meios de comunicação social, pelas agências do Estado ou pelos órgãos de Polícia Criminal, pelas Organizações Não Governamentais (ONG) ou pela academia, o tráfico de travestis para exploração sexual é hoje um fenómeno marcadamente «invisível» (p. 168), para cujo combate não são dirigidos apoios específicos.

Partindo dos dados do Projeto PREVIH, que evidenciavam uma enorme vulnerabilidade à infeção por VIH por parte da população trabalhadora do sexo, a enfermeira especialista em saúde pública, Catarina Barroso (2013), procurou analisar 272 questionários aplicados a trabalhadores do sexo em contexto de interior na área da Grande Lisboa, de forma a compreender e identificar os fatores associados à utilização e ao acesso a serviços de saúde e a determinar estratégias orientadas para a informação, prevenção, rastreio e tratamento do VIH/Sida. A população travesti, que compunha 16% da sua amostra, caracterizava-se por ter maioritariamente idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos (86%), ser de nacionalidade estrangeira (93%), sobretudo do Brasil (97,5%), estando em Portugal em situação irregular (73%). Em termos de habilitações literárias, 53,5% tinha o ensino secundário, encontrando-se, porém, em situação de desemprego

(97,7%). Barroso constatou que 76,7% desta população nunca tinha recorrido a um serviço para obter informações sobre o VIH/Sida. A «internet», os «meios de comunicação social», os «amigos e os familiares» eram as principais fontes de informação. Observou, também, que 18,6% das travestis disseram não ter recebido preservativos gratuitamente nos últimos 12 meses e 46,3% não ter efetuado o teste para o VIH nesse período. A autora veio assinalar que esta população tende a manter-se afastada dos serviços de saúde sobretudo por razões de discriminação, associadas a questões burocráticas, ao desconhecimento sobre como lhes aceder, à falta de preparação dos profissionais de saúde para lidar com as suas especificidades ou ainda às dificuldades económicas, tal como já haviam sublinhado outros autores (Ramalho, Barroso & Santos, 2013). Atendendo à elevada prevalência da infeção por VIH e à dificuldade de acesso à saúde, Barroso (2013) salientou a necessidade de serem desenhadas intervenções adaptadas a esta população que, recorrentemente, tende a ser desconsiderada nas políticas de saúde pública, sugerindo a inclusão, nas variáveis dos estudos epidemiológicos, de uma terceira opção de género além do binário homem/mulher; um investimento «na sensibilização dos profissionais de saúde para a especificidade desta população» (p. 76); bem como uma aposta no desenvolvimento de intervenção que possa chegar aos «locais mais remotos» (p. 77) onde estas profissionais do sexo exercem a sua atividade, de forma a minimizar as suas vulnerabilidades.

Sandra Saleiro (2013), pioneira no estudo da temática transgénero em Portugal no domínio das ciências sociais, ao desejar compreender e interpretar o sentimento de descoincidência entre «sexo» e «género» apresentado por alguns indivíduos, procurou, na sua tese de doutoramento, mapear a diversidade de identidades e expressões de género fora do tradicional sistema dicotómico homem/mulher no contexto nacional. Do conjunto das autoidentificações que emergiram dos discursos dos sujeitos contactados, o termo «travesti», comparativamente ao de «transexual», «*cross-dresser*», «*drag*» ou «andrógino», foi o mais utilizado, encontrando-se praticamente omnipresente em todos os espaços sociais e linguísticos das pessoas transgénero. No entanto, era a população trabalhadora do sexo que tendia a reivindicar essa identidade para si. No processo de exploração desta categoria de género, Saleiro salientou algumas características que a diferenciavam de outras, como as «mulheres transexuais». Uma delas relacionava-se com o facto de a expressão da feminilidade das travestis não ser permanente e não existir uma rejeição da identidade masculina (pp. 208-209). Outra estava relacionada com a mistura entre identidades de género e sexual. Segundo

a autora, parecia «coexistir pacificamente a reivindicação de uma auto-identidade de género feminina, com a classificação da sua orientação sexual como *gay*» (p. 210), porém sem descartar a possibilidade de estes sujeitos — jovens, pouco escolarizados e provenientes de famílias com poucos recursos qualificacionais (p. 289) — manifestarem atração sexual por outras travestis ou mulheres biológicas, dado não se ter conseguido analisar casos suficientes para contemplar estas situações menos comuns. Outras características (pp. 288-302) focavam-se na relação com o corpo, na transformação física acionada por algumas delas (que, geralmente, não contemplava os genitais) e nos tipos de feminilidade construídos, cuja referência estética não era a das «mulheres comuns», mas um outro tipo de feminino que também contemplava o masculino. As formas «híbridas de género» (p. 289) construídas pelas travestis e o «desalinhamento identitário» (p. 301) que manifestavam não só com normas de género dominantes, como também com as formas de transgénero mais convencionais, era produtora de exclusão social e institucional (p. 301). No artigo «Travesti: Insulto ou Identidade» (2016), Saleiro refere a existência de discursos com conotação marcadamente negativa, perpetrados por mulheres transexuais, sobre as travestis. Explica que as mulheres transexuais — detentoras de maior reconhecimento social, pelo facto de a sua identidade ter sido construída através de referenciais médicos — manifestavam algum receio de serem associadas a uma identidade de género mais híbrida e desenquadrada dos normativos de género, que as tornasse ininteligíveis, pelo que a identificação como «travesti» era sentida como ofensiva e insultuosa. Os seus discursos tentavam, pois, demarcá-las daquilo que consideraram não ser ou daquilo que não deviam ser. E à medida que, no contexto nacional, a identidade «transexual»/«transgénero» se foi tornando mais politizada, a identidade «travesti» foi «ficando mais esvaziada» (p. 10), ao ponto de, na atualidade, as «histórias travesti» se tornarem histórias indesejáveis, que não devem ser contadas, razão pela qual são frequentemente «silenciadas» e «denegridas».

Em 2014, um grupo de profissionais da Delegação Norte da Associação para o Planeamento da Família (APF) também elaborou um artigo científico (Ramos, Teixeira, Cruz & Fernandes, 2014) baseado no conhecimento adquirido a partir da intervenção realizada com trabalhadores do sexo masculinos e travestis no âmbito do projeto Educação, Conhecimento, Orientação e Saúde — ECOS. Nele abordaram a identidade travesti, referindo que alguns sujeitos revelavam «incoerência e instabilidade temporal na forma como se classificavam, dotando esse sentido subjetivo de um carácter dinâmico» (p. 50), dependendo da altura do dia e da forma como se

encontravam vestidos. Outros sujeitos, porém, pareciam deter uma identidade mais estável, referindo-se a si apenas no feminino. Assinalou-se também, à semelhança do que outras investigações já haviam feito, a existência de sujeitos que iniciam «processos invasivos e potencialmente perigosos» (p. 50) ligados à construção corporal, realizados sem supervisão médica. Os autores declaram que «a violência dos processos de transformação a que se submetem, o perigo de vida em que muitas vezes incorrem, a quase total falta de suporte social e de saúde que sentem, demonstra bem a incontornável imprescindibilidade de adequação de políticas de saúde comunitária, mas também de cariz social» (p. 53).

Em 2017, a antropóloga Fernanda Belizário, investigadora da Universidade de Coimbra, produziu um pequeno capítulo no livro *Decolonizando Identidades: Pertenencia y Rechazo de/desde el Sur Global*, sobre as experiências de travestis brasileiras trabalhadoras do sexo em contextos *indoor* na cidade de Barcelona, decorrente da sua tese doutoral dedicada aos pós-colonialismos e à cidadania global, centrada na caracterização dos processos migratórios das travestis brasileiras para o sul da Europa, mais propriamente para Portugal e Espanha. Nesse trabalho, dá a conhecer que a migração para a Europa «é uma etapa importante para a transformação do corpo e da identidade» (p. 111) das travestis, bem como para superar os «códigos de marginalidade» presentes nos seus contextos de origem. Porém, como crítica, Belizário aponta que a atual agenda do movimento «transgénero» tende a não tornar visíveis estes sujeitos (que não se reconhecem como «transexuais», mas como «travestis»), dada a sua condição identitária, migrante e laboral.

Mais recentemente, em 2018, o antropólogo Francisco Luís publicou o livro *Travestis Brasileiras em Portugal*, resultante da sua tese de doutoramento apresentada em 2015. Partindo do interesse em descortinar as trajetórias transnacionais das travestis brasileiras, produziu uma etnografia em apartamentos, onde observou a vida quotidiana destas profissionais do sexo; as relações estabelecidas com os clientes, os namorados e outros atores não diretamente ligados à prostituição; os processos de construção corporal; os tipos de mobilidades; as redes operadas nos processos migratórios e a produção de estratégias de *marketing* para obterem sucesso no mercado internacional do sexo. Ainda que o autor se tenha focado exclusivamente nas travestis brasileiras, algumas dimensões conceptuais utilizadas apresentam afinidades com as que fui desenvolvendo na presente pesquisa.

Apesar deste recente interesse académico pelas travestis trabalhadoras do sexo, espelhado no aumento do número de investigações nacionais

que têm vindo a contemplá-las, o investimento científico sobre elas continua a ser francamente diminuto quando comparado, por exemplo, com a realidade brasileira, onde somente entre 2001 e 2010 foram produzidos 92 trabalhos (Amaral, Silva, Cruz & Toneli, 2014). Dos vários fatores explicativos desta situação destaco um, que não é abertamente assumido, mas que testemunhei no decurso deste trabalho, relacionado com as resistências levantadas por algumas instituições científicas a acolher projetos de investigação ligados a géneros e sexualidades dissidentes. Na sequência da discussão e aprovação pública do meu projeto de tese, em 2012, o mesmo foi vetado negativamente pelo conselho científico da universidade onde me encontrava, embora tenha rececionado a formalização da sua aprovação. Esta decisão prendeu-se não só com a apreensão face à reputação da universidade, que receavam ver prejudicada através da vinculação a uma investigação em torno de identidades, comportamentos e estilos de vida que entravam em conflito com a «normatividade» professada pelos administradores, como também com o receio de que ao prestar-se atenção a um fenómeno considerado «interdito» se estivesse, de alguma forma, a possibilitar a produção de discursos «não autorizados». Esta situação conduziu a que, durante vários meses, eu tivesse sofrido pressões para reconfigurar o meu objeto de estudo, sendo-me sugerido que não poderia ver discutido o trabalho caso não o alterasse e que ficaria proibido de me apresentar em eventos científicos como pertencente a essa instituição. Porém, quanto mais observava o desprezo, a aversão e a repulsa em torno das travestis, mais a minha curiosidade sobre elas crescia, porque percebia o quanto perturbavam a ordem societária. Além disso, entendia que a tentativa de controlo do conhecimento científico e de silenciamento de determinados sujeitos já de si estigmatizados teria o potencial de perpetuar a homogeneidade discursiva sobre eles, situação que o campo de estudos do serviço social não poderia consentir. Todos estes condicionantes aguçaram, pois, a minha determinação em não me subjugar a imposições institucionais e em levar adiante o presente estudo (ainda que nem sempre tivesse total consciência dos enormes custos emocionais que esta minha decisão viria a ter). E assim transferi o meu projeto de investigação para outra universidade, onde a «censura» a «temas sensíveis» é inexistente. Esta experiência permitiu-me reconhecer que, nas relações entre investigador e academia, toda a produção de conhecimento implica poder. Se, inicialmente, supus que os preconceitos não teriam lugar nas instituições científicas, por estas serem locais onde a racionalidade e a objetividade dos factos são fortemente cultivadas, acabei por compreender que elas são, à semelhança dos

demais contextos, constituídas por pessoas que carregam consigo os seus valores e crenças e que permitem que estes afetem diretamente o seu trabalho. Como tal, os cientistas, ao serem permeados por códigos morais, podem facilmente validar, rejeitar ou condicionar o rumo de investigações quando confrontados com determinados temas ou objetos de pesquisa que entram em conflito com as suas convicções sociais, culturais, filosóficas ou religiosas.

Todos os indivíduos se constroem de acordo com as interações sociais estabelecidas e as possibilidades (ou impossibilidades) que delas vão surgindo dentro dos contextos específicos em que se encontram inseridos. Quer isto dizer que a identidade não é uma condição estática, mas uma prática que se constitui nas relações sociais através da aquisição de significados atribuídos pelos outros, que ao longo do tempo vão sendo organizados na estrutura, formando um sentido do *eu*. A identidade é, por isso, uma realidade fundada na experiência social, na qual os indivíduos se tornam possíveis, e, como tal, os recursos de que estes dispõem em dado momento são fundamentais para se construírem. Partindo deste entendimento, as minhas interrogações iniciais levaram-me a crer que as experiências sociais que as travestis trabalhadoras do sexo haviam tido no passado, bem como as condições materiais, emocionais, familiares e culturais que lhes estavam acessíveis, teriam contribuído, de alguma forma, para determinar a sua identidade. O «virar travesti» — expressão que elas frequentemente utilizam para designarem o seu processo de «oscilação» e/ou «migração» de género (Ekins & King, 2006) — teria sido a materialização da possibilidade de existência dentro dos sistemas sociais que partilhavam, ou seja, teria sido o «lugar» no qual puderam constituir-se ontologicamente e afirmar-se como pessoas.

Neste sentido, pretendi, num *primeiro objetivo*, compreender não só em que consistia a identidade travesti, como também a partir de quê e como ela teria sido produzida. Que mecanismos sociais teriam sido acionados para que determinados sujeitos iniciassem e desenvolvessem processos de travestilidade, em detrimento de outros (por exemplo, ser *gay* efeminado, *drag*, transformista, transexual)? Como se teria elaborado o processo de construção identitária até se reconhecerem como travestis? Ressalvo que evitei determinantemente responder aos questionamentos sobre os motivos por que determinados sujeitos se tornam travestis numa vertente de patologização, pois, como refere o sociólogo Tiago Duque (2009, p. 143), «sobre os ‘não normais’, sempre recaem indagações a respeito da sua origem e as possíveis justificativas para a sua existência. O mesmo não ocorre

com os ‘normais’, tidos como existindo ‘naturalmente’, o que legitima o seu *status* de ‘humanidade’». O que pretendi foi, antes, problematizar as diferentes experiências vividas pelas travestis, de forma a compreender as suas subjetividades. Para tal, necessitei, obviamente, de desvendar o modo como as suas trajetórias de vida tinham contribuído para essa construção pessoal e identificar os pontos de viragem, isto é, as «forças sociais» que, em certo momento, transformaram positiva ou negativamente o curso da sua vida e as opções futuras.

Porém, um estudo sobre o «virar travesti» conduzia-me, inevitavelmente, à necessidade de compreender e interpretar as relações entre as trajetórias de vida, o género e o trabalho sexual. Em que medida estariam estes elementos interligados? Como se cruzavam? Desejava saber de que forma o trabalho sexual poderia (ou não) ser um elemento facilitador para a construção e consolidação do «ser travesti». Todos estes questionamentos me levaram, pois, a formular um *segundo objetivo*, centrado na necessidade de conhecer intimamente os espaços de trabalho sexual nos quais as travestis se integravam. Para tal, precisaria de dominar as suas linguagens, entender as características, práticas, dinâmicas e particularidades que organizam a ação profissional das travestis, para compreender, na realidade, como se revestia a sua identidade. Com base no conhecimento das histórias de vida e do trabalho sexual, pretendi, num *terceiro objetivo*, identificar as experiências de vulnerabilidade social a que as travestis se encontravam sujeitas e que, em certa medida, as mantinham segregadas, em condições de invisibilidade e exclusão social, bem como as estratégias que usavam para adquirir suporte, o que implicou identificar as suas relações e as formas de sociabilidade estabelecidas no seu quotidiano.

De uma maneira geral, pretendi olhar de perto a experiência travesti e o seu *modus vivendi* para captar, a partir do seu ponto de vista, as suas trajetórias de vida e os pontos de viragem sentidos como relevantes na construção da sua identidade; os significados atribuídos às suas ações, práticas, atividades, costumes e crenças; os vínculos e laços interpessoais significativos, assim como outros aspetos que me permitissem dar sentido à forma como estruturavam o seu mundo social e cultural. Dos contactos pontuais que havia estabelecido com esta população, primeiro no Brasil e depois em Portugal, percebi que a sua perspetiva não era perceptível para quem se mantinha *do lado de fora* a observá-las, situação que gerava discursos que, pelas suas visões distorcidas sobre a realidade, tendiam a produzir classificações, rótulos e ideias preconcebidas a seu respeito e à natureza das suas relações com a realidade envolvente. Por isso, chegar até elas,

tentar compreender as suas histórias a partir de «dentro» e «dar-lhes voz» para falarem sobre si mesmas era o meu desejo. O sociólogo Ken Plummer (1995) observa que muitas histórias, especialmente as de grupos marginalizados, mantêm-se silenciadas, esquecidas, ignoradas, entendendo que a conquista de visibilidade pode ocorrer aquando da difusão das suas narrativas, processo que designa por *story telling*. O «contar histórias» é, para o autor, uma ferramenta extremamente útil para promover a mudança social e política e a aquisição de direitos. Da mesma maneira, acreditei que o ato de narrar as histórias das travestis teria o potencial de ajudar a revelar a sua vida, de estabelecer uma rutura com os vários discursos estigmatizadores sobre elas, e de trazer para o centro da discussão um grupo de pessoas que, até então, se mantinha na margem das margens. Trazer à luz fragmentos do seu quotidiano exigia, porém, uma perspetiva que fosse além da mera curiosidade que as suas vidas pudessem despertar, pelo que esta investigação tentou, *sempre*, fugir à *exotização* travesti e centrar-se, sobretudo, na sua humanização, dignificação e reconhecimento social.

Para materializar estes objetivos e aceder a importantes dimensões da vida travesti, percebi desde logo que teria de proceder a uma profunda imersão na sua «cultura», só possível pelo contacto direto e o desenvolvimento de relações de confiança, resultantes de uma presença prolongada junto dos diferentes contextos sociais em que se moviam. Tinha a noção de que, para ser aceite junto delas, era necessário viver dentro dos seus ambientes, misturar-me com elas, tentar-me pôr na sua pele, no seu lugar, no fundo, *tornar-me nativo*. A *etnografia* ou *pesquisa de terreno* mostrou ser o método que melhor se adequava aos objetivos traçados, pela grande relevância no estudo de fenómenos sociais ocultos, clandestinos, desviantes ou incompreendidos. A etnografia é uma forma de investigação que pretende compreender o outro e, através das suas lógicas de ação, possibilita não só descrever situações, ambientes, pessoas, discursos e vulnerabilidades, como analisar e interpretar a «cultura» e o sentido da vivência dos indivíduos em determinados contextos. Ao captar a experiência social por via da perspetiva interna, consegue, obviamente, compreendê-la muito melhor do que através de qualquer outro método.

Porém, as diminutas relações que, até então, havia estabelecido com travestis trabalhadoras do sexo, aliadas ao facto de estas procurarem privilegiadamente os meios «fechados» ou «secretos» para se protegerem da estigmatização social, originaram, desde logo, dificuldades de acesso. Onde poderia eu encontrá-las? Como poderia aproximar-me delas? Por onde começar a etnografia? Estas e outras questões interpelaram-

-me, causando forte sentimento de angústia. Foi somente através da Rede sobre Trabalho Sexual (RTS)* que tomei conhecimento do projeto «Trans-Porta» e, por via deste, pude aproximar-se da população travesti. Este projeto, desenvolvido pela Delegação de Lisboa, Tejo e Sado da APF, intervinha nos contextos de rua onde as travestis exerciam o trabalho sexual, fornecendo-lhes materiais para a redução de riscos. Sabendo que a minha integração no projeto estava dependente, em larga medida, de autorização institucional, tentei expor o conteúdo da minha pesquisa, deixando claro que não pretendia fazer das travestis um objeto «exótico», mas observar as suas interações, complementadas por entrevistas, para tentar compreender, a partir de dentro, as suas identidades, a natureza das relações sociais, as violências sofridas e os motivos da sua rejeição social. Após ter encontrado esta janela de oportunidade, e de ter sido aceite nas «brigadas de rua» do projeto «Trans-Porta», dei início formal ao trabalho de campo em fevereiro de 2012.

Na medida em que a zona do «Conde Redondo», pertencente às freguesias de Arroios e Santo António, era considerada, na Grande Lisboa, como o local de maior expressão de prostituição de rua travesti, o «Trans-Porta» tinha aí a sua atuação. Por se localizar num espaço central da cidade e, em simultâneo, acolher pessoas em posição de isolamento e segregação socioespacial, de visibilidade bastante diminuta, este espaço era paradigmático, conciliando o *centro* e as *margens*. O «Conde» — designação pela qual era conhecido entre as travestis — impôs-se-me como a minha unidade socioterritorial de pesquisa, onde desenvolvi a maior parte das atividades de recolha de dados.

Ao contrário de outras etnografias cuja abordagem é composta por uma observação contínua no território, implicando muitas vezes a vivência do investigador nesse espaço, a minha realizou-se de forma interrompida, sujeita ao horário da intervenção do «Trans-Porta», realizada quinzenalmente, às sextas-feiras, em horário noturno. Face aos objetivos estipulados, considerei insuficiente a estadia no Conde duas vezes por mês, uma média mensal de 12 horas de observações. Para conhecer as travestis e ganhar a sua confiança, eu tinha de «gastar tempo» com elas. Por esta razão, prolonguei a estadia no terreno por mais tempo do que tinha previsto, dando por terminada a recolha de informação em março de 2017. No total, acabei por dedicar cinco anos a observar e a descortinar a vida travesti, as suas interações,

* Conjunto de organizações e indivíduos — incluindo investigadores, ativistas e, inclusive, alguns trabalhadores do sexo — que atuam a nível local, regional e nacional junto de pessoas que realizam trabalho sexual.

os seus comportamentos, discursos e sentimentos. As cerca de 720 horas de observações no Conde permitiram-me estabelecer contacto personalizado com 230 trabalhadoras do sexo: 195 travestis e 35 mulheres cisgénero*. A amplitude da investigação deu origem a uma macroetnografia.

Sabendo que a fiabilidade dos dados depende do êxito das interações sociais, procurei, num processo negocial demorado (nem sempre com garantia de sucesso), estabelecer paulatinamente relações de confiança com as travestis. Desde logo, tentei gerir a minha distância pessoal, a fim de não parecer demasiado frio (se me mantivesse em silêncio, somente a observar) ou demasiado invasivo (se apresentasse uma postura interrogativa), mostrando uma atitude empática, respeitadora e sensível às suas experiências pessoais durante as conversas de rua. Ao longo destas interações tentei, também, que a minha postura fosse de acolhimento e escuta ativa, manifestando interesse pelas suas vidas, sem nunca me centrar na valoração dos seus comportamentos sexuais, na atividade desempenhada ou na identidade/expressão de género. Embora carregasse no meu pensamento uma lista de questões para as quais pretendia obter resposta, tentei nunca fazer perguntas inconvenientes que pudessem melindrar a minha aproximação e fazê-las sentirem-se desconfortáveis.

Conseguir gerar confiança implicou ter de me inserir não só nos espaços prostitucionais, como também nos bares, cafés, pensões e saunas frequentados pelas travestis, procurando causar a menor perturbação possível junto das suas dinâmicas laborais e de sociabilidade.

Para me misturar no seu mundo e deixar de ser visto como um «estranho», tive ainda de reduzir as diferenças entre mim e as travestis e, inclusive, de aprender as suas linguagens. Sabe-se que a utilização de calão é um elemento caracterizador do mundo da prostituição, surgindo muitas vezes da necessidade de demarcação dos seus limites face ao mundo exterior. José Barra da Costa e Lurdes Barata Alves (2001, p. 107) acreditam que este código linguístico é usado para desempenhar duas funções: comunicativa e indicativa. Ou seja, por um lado serve para comunicar uma informação ao resto do grupo sem que indivíduos externos compreendam o seu significado, por outro lado, é um sinal de pertença a um determinado grupo. Uma vez que os portadores da gíria tendem a ser reconhecidos pelos outros utilizadores como «um dos nossos», tentei dar especial atenção não só às frases e expressões idiomáticas utilizadas pelas travestis, como tam-

* *Cis* é o prefixo latino para designar «do mesmo lado». Por isso, a palavra cisgénero (ou cissexual) é usada, em oposição a transgénero, para designar sujeitos cuja identidade ou expressão de género corresponde ao sexo atribuído no nascimento.

bém às circunstâncias em que eram aplicadas, na intenção de compreender melhor os seus significados e conseguir utilizá-las nas conversas que ia estabelecendo com elas (ver Glossário). Neste jogo de adequação pessoal, através do qual pretendi estabelecer afinidades, a adequação da linguagem tornou-se fundamental, impedindo que eu ficasse excluído dos seus espaços de interação repletos de significatividade.

Determinadas características físicas, sociais, culturais e técnicas do investigador também têm influência na condução do processo de recolha de informação, podendo constituir-se como uma via de acesso ou como um obstáculo, impedindo ou possibilitando o trabalho de campo. Neste caso, e considerando a temática do género em estudo, podiam levantar-se dúvidas acerca da forma como o meu género influenciaria a aproximação às travestis e a fiabilidade dos dados obtidos. Anteriores estudos etnográficos com pessoas trans confirmam ser difícil, e até mesmo problemática, a aproximação de investigadores homens cisgénero (como eu), junto de certas categorias de pessoas transgénero, nomeadamente as que expressam feminilidade (nas quais se inclui a população travesti). Atendendo à ordem de dominação que estrutura as relações sociais entre géneros, o facto de ser homem e desejar estudar o fenómeno da prostituição travesti poderia implicar limitações ao tipo de relacionamento que pretendia desenvolver. Se, por um lado, poderia haver resistências por parte das travestis, por outro, sendo aceite, o quadro relacional poderia ficar envolto numa erotização. De todo o modo, as dificuldades de aproximação associadas ao meu género não se verificaram, porque a esta característica se juntou uma outra: a minha orientação sexual. Assumir-me com um homem *gay* perante as travestis veio a revelar-se um elemento facilitador de todo o processo de investigação. Pouco tempo depois de estar no terreno, as travestis interpelavam-me recorrentemente sobre a minha orientação sexual. Desejavam, a todo o custo, saber se seria ou não «bicha» como elas. Este questionamento que me dirigiam (e também a outros elementos da equipa) fazia-me sentir indubitavelmente desconfortável, sem saber o que dizer: contar ou não parte da minha vida privada? Mas compreendi que, ao procurar conceder visibilidade às travestis, eu próprio teria de me expor, porque de outra maneira seria sempre olhado por elas como um «estranho», um «desconhecido»; percebi que, em etnografia, os papéis de «observador» e «observado» facilmente se misturam. Como refere Tiago Neves (2004, p. 99), «para estabelecer relações de confiança, é importante que o etnógrafo seja capaz de se expor, de selecionar situações em que possa revelar a sua vulnerabilidade; caso contrário, estabelecerá uma relação de

superioridade relativamente aos sujeitos em análise, reduzindo-os ao estatuto de meros objetos de pesquisa». Curiosamente, o assumir abertamente a minha orientação sexual foi um fator de transformação e consolidação da relação pessoal de confiança que eu vinha desenvolvendo com elas. Lembro-me de que, ao revelar esta dimensão da minha vida a uma das travestis, ela me abraçou com força, visivelmente contente e emocionada, segredando-me ao ouvido «afinal somos manas!» Pertencer à minoria LGBT foi um ponto em comum, aquilo que possibilitou o acesso a narrativas que não seriam tão facilmente reveladas a outro tipo de investigadores.

À hora de iniciarmos as brigadas, era habitual encontrá-las no *Café do Carlos**, nome que as travestis davam ao estabelecimento comercial que servia de ponto de encontro. Sentado junto delas, eu aproveitava para me inteirar sobre todas as novidades. Durante estes momentos, havia sempre uma ou outra que acabava, em confiança, por partilhar as suas angústias e preocupações. Em troca, por escutá-las atentamente, faziam questão de me pagar qualquer coisa, mostrando a sua simpatia: «Um café, não? Uma bebida, vá lá! Eu pago-te uma bebida! Senhor Carlos, é um *whisky* para ele!» Na maior parte das vezes rejeitava a oferta, desculpando-me por não estar habituado a beber cafés à noite nem a ingerir bebidas alcoólicas. Mas, como é evidente, houve situações em que acabei por abrir exceções. Nos diálogos estabelecidos, embora nunca tivesse havido um explícito compromisso verbal de confidencialidade, elas sabiam, por observação do meu comportamento, que a informação que ia sendo partilhada comigo não era transmitida a outras travestis. Por isso, fui sendo reconhecido como «alguém de confiança» a quem poderiam contar o que quer que fosse, sem receios do que poderia pensar ou fazer com essa informação. O facto de algumas saberem que eu era assistente social contribuiu, também, para a minha transformação numa espécie de confidente. Verbalizavam-me não só os seus problemas pessoais, como ainda solicitavam ajuda para a sua resolução. Por isso, acabei por participar, em diferentes graus, nas suas trajetórias pessoais e familiares. Nas situações de maior vulnerabilidade, ajudei-as a procurarem alternativas habitacionais, respostas emergentes de âmbito alimentar ou a aceder a prestações sociais por razões de fragilidade económica. Apoiei-as, também, em termos de saúde, com o esclarecimento de informação relativa a horários, localização e contacto de espaços para testagem do VIH/Sida; procedimentos para acompanha-

* Os nomes de todas as pessoas enunciadas neste trabalho são fictícios. Os seus nomes verdadeiros permanecerão confidenciais de forma a assegurar o seu anonimato e impossibilitar a sua identificação.

mento nas consultas de sexologia clínica ou relativos à mudança de nome próprio e sexo na Conservatória do Registo Civil. Acompanhei-as, ainda, às urgências hospitalares e visitei-as quando, por motivos de doença, ficaram internadas. Dispus-me, também, a esclarecer-lhes informação de conteúdo jurídico-legal sobre o enquadramento da concessão de autorização de residência permanente, da nacionalidade portuguesa, da união civil/divórcio ou do regime de execução de penas e medidas privativas da liberdade. Muitas destas atividades resultaram em marcação de consultas e encaminhamentos para estruturas de apoio social, médico ou jurídico de âmbito nacional ou internacional. Neste sentido, tive de desenvolver processos de mediação recorrendo a contactos pertencentes às minhas relações profissionais, na maior parte das vezes realizados com o meu telefone pessoal e, nalguns casos, as deslocações a essas estruturas foram efetuadas no meu próprio carro.

Esta dimensão de «troca» é inerente à vida de qualquer etnógrafo, na medida em que cada uma das partes dispõe de recursos diferentes para oferecer. Partilhei as minhas competências técnicas, os meus bens (telemóvel e carro), o meu tempo pessoal e, inclusive, algumas despesas associadas à construção e manutenção do relacionamento (p. ex. comida e refeições conjuntas). Estes recursos forneceram a base para uma reciprocidade interpessoal, permitindo-me reforçar as relações e encurtar as distâncias entre mim e as travestis.

Só depois de longos meses no terreno, quando pela primeira vez fui convidado para jantar na casa de uma delas, comecei a ter maior consciência do quanto o meu papel se tinha distanciado do ponto inicial, quando se centrava na distribuição de preservativos. Observei que as relações cordiais de antigamente eram agora de intensa afinidade. Sentia que as travestis nutriam por mim verdadeira afeição, razão pela qual não só faziam questão de me mostrar que estavam chateadas quando me detinha a conversar por mais tempo com uma outra travesti, como também faziam questão de me incluir nas suas vidas*. Eu sentia-me tremendamente acarinhado por estes convites. E com a sua aceitação, tive a possibilidade de conhecer os seus amigos, namorados, familiares, as redes de suporte e de sociabilidade. Tinha por fim conseguido entrar nos seus circuitos privados e pertencer ao seu «mundo», pelo que já não era visto como «um de fora». Constantemente, elas faziam-me sentir «lá de dentro», como se eu tivesse sempre ali

* Convidando-me, por exemplo, a ir aos seus espaços domésticos, a estar presente nas suas comemorações de aniversário, casamento ou ir assistir aos seus *shows* de transformismo realizados em diferentes bares e discotecas de Lisboa.

pertencido. Embora me tivesse esforçado por cumprir algumas recomendações dos manuais de metodologia para me *tornar nativo*, aprendi que as travestis não esperavam que eu fosse semelhante a elas. Mostravam-se interessadas em mim precisamente porque eu era, de certo modo, «diferente», por apresentar particularidades únicas no meu modo de agir, bastando o meu interesse genuíno por elas.

A interação com as travestis, outrora mediada pelo projeto «Trans-Porta», foi sendo fomentada por outras vias: *e-mail*, telefone e, sobretudo, Facebook. Através da solicitação de um «pedido de amizade», na maior parte das vezes dirigido por mim, consegui não só ter acesso à privacidade das suas vidas, como ainda estabelecer interações *online* que se traduziram em convites para eventos, esclarecimento de dúvidas, revelação de confidências e desabafos. Acabei, assim, por estar envolto num trabalho de etnografia digital. Deste modo, a investigação extrapolou em muito o território do Conde. Embora tivesse sido um campo relevante e central em todo o trabalho, o Conde não foi o único território que me permitiu chegar a informações sobre as diferentes dimensões da vida travesti e aceder às suas narrativas.

Os esforços empreendidos no desenvolvimento de diferentes abordagens metodológicas resultaram na realização de 21 entrevistas em profundidade a travestis trabalhadoras do sexo, com foco no método biográfico, de forma a permitir a reconstrução das suas trajetórias familiares, sociolaborais, migratórias, afetivas, sexuais, entre outras, dado estarem em estreita relação com o seu processo de construção pessoal e identitária. A seleção de Marlene, Diva, Cristiana, Dalila, Fabiana, Estefani, Ivone, Leila, Carina, Liliana, Zara, Nádia, Olga, Alessandra, Priscila, Rebeca, Bianca, Sabrina, Carole, Cynthia e Rafaela (cf. Anexo B, *online*) decorreu de critérios que garantissem a heterogeneidade do grupo, em função de: (i) idade; (ii) nacionalidade; (iii) escolaridade; (iv) tempo de exercício do trabalho sexual; e (v) «modalidade» de expressão de género. Com efeito, das 21 travestis entrevistadas, 12 eram portuguesas e nove estrangeiras, sendo seis brasileiras, duas cabo-verdianas e uma equatoriana, com idades compreendidas entre os 23 e os 56 anos. Em termos escolares, havia travestis que tinham completado o primeiro ciclo do ensino básico e outras que tinham tido frequência universitária. O tempo de exercício do trabalho sexual oscilava entre quem se prostituía há 12 meses e há 35 anos. E em termos de expressão de género, havia quem se apresentasse em *full-time* como «mulher»; quem se encontrasse num processo «migratório» de género, expressando a feminilidade em *part-time*; e ainda quem se identificasse com o género masculino,

expressando a feminilidade somente nos contextos de trabalho sexual ou de divertimento noturno.

Após a transcrição das entrevistas, deparei-me com um acervo de 653 páginas de dados brutos, que posteriormente foram submetidos a técnicas de análise de conteúdo para reduzir a complexidade dos dados e introduzir uma ordem no material que até então se encontrava desorganizado. Com a formulação de sucessivas inferências, fui atribuindo sentido aos discursos e construindo indutivamente um paradigma compreensivo, explicativo e interpretativo da «cultura» das travestis trabalhadoras do sexo em Portugal, cujos resultados são apresentados neste livro.

Este conjunto dos dados recolhidos por via das observações e das entrevistas foram sendo coadjuvados pela minha participação em muitas outras atividades de âmbito comunitário (de comemoração de datas particulares respeitantes às identidades trans e trabalhadores do sexo; de celebração de galas; de promoção de ciclos de cinema; de peças de teatro e de exposições) e científico (como tertúlias/fóruns de discussão e reuniões/conferências académicas) que apresentavam fortes ligações ao objeto em estudo. Por serem fontes inesgotáveis de conhecimento, ajudaram-me a enquadrar, a compreender e a interpretar a informação recolhida por mim.

Em consequência da minha imersão na vida das travestis, acabei por partilhar do pensamento de Fernando Bessa Ribeiro (2011) acerca da defesa da legitimidade do uso do conhecimento científico para a emancipação social. Diz ele que «o exercício das tarefas inerentes às condições de investigador não exige a renúncia ou a suspensão dos compromissos políticos e sociais que estruturam a cidadania» (p. 237). Na verdade, a minha condição de investigador reforçou o meu compromisso com os direitos humanos e a justiça social, valores já de si basilares da profissão de assistente social. E não podendo ficar indiferente ao conhecimento obtido, impliquei-me na sua revelação com a escrita e publicação deste trabalho. Como cientista social, estou convicto de que a investigação se deve revestir de uma utilidade prática, com a possibilidade de favorecer um «saber comprometido», orientado para uma agenda social e política. Espero, pois, que este trabalho possa contribuir para uma melhor compreensão, visibilidade e reconhecimento, como também para uma defesa e reivindicação dos direitos das travestis e de todas as outras pessoas que expressam o género e a sexualidade de forma não normativa.

Por fim, resta-me desejar que a leitura desta investigação seja tão cativante quanto foi para mim concretizá-la.